Literatura e arte africanas em Lisboa Pág. 11

Eduardo Lourenço no "Ler/Escrever"

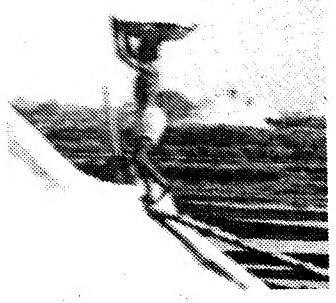
De «Fernando Pessoa Revisitado», ensaio de Eduardo Lourenço editado por Moraes Editores em segunda edição, transcreve o número de hoje de «DL Ler/Escrever», o segundo capítulo do estudo em questão. Trata-se do capítulo que refere um dos heterónimos de Fernando Pessoa: o de Alberto Caeiro. Certamente que o leitor não se contentará com a parte por nós escolhida, pelo que, na posse do livro, «revisitará» mesmo Pessoa...

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 805 Quinta-feira, 11 de Julho de 1985 Preço 40$00

Parlamento votou adesão à CEE

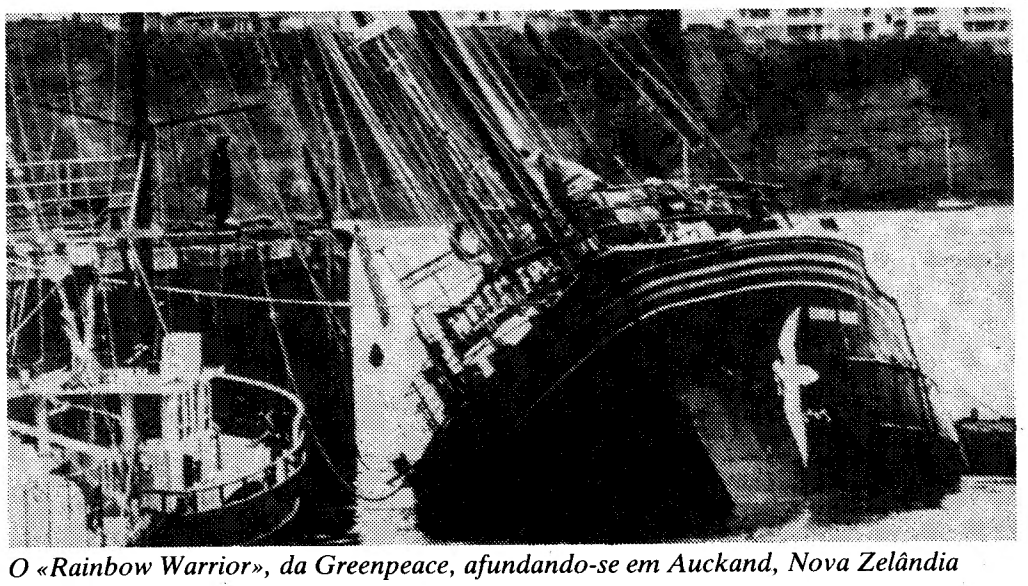
Pág. 6



Há uma vida selvagem que espera por si

Pág. 16

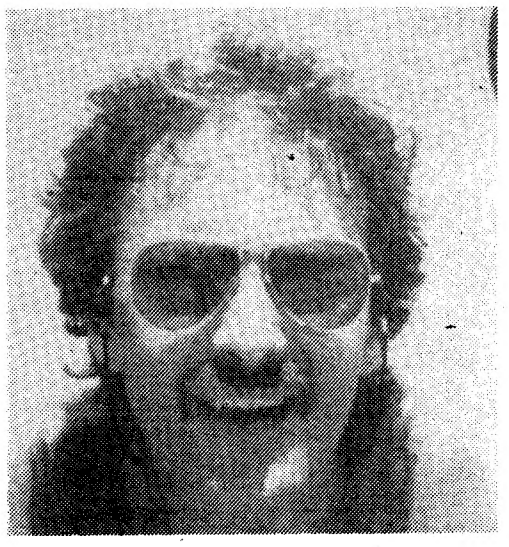
Fotógrafo português morre em atentado contra barco de militantes ecologistas



O «Rainbow Warrior», da Greenpeace, afundando-se em Auckand, Nova Zelândia

Fernando Pereira, fotógrafo português 33 anos, morreu ontem no atentado ao barco «Rainbow Warrior», que desde 1977 pertencia ao movimento ecologista «Greenpace». O corpo do fotógrafo português, que há oito anos vivia em Amesterdão e se havia naturalizado holandês, foi retirado sem vida das águas do porto de Aurland, na Nova Zelândia. Fernando Pereira foi apanhado a bordo do navio quando ocorreu a segunda explosão. O atentando, que ainda não foi reivindicado, foi perpetrado com o barco fundeado no porto de Aucrland, na Nova Zelândia. O «Rainbow Warrior» dirigia-se para a área de Atol Mururoa, na Polinésia (Sul da Pacífico), para protestar contra testes nucleares franceses, na primeira semana de Agosto. Fernando Pereira era um dos membros fundadores do Movimento Ecologista «Greenpace», organização criada em 1971. «Morreu ao seu serviço», disse em Londres um porta-voz da organização.

Pág. 9



Fernando Pereira

Mortimore com ases na manga

Mortimore chegou ontem e já esta manhã esteve na Luz, para assistir aos testes médicos a que se submeteram os novos recrutas e certos jogadores que o Benfica tem por aí, cedidos a longo ou médio prazo. Amanhã, será a vez de se apresentarem os «craques», com a garantia do técnico britânico ter **«conversa especial com Carlos Manuel, Diamantino e José Luís»**, o triunvirato que se mantém fora das perspectivas financeiras do presidente Fernando Martins. **«Se o nosso encontro não resultar** (diz Mortimore) **há hipóteses de outros jogadores, especialmente ingleses ou escandinavos».**

Pág. 19

Júlio Borges dá as boas-vindas em nome do Benfica

Não congele a sua sorte: concorra e ganhe

CONCURSO ANIVERSÁRIO

Um Combinado PHILIPS no valor de 115 000$00

Na pág. 2

6.º PRÉMIO

O cupão n.º 10

Nela, 17 anos, estudante

O passado histórico de Lisboa deve ser preservado

— O que estuda?

— Estou no 9.º ano de Arte e Design.

— Porque escolheu esse curso?

— Sempre gostei de desenho e quero tirar o curso de Arquitectura.

— O que pensa da arquitectura lisboeta, actualmente?

— As ruas são pequenas, mas nós também não as sabemos aproveitar.

— O que pensa do novo tipo arquitectónico das Amoreiras?

— Acho que é giro, pelo menos é diferente do que existe.

— Gostaria de vir a realizar projectos como esse?

— Não sei, daqui a uns anos até pode ser que haja estilos novos, não devemos andar sempre a fazer o mesmo, é necessário criar.

— Acha que se deve manter a traça característica de cada zona?

— Sim, pelo menos nos bairros típicos, como é o caso de Alfama. Lisboa tem um passado histórico que deve ser preservado.

— E tem sido?

— Não, e isso é lamentável, porque esses bairros fazem parte do nosso património.

— Qual seria a solução ideal para Lisboa, a nível arquitectónico?

— Essa é uma questão à qual não sei responder, porque não estou, ainda, preparada para o fazer, no entanto, parece-me que há, por aí, uns arquitectos a brincar com projectos e não fazem nada de útil.

— Como ocupa os tempos livres?

— Vou até uma discoteca com os meus amigos, vejo televisão e leio bastante.

— Qual a sua opinião sobre os programas transmitidos na Televisão?

— Acho que, cada vez, são de pior qualidade. São muito poucos os programas de cultura geral.

— Costuma ver telenovelas?

— Não muito, é uma coisa que não me desperta a atenção. Além disso, acho que são responsáveis pelo mau português que os jovens, hoje em dia, empregam. Já são mais brasileiros que portugueses.

— Não acha que isso também acontece em relação aos filmes estrangeiros?

— Talvez, mas, pelo menos, os filmes são bons, embora os repitam demasiadas vezes.

— Os portugueses estão a ser colonizados culturalmente?

— Parece-me que sim.

— Se pudesse governar o que começava por mudar?

— Não sei, não percebo nada de política. Mas, talvez, começasse por tentar mudar a situação dos jovens, sobretudo no que se refere à educação e habitação.

— Que alterações seriam necessárias?

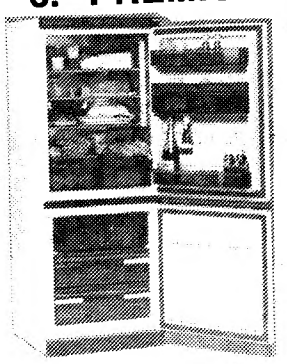
— Rendas mais baixas para que quem casa encontre habitação, por um lado; por outro, gostaria de acabar com os problemas trazidos pela droga.

— Sabe que, nos dois últimos anos, o número de toxicómanos aumentou?

— Não admira, os jovens têm medo de enfrentar a vida, pois nem emprego encontram.

O futuro feito Philips

6.º PRÉMIO



6.º Prémio — Um COMBINADO PHILIPS — frigorífico-+ congelador vertical (ARB 484) de 305 litros de capacidade (195 l no frigorífico e 110 l no congelador), alta capacidade de congelação com «performance» de 4 estrelas para armazenamento de alimentos gelados e congelação automática de comida fresca; descongelação automática no frigorífico e manual no congelador; duas lâmpadas luminosas de controlo, e uma de iluminação no interior; possibilidade de inverter o sentido de abertura das portas; dois pés ajustáveis frontais para fácil deslocação; 190W de potência máxima e 1,8KWh/24 horas de consumo; 4 prateleiras no frigorífico mais 3 na porta; 1 compartimento c/ porta no congelador para congelação rápida; peso total de 66kg (72kg empacotado) e com as dimensões de 160 x 59,5 x 60cm (entre mais 8 a 10cm quando empacotado.

O carro que o compreende a si

1.º PRÉMIO
Um automóvel Peugeot 104 ZL da Mocar SARL

CONCURSO ANIVERSÁRIO 10

DESCUBRA PORTUGAL

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

RTP tem correspondido às pressões do Governo

— diz comissão parlamentar

A comissão de inquérito à Radiotelevisão Portuguesa constatou que o conselho de gerência deste importante órgão de Comunicação Social «tem recebido solicitações ou pressões do Governo, partidos ou outras entidades, tendo-lhes dado, nalguns casos, seguimento ou concretização».

Segundo um relatório tornado público, no dia de ontem, pelos serviços da Assembleia da República, a comissão parlamentar de inquérito, que se reuniu ao longo de 57 sessões num total de 145 horas, constatou também «que no programa sobre a UNITA se verificou a violação flagrante das normas legais aplicáveis à movimentação de divisas, quer quanto ao «plafond» do orçamento cambial da RTP, quer quanto ao modo de obtenção das divisas necessárias à realização do programa».

A comissão concluiu que houve «um acordo prévio à tomada de posse do conselho de gerência, entre o Primeiro-Ministro e vice-primeiro-ministro, que previu a escolha dos membros do conselho de gerência entre elementos de confiança dos partidos da coligação, tendo em conta a respectiva posição política e experiência profissional, e ainda uma estrutura do conselho de gerência, concretizada com o consenso dos elementos designados, apta a garantir o equilíbrio político no interior da coligação PS/PSD». Esta distribuição partidária de pelouros levou a comissão a concluir que tal circunstância deu «lugar a perturbações na cadeia hierárquica da empresa, nomeadamente na informação e programação».

Desrespeito pela cadeia hierárquica

Os deputados que fizeram parte desta comissão parlamentar constataram que houve «interferências do Conselho de Gerência relativamente às competências dos serviços de Programação e Informação, práticas aliás, referenciadas como constantes na actuação de gerências anteriores». Durante a elaboração do relatório, não foi possível saber-se que «critérios determinaram a produção de programas».

A comissão constatou, igualmente, que o presidente do conselho de gerência desrespeitou a já mencionada distribuição de pelouros, designadamente no caso de programas «testemunhos» e «A Feira das Vaidades».

Segundo se pode ler no relatório de 15 páginas «constatou-se também que, apesar de existirem actas das reuniões e deliberações do conselho de gerência, houve decisões importantes no domínio da programação, informação, organização e gestão, que não foram objecto de apreciação ou deliberação em conselho de gerência».

Concluiu-se, igualmente, «ter havido interferências, por parte de membros do Governo, designadamente pelo então ministro da Educação, condicionantes do trabalho informativo».

Revela-se no relatório que o Primeiro-Ministro abordou o Conselho de Gerência antes da prevista emissão do programa sobre a UNITA, com vista à sua suspensão». Constatou-se, por outro lado, que o «tratamento que tem vindo a ser dado às forças políticas não representadas no Governo é discriminatório». Para conhecimento da opinião pública ficou a saber-se que o Conselho de Gerência «impediu a emissão de programas».

O caso da UNITA

No ponto 22 do relatório, lê-se que o «presidente da Televisão não permitiu a emissão dos programas sobre a UNITA e «Primeira Página», relativo ao aborto, não se conhecendo, no entanto, qualquer deliberação do conselho de gerência sobre a matéria».

A comissão parlamentar constatou igualmente que no primeiro ano de gestão de Palma Ferreira não se realizaram debates políticos interpartidários, ao contrário do que vinha sucedendo». Foi também concluído que «o prolongamento das emissões violam determinações governamentais, prática que, aliás, era adoptada por anteriores conselhos de gerência». Constatou, finalmente, que «a política de Informação da RTP em sido objecto de crítica por parte do Conselho de Informação para a RTP, Conselho de Imprensa, Conselho de Comunicação Social e do Conselho de Redacção da RTP».

Política económica

A comissão parlamentar encarregada de elaborar o inquérito às actividades da Radiotelevisão Portuguesa dedicou, também, atenções à parte da política económica e financeira. Assim, constatou que «o planeamento das actividades da RTP se processa de forma irregular, pela impossibilidade de cumprimento de planos pré-estabelecidos em consequência, nomeadamente, da instabilidade dos conselhos de gerência». Concluiu-se, também, que «o Governo não tem pago as indemnizações compensatórias, previstas no ASEF, cujo montante ultrapassa já o milhão de contos, o que tem vindo a provocar dificulcades financeiras à empresa».

Na RTP, apurou a comissão, não existem «critérios na contratação de artistas estrangeiros» e, em alguns casos, «as relações existentes entre fornecedores estrangeiros e a RTP — por falta de pagamento desta — encontram-se comprometidas». Considerou-se, também, que a aquisição do Cinema Lumiar, na gestão de Proença de Carvalho, não foi, na opinião unânime dos depoentes, um bom investimento».

Caminhando serenamente para Belém

CONVIDADO, na terça-feira passada, do programa «Actual» da RTP, o professor Diogo Freitas do Amaral candidato, por contra própria, à Presidência da República, não se aventurou por caminhos imprevistos, nem se permitiu declarações sensacionais. Foi comedido, ponderado, sereno. Resistiu às perguntas preparadas e às perguntas espontâneas da entrevistadora. Esquivou-se, às insistências. Dominou friamente, redutoramente, o diálogo.

Não se ficou sabendo da génese da sua candidatura. Que não tinha o apoio expresso dos partidos que têm controlado eleitoralmente a área em que se propõe encontrar votantes e base política era um facto conhecido. Repetiu-o, sublinhou-o, não sabemos se para os advertir de que se aproxima a hora das decisões, se para lhes dirigir um apelo. Estamos em Julho. Agosto e Setembro vão passar a correr com discussões eleitorais, campanhas eleitorais. E, apenas concluído o processo das «eleições legislativas», enceta-se o processo das «eleições presidenciais». Diogo Freitas do Amaral terá que ter o seu dispositivo eleitoral organizado em finais de Setembro. A sua campanha, como candidato presidencial, terá início em Outubro. E, quanto aos resultados das «eleições legislativas» extremamente reservado, não as aprovando, nem lhes conferindo capacidade de alterarem significativamente a correlação de forças, Diogo Freitas do Amaral é nas «eleições presidenciais» que deposita esperança: «essas sim, vão ser decisivas».

Dado que das suas declarações à RTP resulta patente a convicção de que considera como possível (digamos: inevitável) a vitória eleitoral da candidatura apoiada eleitoralmente na área política correspondente à antiga «Aliança Democrática» (AD), Diogo Freitas do Amaral apresenta-se como **candidato já eleito.** A sua candidatura é irreversível (**sic.**) e o candidato Diogo Freitas do Amaral **está convencido de que vai ganhar**.

Define a sua candidatura como independente. Dos partidos PSD e CDS considera-se próximo, mas não dependente. Serão eles que terão mais cedo ou mais tarde necessidade de se definirem e posicionarem face à sua candidatura presidencial. Quanto ao Partido Socialista tudo é claro: é contra o socialismo que Diogo Freitas do Amaral se candidata. A sua área política é a antiga «AD», sempre foi adversário do socialismo, dos socialismos, desse PS coexistente, concessivo, mas republicano e jacobino. Do PCP não vale a pena falar. Diogo é taxativo: «comigo, obviamente o PC nunca estará no Governo».

Falta referir o Partido Renovador Democrático, o jovem PRD, à partida puro e duro, pela certidão de nascimento «eanista» e como tal apadrinhado. Diogo Freitas do Amaral, terça-feira à noite, para a curiosidade da jornalista, não tinha resposta, não sabia o que era, o que viria a ser, o PRD. Mas se ele se definir como «partido de esquerda», nada feito. Não caberá na «área AD», aquela área política donde, em 1980, emergiu um projecto político que ele e Francisco Sá Carneiro protaganizaram.

A sua candidatura ressuscita e prolonga esse projecto político; é uma candidatura de «mudança», é uma candidatura de «reforma das estruturas». Não, não se trata de criar uma «Frente Liberal», mas de «uma solução tipo AD». A ideologia de «uma Frente Liberal», não seria «suficientemente aglutinadora». Ao passo que uma «solução tipo AD» teria a dinâmica bipolarizadora necessária para que as forças políticas nela envolvidas dêem autoridade e eficácia ao Estado. Objectivo primacial: «O Estado ser mais forte do que a crise...»

Diogo Freitas do Amaral pretende a «consonância» de uma maioria da Assembleia da República, do Governo e do Presidente da República (ele, Diogo Freitas do Amaral). E para a marcha para Belém não admite, à partida, negociações com os partidos políticos. Considera que, em consequência do sistema eleitoral (sufrágio directo do universo eleitoral): «a eleição presidencial é um diálogo directo do candidato com os cidadãos». Nem o CDS, nem o PSD, têm que interferir no lançamento e organização da candidatura. Poderão apoiá-la. E, uma vez eleito, ele (Diogo Freitas do Amaral) verá se a composição da Assembleia da República lhe convém, se é consentânea com a sua concepção de um «semipresidencialismo» activo, interveniente. No caso da Assembleia da República não corresponder à «consonância» que pretende, o Presidente da República (ele, Diogo Freitas do Amaral), usará do seu poder de dissolução.

E como considera profunda e arrastada a crise nacional, esta concepção de um «Estado mais forte do que a crise», de um Governo que governe, mas sensível às orientações nacionais do Presidente da República que para as propor, ou impor, se dirigirá aos deputados e à Nação, reconstitui, como expediente da salvação pública, uma teoria de «Estado forte».

Claro que nós já ouvimos falar de um «Estado forte». Oliveira Salazar? Marcelo Caetano? A formação doutrinal de Diogo Freitas do Amaral, que compartilha os seus sentimentos de admiração por políticos como Margaret Thatcher, Ronald Reagan e o general De Gaulle, é conservadora mais do que caracterizadamente «democrata-cristã». Conservador liberal? Conservador autoritário? Aguardemos o seu programa de candidatura para verificarmos o que propõe ao Portugal de Abril. Para verificarmos até onde propõe o «regresso» e até onde leva o «restauracionismo».

Mas a sua «economia social de mercado» — Diogo Freitas do Amaral usa com inteligência as fórmulas e sabe combinar gradativamente as definições — não anda longe do desenvolvimentismo apressado (e especulativo) daquilo a que entre nós se chamou «Estado Social». O candidato considera que se «foi longe de mais». É necessário, portanto, regressar. Ao «regresso» chama-se, para efeitos eleitorais, «mudança». O «semipresidencialismo racionalizado» — assim o designou Diogo Freitas do Amaral — servirá (e servir-se-á) do «Estado forte».

É para o constituir (aliás, reconstituir) que a candidatura é lançada para que a bipolarização da sociedade portuguesa se apresente como um projecto político: uma nova «Aliança Democrática», uma nova «AD».

Telegramas

Antunes da Silva

1

Veio um postal do 6.º Juízo, notificando-me para comparecer na Boa-Hora, com o fito de tratar de assunto do meu interesse. Fui, cogitando com os meus botões, «tribunais nesta altura do ano, se nunca me tinha visto em bolandas com a lei!, ou seria algo referente a escritas, zelo por uma melhor sociedade futura que muitos não almejam mas ferem quem teima nisso, farpadas que às vezes dou em certos figurões e eles escouceiam fazendo-nos réus dos seus pecados, engano no nome, enfim, mistérios...» Compareci pontualmente, sem saber do que se tratava ao certo.

À chegada, a funcionária, muito amável, deu-me conhecimento da prescrição de uma queixa que fizera na Polícia Judiciária em 1977, contra um indivíduo que se propôs fazer um trabalho de serralharia na minha varanda e me pedira adiantada uma importância para compra de material, dissera, e a partir dessa data nunca mais me apareceu.

O caso, em si, de tão banal nos nossos dias, nada tinha de surpreendente, eu sei, mas reparem: queixei-me da burla no ano de 1977, o processo foi pela Polícia mandado para tribunal em 1981 e em 1985 era-me dado o informe de que tudo ficara arquivado, mas que eu poderia contestar a decisão no prazo de cinco dias!

Sorri-me para a senhora, e ela para mim. Bonita defesa da sociedade, pensei: estive aguardando oito anos para que a lentíssima burocracia oficial actuasse contra um roubo que consciente e impunemente um vigarista cometera contra a minha pessoa — e davam-me agora, como se fosse uma dádiva dos céus, cinco escassos dias para contestar a acção e constituir advogado.

Como é óbvio, teria de espertular mais uns bons milhares de escudos para despesas, sem saber ao certo se as autoridades deitavam a mão ao meliante. Tomei no local uma decisão rápida: desisti da demanda.

2

Um pardalito caiu do ninho. A nossos pés. Deu duas piruetas na rua. Tentou voar mas não foi capaz. Um homem agarrou-o. Foi dar-lhe de comer a sua casa. O pardalito não quis. Desgostoso, piou. O homem deu-lhe a liberdade na varanda. Deslocou-se para trás de uma janela, com o nariz colado à vidraça. Daí, viu a cena toda: o pardalito, quase implume, deu em pipilar mais alto, como se algum perigo o ameaçasse ou estivesse chamando por alguém. Com efeito, daí a pouco, chegava a mãe. Ambos enlaçaram penas e bicos, numa ternura só vista! A mãe fez a primeira tentativa para o levar dali peando-lhe nas asas com o bico na direcção de um vaso de flores. Em vão. O pardalito rebolou no solo, aleijando-se, mas calado, para não despertar atenções. Passados segundos, com as unhas dobradas por baixo do corpo do filho, a pardaloca obrou uma segunda tentativa, conseguindo colocá-lo em cima da tampa de um tanque. Desse lugar, e sempre à pressa, num permanente desassossego, curvando o busto num penoso esforço e cobrindo-o com o peito, olhando para os lados, não despontasse de súbito algum intruso, voou com ele até à extremidade de um saguão. Descansaram. Mas como por encanto, daí a nada estavam já ambos empoleirados num beiral. A mãe, atrás dele, de bico aberto, cansada, deu em piar por quatro vezes, como se lhe ralhasse, a encaminhá-lo para o meio do telhado. Enfiaram num buraco e lá ficaram.

O homem, em silêncio, retirou o nariz do vidro. Passou o lenço pelos olhos. Assoou-se.

3

Seis da manhã. Vim para a **marquise** corrigir coisas, batucar na máquina de escrever, propor-me acertos num poema longo acerca dos malefícios do mar.

O tempo fusco em pleno Julho, há! Como os homens, o tempo tem luas: capricha em arranhar-nos o dorso, coça-nos os nervos, chato e bronco. Quando está carrancudo, como hoje, dá para um homem tingir de imprecações o vulto infiel do mar-salgado. É o que estou a fazer. Sem peias.

Freitas do Amaral na FIL

Presidenciais vão ser condicionantes da próxima década

Freitas do Amaral afirmou ontem que a próxima eleição presidencial é «a primeira disputada na plenitude das funções que lhe são inerentes e com o alcance de todos os seus efeitos». Por isso, entende que os seus resultados vão ser «condicionantes e estruturantes da próxima década».

A declaração foi feita num encontro na FIL, promovido pelos alunos da Universidade Livre, sediada na Junqueira, cujo secretário-geral, Gonçalves Proença, fez a sua apresentação.

Para Freitas do Amaral, em 1976 «quase não houve eleição, mas uma designação do militar vencedor do 25 de Novembro», e em 1980 existiu «um combate desigual entre um candidato que era presidente e outro totalmente desconhecido».

Assim, agora, pela «primeira vez, os candidatos são conhecidos, com provas dadas (para avaliação crítica dos cidadãos), são civis com programas políticos mais ou menos definidos e não vão ser Presidente da República neutros ou meros fiéis da balança».

Amaral sustentou que os três candidatos conhecidos e que mencionou (Lourdes Pintasilgo, Mário Soares e ele próprio) «vão valorizar a componente presidencial do nosso sistema político e não surgirão ao eleitorado com um catálogo de banalidades».

Lourdes Pintasilgo significa para o ex-presidente do CDS «retomar a linha progressista, de interpretação terceiro-mundista da Revolução do 25 de Abril», uma «maioria parlamentar de esquerda (eventual aliança PS/PCP) e a reinserção dos militares».

Mário Soares, em sua opinião, aponta para «uma maioria do tipo bloco central», ou seja, «alterações pequenas, com reserva e prudência, sem riscos, com uma candidatura e uma política profundamente conservadoras», embora tenha ressalvado que o termo conservador não significa «uma atitude de direita», como era entendido no século XIX.

Referindo-se à sua candidatura, Freitas do Amaral parafraseou Sá Carneiro, que um dia lhe teria dito: «Não sou conservador porque em Portugal não há muito para conservar».

A sua candidatura — disse — «só faz sentido se for de mudança»: dos sistemas político, económico e educativo.

Quanto ao sistema político actual, o ex-governante considerou-o «bastante negativo», porque provoca a «instabilidade governativa, a guerrilha institucional» pela «não consonância do presidente e do governo», e porque «o multipartidarismo e o método proporcional» desencadeiam «o distanciamento do cidadão, a quem são apropriados, pelos partidos, determinados poderes e funções», como são os lugares de gestores e outros de serviço do Estado.

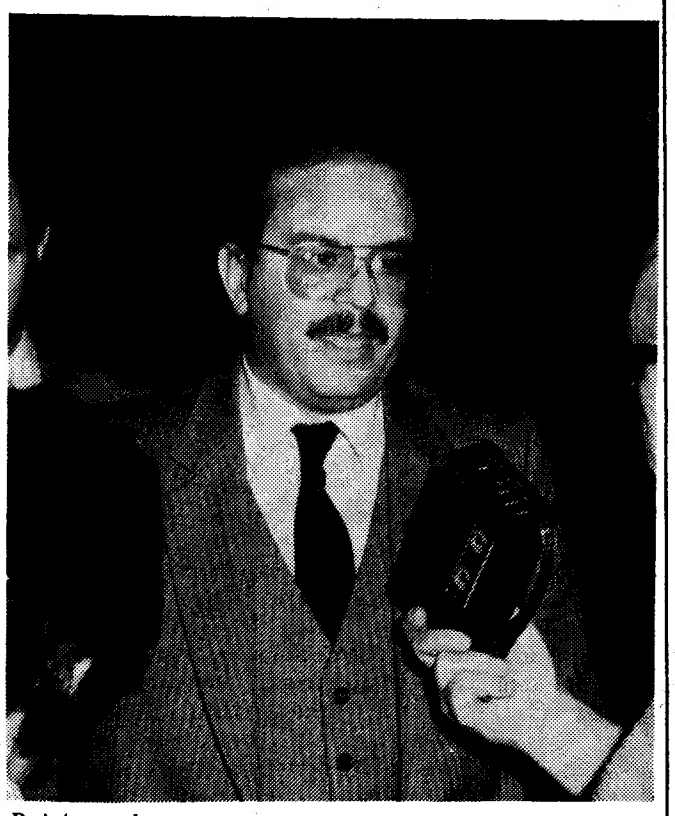
Freitas do Amaral retoma as mudanças já divulgadas do sistema económico («mudar mentalidades, alterar o sistema de horror ao lucro») e considera urgente que todos entendam que «um escudo gasto pelo Estado não vale metade do mesmo escudo gasto pelo sector privado».

A reforma do sistema educativo é, para Amaral, «a prioridade das prioridades», dizendo que «Portugal investe menos na educação que os países do Terceiro Mundo», e, se não inverter êste critério, «será um país mais ou menos colonizado num futuro breve».

Inquérito a Rui Amaral envolve suspeitas de corrupção

Comissão quer intervenção da Alta Autoridade

A Comissão Parlamentar de Inquérito aos subsídios atribuídos pelo secretário de Estado Rui Amaral vai porpor ao plenário da A.R. que todo o processo seja remetido à Alta Autoridade contra a Corrupção. «Dúvidas sobre a utilização de fundos públicos concedidos» e também algumas suspeitas de corrupção veiculadas nomeadamente através da Imprensa e que resultam também das palavras do secretário de Estado que algumas vezes utilizou a expressão «fumos de corrupção», estão na origem da proposta.



Rui Amaral

Ela consta da parte final do relatório que hoje é discutido e aprovado na Assembleia da República, depois de ontem ter sido aceite com os votos favoráveis do PS, do PCP e da UEDS, e a oposição do PSD na Comissão de Inquérito.

A Comissão de Inquérito critica acerbamente a subjectividade no processo e a forma de organização dos serviços de atribuição de subsídios da Secretaria de Estado do Emprego, propondo também a revisão da legislação que os prevê. A figura do coordenador da Comissão de Análise, repetidamente acusado de interferências menos claras no processo, e a total ausência de controlo no que toca ao reembolso dos empréstimos e no acompanhamento da sua aplicação são os principais pontos focados pela Comissão de Inquérito.

Um relatório da subcomissão de análise dos processos enviados pelo secretário de Estado Rui Amaral, a que o «DL» teve acesso, enuncia o elenco de casos conhecidos em que o descontrolo e por vezes o abuso imperavam na concessão dos subsídios.

É também citada a passividade do secretário de Estado de Emprego nesta matéria, já que não accionou processos junto da Alta Autoridade contra a Corrupção, e apenas solicitou investigação em dois casos à Polícia Judiciária.

Nesse documento afirma-se também que só 4,7 por cento das empresas que beneficiaram de empréstimos até Janeiro de 1985 os têm vindo a reembolsar regularmente.

Os mesmos dados indicam que 49,1 por cento das empresas nunca fizeram reembolsos. Apesar disso só foram instauradas acções de cobrança coerciva em 15,21 por cento dos casos, sendo que 66 das empresas beneficiadas já faliram ou encerraram.

Rui Amaral é acusado também de ter sistematicamente utilizado disposições legais que permitem segundos e terceiros apoios como regra, quando elas são estabelecidas como excepção.

A figura de Jorge Queirós, que trabalhava numa empresa de consultoria que preparava processos para aprovação e depois analisava-os como funcionário da Comissão de Análise de Rui Amaral, é também focada no documento.

"Degradação do País joga a nosso favor"

— diz Jardim sobre dívida

Depois de algumas recentes vindas a Lisboa, onde obteve novos créditos e melhores facilidades para a avultada dívida do seu Governo regional, João Jardim iniciou mais uma ofensiva verbal contra o Governo central. «O Continente — disse Jardim na Associação Comercial e Industrial madeirense — não faz contas com o que ganha à custa da Madeira e com as despesas que deixou, aqui, de pagar depois de instaurado o regime autonómico».

O líder regional considerou que a autonomia atravessa na Madeira «uma fase de resistência da qual, se soubermos, também sairemos vencedores porque o tempo e a degradação do País jogam a nosso favor».

Para Jardim, «os políticos continentais defrontam-se pelo Poder e continuarão a cair sucessivamente». Insistiu na necessidade de «mudança do sistema político-constitucional» em Portugal e na «viabilização económica das empresas» e na «reformulação dos sectores público e privado» além de exigir «medidas em benefício da exportação, do turismo e da produção de bens alimentares e na própria reforma da legislação laboral».

A comissão política regional da Madeira do PSD tentou justificar, entretanto, em comunicado, a situação financeira da região, citando o facto de a Carris de Lisboa vir a ser dotada com vinte milhões de contos, a fundo perdido, «a fim de manter preços políticos» nos transportes da capital.

"Novo sonho português" nas relações com África

— defende Lucas Pires

Um relacionamento com África isento de qualquer forma de nostalgia, definido como «o novo sonho português», foi defendido ontem por Lucas Pires, num encontro com jornalistas a propósito da sua recente visita a Moçambique.

«Ao admitirmos uma cooperação militar limitada com Moçambique estamos a falar de um factor de humanização nas relações da Europa com a África», disse o dirigente do CDS, acrescentando que, «apesar de sermos europeus, creio que nos é muito mais fácil falar com os líderes africanos do que com os espanhóis, franceses ou alemães».

O antigo presidente francês de Gaulle, ao reconhecer a independência da Argélia, Sá Carneiro, ao encerrar o contencioso com Moçambique, e a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, ao organizar a conferência de Lancaster House (que levou à independência do Zimbabwe), foram apontados por Lucas Pires como figuras da direita ou do centro-direita que souberam muito bem compreender a necessidade de novas relações euro-africanas.

Freitas vai a Moçambique

Existe, hoje em dia, uma abertura quanto à eventualidade de o candidato presidencial Freitas do Amaral também se deslocar, oportunamente, a Maputo — disse o actual presidente do CDS, ao ser interrogado sobre se outras figuras de destaque da vida portuguesa não estariam, também, em vias de visitar Moçambique.

Lucas Pires considera que, com a sua viagem desta semana, se fechou o leque da reaproximação entre portugueses e moçambicanos, pois que todas as principais forças políticas portuguesas já se deslocaram a Maputo e tomaram, localmente, contacto com as realidades do grande país do Índico.

«Depois de Sá Carneiro, as relações portuguesas com África patinaram. A cooperação portuguesa deveria ser diferente do que tem sido. Precisamos de utilizar, devidamente, os nossos recursos humanos e de pensar numa nova emigração» — acentuou, preconizando uma cooperação com a África que não se fique por meras figuras de retórica, como tantas vezes aconteceu ao longo dos anos com a cooperação luso-brasileira.

Recusou, por outro lado, terminantemente, a ideia de que o Estado ou os partidos políticos portugueses tenham algo a ver com a Remano. «Se simples cidadãos portugueses trabalham para essa organização, isso é um caso do foro judicial» — disse.

Miranda Calha e Oliveira Fernandes durante o acto de posse «relâmpago»

Dois secretários de Estado foram empossado

Governo já pode ser demitido

O Presidente da República empossou ontem em menos de dois minutos os secretários de Estado dos Desportos e do Ambiente, Miranda Calha e Oliveira Fernandes.

Ficou assim definitvamente constituído o elenco governamental depois da extinção do Ministério da Qualidade de Vida, e o Presidente está, por isso, em condições de demitir o Primeiro-Ministro simultaneamente com a dissolução da Assembleia da República, passando o Governo a tarefas de mera gestão dos assuntos correntes do Estado.

Os dois secretários de Estado ficaram na dependência do vice-primeiro-ministro Rui Machete, depois de uma primeira fase de se ter admitido a possibilidade de o Socialista Miranda Calha que já foi empossado três vezes consecutivas ficar ligado à Presidência do Conselho de Ministros.

A necessidade de empossar estes dois secretários de Estado decorreu do facto de o respectivo ministro, Sousa Tavares, ter de ser demitido com a extinção do Ministério, o que acarretou a demissão dos secretários.

A extinção do Ministério foi pretexto para um vigoroso protesto do PPM, cujo dirigente Ribeiro Teles foi o primeiro titular daquele departamento governamental.

Ele era «a única estrutura inovadora criada no aparelho do Estado depois do 25 de Abril», lê-se num comunicado daquela organização política. Constituia também, diz-se, «a esperança da compatibilização do desenvolvimento económico com a protecção dos recursos e do ambiente».

Eleições

Entretanto, o Presidente da República contactou ontem telefonicamente os partidos políticos sobre a data das próximas eleições legislativas. De acordo com informações veiculadas pela ANOP, os dias em aberto são 5 de Outubro, sábado e feriado nacional e 6, domingo.

As eleições têm-se realizado sempre ao domingo, excepto quando coincidiram com o feriado do 25 de Abril.

Tribunal Constitucional deferiu pedido de legalização do PRD

Seguiu hoje para o «Diário da República» o acórdão do Tribunal Constitucional deferindo o pedido de legalização do Partido Renovador Democrático. Este partido é o vigésimo primeiro a legalizar-se em Portugal e o primeiro a legalizar-se no Tribunal Constitucional, de acordo com uma nova lei que passou as competências nesta matéria do Supremo Tribunal de Justiça para este órgão de soberania.

Após a publicação do acórdão no «Diário da República» há um prazo de 48 horas para eventuais reclamações, findo o qual os partidos se encontram automaticamente legalizados.

Reunião concelhia no Hotel Roma

A Comissão Concelhia de Lisboa do PRD promove esta noite, às 21.30, no Hotel Roma, uma reunião alargada para tratar da organização local. Foram convidados a estar presentes todos os subscritores da legalização do partido em Lisboa.

Neste encontro serão dadas informações sobre o trabalho do partido desde a Convenção de Tomar e desde o Conselho Nacional do Porto.

A Comissão Concelhia deverá também fazer o balanço da organização em cada uma das sete zona que compreende a região de Lisboa.

Entretanto continuam os trabalhos para a elaboração das listas de candidatos a deputados, que deverão estar concluídas para aprovação global no Conselho Nacional que se realiza no próximo dia 27, em Lisboa.

O PRD, que terá de fazer um grande esforço de implementação até às próximas eleições, entrou numa fase de grande actividade, designadamente no que diz respeito ao arranque da sua Comissão Técnica Eleitoral, presidida pelo major Marques Junior e que, de acordo com informações recolhidas deverá integrar na estrutura quadros muito qualificados.

Parlamento tem hoje a sua última sessão

A quarta legislatura da Assembleia da República tem hoje a sua última sessão, constando da agenda a apresentação dos inquéritos à Secretaria de Estado do Emprego e à Radiotelevisão.

Eleita em 25 de Abril de 1983, esta será a legislstura de vida mais curta (dois anos e dois meses e meio), não considerando o Parlamento resultante das eleições intercalares de 5 de Outubro de 1980.

Em termos partidários, a maior representação é do PS, com 94 deputados, seguindo-se o PSD (75), PCP (40), CDS (30), UEDS (quatro), MDP e ASDI (cada um com três) e Os Verdes (um).

Por profissões, tal como as anteriores, embora em menor proporção, a maior representação é de advogados e juristas (57), seguindo-se os professores do ensino secundário (27), engenheiros (19), empregados de escritório e serviços (18), empregados bancários (15), funcionários públicos, gestores e empresários, operários industriais e médicos (cada um com 13).

A média de idades dos deputados à quarta legislatura da Assembleia da República é de 43,5 anos (dados de um estudo do Instituto Damião de Góis), apenas superior à do primeiro Parlamento (40,3 anos), eleito em 25 de Abril de 1976.

O estudo do Instituto Damião de Góis indica ainda que dos 256 homens e mulheres que até Maio de 1984 ocuparam os 250 lugares da actual legislatura da Assembleia da República, 232 pertenciam à classe média (com predominância dos intelectuais e quadros — 166), 18 ao proletariado e seis não foram classificados.

Por comparação com as anteriores assembleias, verificava-se um acréscimo dos deputados considerados da classe média (de 78,9 por cento na primeira legislatura para, sucessivamente, 88,3 por cento, 85,6 por cento e 90,7), motivado sobretudo pelo aumento dos funcionários e empregados (15,1 por cento no primeiro, 13,1 e 13,7 por cento no segundo e terceiro e, agora, 20,7 por cento).

Paralelamente, verificou-se um decréscimo dos deputados oriundos do proletariado: 13 por cento no parlamento eleito em 1976, 9,2 por cento no eleito em 1979, 8,7 por cento no de 1980 e 7 por cento no actual.

O Parlamento, que o Presidente anunciou ao país que irá dissolver sexta-feira, tem 19 mulheres (seis pelo PS, cinco PSD, sete PCP e uma do MDP), menos do que os antecessores (20 o de 1979 e 21 o de 1980), à excepção do primeiro, com 15 mulheres.

Após um debate que não se realizou

Tratado de adesão à CEE aprovado com os votos contra do PCP

José António Cerejo

Era quase uma da manhã quando o Parlamento aprovou, sem novidade, a ratificação do tratado de adesão à CEE. PCP contra, MDP ausente e o resto a votar a favor e a aplaudir longamente. Terminava assim, com o hemiciclo finalmente cheio e algum entusiasmo dos «vencedores», uma aborrecida e desnecessária maratona em que aconteceu tudo menos o debate sobre o conteúdo do tratado. Para comemorar a vitória, um facto insólito a assinalar: vários embaixadores de países da CEE juntaram as suas palmas às dos deputados regozijando-se da sua tribuna com o resultado da votação. «Não admira, é a guerra deles», comentou uma deputada comunista.

Não foi, de facto, a um debate que se assistiu em São Bento. À excepção de algumas respostas sintéticas dadas por Ernâni Lopes a uma parte das dúvidas levantadas pelos deputados, após a sua intervenção inicial, pouco ou nada foi esclarecido no decurso destes dois dias. Razões tê-las-á o ministro das Finanças – e o actual regimento da Assembleia da República não será estranho a esta impossibilidade de debater seja o que for no Parlamento – mas a verdade é que quem quis discutir o texto que depois seria chamado a votar perdeu o seu tempo.

Para descanso dos eleitos da Nação valha-nos o facto de terem sido poucos os que sentiram as suas esperaças defraudadas. Na realidade, tudo indica que o número daqueles que desejavam debater fosse o que fosse era pouco superior ao dos adversários da adesão, que depois votaram contra. Essa é pelo menos a primeira conclusão que se pode tirar da colecção de discursos ontem e anteontem pronunciados.

Para além das intragáveis retrospectivas históricas e histórico-económicas e repetitivos argumentos políticos pró e contra a CEE, pouco mais houve nas intervenções de fundo dos deputados. A ouvi-los dir-se-ia, aliás, que o tratado de adesão ainda não tinha sido assinado ou que o seu texto se tinha perdido pelos corredores de São Bento... Por isso mesmo, muito do que se disse neste «debate» já tinha sido dito em Abril passado, e os termos do acordo celebrado com a Comunidade raramente foram abordados pelos parlamentares.

Perguntas sem resposta

Mas se não tivesse sido esse o caso e os deputados tivessem lido e questionado o tratado, a única coisa que aconteceria era que o número de frustrados seria ontem bastante superior aos quarenta comunistas que ficaram à espera de respostas para as suas dúvidas...

Pena é que o tempo de intervenção do Governo não tenha sido todo utilizado e alguns dos discursos políticos (Jaime Gama, Mário Soares e Rui Machete) não tenham sido substituídos pela resposta às questões levantadas pelos deputados. Em lugar desse debate foi curioso ver Carlos Lage com notável afinco, dedicação à causa, e desconhecimento da matéria, responder em alguns minutos às quase trinta perguntas sobre o capítulo agrícola do tratado apresentadas pelo comunista Rogério de Brito.

Na bancada do Governo, à longa lista de questões — «é ou não verdade?» — deste deputado, Ernâni Lopes e António Marta respondiam pela negativa, mas apenas através de movimentos de cabeça ou de sorrisos eloquentes. O tempo do Governo estava guardado para os discursos, é verdade, mas as perguntas ficaram por responder...

De qualquer modo, o empenho da Assembleia na discussão do tratado ficou claramente demonstrado pela situação de ausência de oradores inscritos, que se verificou por diversas vezes durante o dia de ontem.

Ninguém quer falar

Chegados dolorosamente às 18h45 os deputados foram finalmente contemplados com a boa vontade do presidente da Assembleia que decidiu suspender os trabalhos até às 22h30 «por falta de inscrições dos deputados».

Da parte da manhã o principal discurso ouvido coube ao ministro dos Negócios Estrangeiros, que se debruçou sobre aspectos essencialmente políticos da adesão, defendendo que o facto de Portugal entrar para a CEE num momento de crise, lhe permite participar activamente na sua transformação e na sua «adequação a uma realidade em mutação». Sem explicitar qualquer posição quanto ao grande debate que opõe os Estados membros em relação às características da «União Europeia» para que a CEE pretende avançar, Jaime Gama disse que a situação da Comunidade é de crise real, mas que «tem sido precisamente através da superação de sucessivas crises que a Comunidade se tem desenvolvido.»

Segundo o ministro, é a uma comunidade «em mutação acelerada que vamos aderir para aí afirmarmos a nossa própria formulação política e o nosso próprio projecto português sobre o destino europeu». Quanto aos contornos deste «nosso projecto» Jaime Gama não disse nem uma palavra!

Em todo o caso, garantiu que «as grandes mudanças são as que valem a pena» e que «este Governo — e esta legislatura — só por terem concluído este tratado valeram a pena».

Na sessão da noite, além do discurso de encerramento de Mário Soares (ver noutro local) e das intervenções finais de todos os partidos presentes, o MDP/CDE explicou as razões da sua ausência do debate.

Razões de uma ausência

Segundo Corregedor da Fonseca, a ratificação do tratado de adesão à CEE não se processou num quadro de legitimidade política e assentou na «circunstância insólita» de se tratar de «uma proposta apresentada por um Governo demissionário a um Parlamento pré-dissolvido».

Além disso, acrescentou, «os deputados vão pronunciar-se sobre o tratado não apenas na ignorância de todas as implicações convergentes dos textos propostos pelo Governo e das suas omissões, como afastando das suas preocupações o sentir da opinião pública, que lhes compete representar nesta Assembleia». Para o MDP, «a adesão à CEE inviabiliza qualquer projecto autónomo de desenvolvimento nacional e, por isso, se lhe opõe».

O primeiro partido a apresentar a sua declaração de voto foi a ASDI, em nome de quem Magalhães Mota defendeu a adesão, afirmando que o futuro que ela nos trará «depende da nossa capacidade».

Pela UEDS falou César Oliveira que criticou o «carácter marcadamente economicista de algumas das intervenções feitas durante o debate», acrescentando que se não aderíssemos à CEE isso faria com que Portugal se tornasse «uma presa ainda mais fácil» das multinacionais.

Quanto ao CDS, Luís Beiroco afirmou que «Portugal não entra no melhor momento para a CEE» e que esta «não é por si só uma panaceia capaz de resolver os inúmeros problemas com que se debatem os portugueses». Este deputado lembrou que o CDS «embora não se opondo frontalmente a que o debate tivesse lugar neste momento, entendia ser preferível a sua realização após as eleições gerais do próximo Outono. O Governo teve, porém, outro entendimento, e invocou o interesse nacional que, como se sabe, tem as costas largas».

Esta decisão, acrescentou, não tem vantagens para ninguém: nem para a integração europeia de Portugal, nem para o Governo e sobretudo para o partido socialista, nem para o Parlamento.

Rogério Martins e Rui Mateus defenderam em nome do PSD e do PS, respectivamente, o voto favorável na proposta de ratificação do Governo, sustentando Rui Mateus que a adesão «representa sem dúvida uma saudação à Revolução de Abril e mais uma derrota dos apologistas de governos da ditadura e dos regimes totalitários».

Pelo PCP, Carlos Brito repetiu que «este processo de aprovação do tratado está carecido de legitimidade política mínima» e disse que «ficou demonstrado que a Assembleia da República não está em condições de garantir e de se responsabilizar em nome do povo português pelo texto que o Governo aqui lhe trouxe».

De acordo com o dirigentes do PCP «em vésperas de eleições gerais o que é democraticamente exigível é reservar para o povo português a decisão sobre tão grave matéria».

Ao contrário do que cuidam os membros da «defunta coligação PS/PSD, favoráveis à aprovação a toda a pressa da integração, a questão não fica resolvida com a votação que se aprestam a concretizar», acrescentou. O PCP «continuará a combater para mostrar que a adesão é uma operação ruinosa para Portugal e a vida mostrará que temos razão», concluiu Carlos Brito que prometeu voltar com o assunto na próxima Assembleia da República.

A votação, feita depois do discurso de Mário Soares, teve pelo menos mérito de conceder o merecido repouso aos eleitos mais cedo do que se esperava...

Que debate?

Aurea Sampaio

Não falemos de debate. Isso foi coisa que não aconteceu nestes dois dias em que era suposto o Parlamento discutir os tratados de adesão às Comunidades Europeias. Com todos os sectores da opinião pública a invocarem a necessidade de se fazer um amplo debate nacional sobre tão importante opção para esclarecer dúvidas resultantes da falta de informação sobre os resultados das negociações, era legítimo esperar que tal discussão se fizesse em profundidade.

Afinal, assistimos a uma «remake» mas de menor qualidade de uma outra sessão parlamentar que há meses abordou o mesmo assunto, quando se fez um debate geral sobre a adesão. Apenas a ala dos «históricos» do PS manteve agora o mesmo nível de então, com Sottomayor Cardia a fazer recordar a notável intervenção feita por Manuel Alegre. Foi o discurso cultural. Num outro plano, e sem que tivessem alterado uma vírgula às suas críticas, de realçar a preparação dos economistas da bancada do PCP. Tudo o mais fez esquecer a pompa dos Jerónimos que se revelou apenas o verniz opaco daqueles que querem a CEE a todo o preço mas sem perceberem bem nem como nem porquê.

Aquilo que deveria, pois, ser debate foi apenas discurso sobre discurso numa avassaladora profusão de palavras.

Na voragem do sonho europeu — ou quiçá devido ao calor da sala — às vezes esquecíamos que estávamos num Parlamento de um país do velho continente com oito séculos de História e com uma tradição cultural que não é de desprezar, tal o conteúdo das intervenções, essas sim a recordarem-nos outros «planetas».

E assim chegámos ao último discurso. O do dr. Mário Soares.

Como Primeiro-Ministro e como o «campeão» da adesão à CEE esperava-se talvez um balanço geral, um traçar realista da situação para apontar rumos e soluções.

Soares limitou-se a «bater» no PCP, dizendo que «não têm razão os que querem tirar a este acto o significado profundo que ele tem ao negarem a esta Assembleia legitimidade para sobre ele se pronunciar». Deselegante, mandou-lhes setas envenenadas ao referir-se-lhes como sendo aqueles que advogam «o retorno à política do **orgulhosamente sós**».

E mais não disse senão que a integração «é um desafio e não uma panaceia». E também não se esqueceu de elogiar as «inegáveis capacidades» do povo português e de aludir ao estafado tema da recuperação financeira de um sistema que, em 1983, ameaçava «a bancarrota». Agora, garantiu «estamos em condições de dar um novo fôlego à nossa recuperação económica». Mas para isso há que «reduzir a instabilidade política».

Tanta banalidade só conseguiu ser ultrapassada pela intervenção do vice-primeiro-ministro, Rui Machete. Será do cansaço?

Jurados do processo FP seleccionados para a semana

Uma primeira selecção dos jurados que poderão ser chamados a participar no julgamento das FP-25 de Abril, realizar-se-á na próxima terça-feira, pelas 9 e 30, no Tribunal da Boa-Hora. Entretanto, foi já hoje afixada a pauta dos jurados da comarca de Lisboa contendo os nomes de 8281 pessoas. Esta afixação, que deveria ter sido feita em Dezembro, só agora teve lugar dada a aproximação do início do julgamento do «caso FP».

Dos nomes afixados será seleccionado um lote de vinte pessoas no mínimo e um máximo não determinado, donde, por sua vez, serão sorteados, imediatamente antes do julgamento, marcado em princípio para o dia 22, os dez jurados — oito efectivos e dois suplentes — que participam nele. É a primeira vez este ano que, na comarca de Lisboa, foi pedida a intervenção de um júri.

Em declarações à ANOP, o juiz titular do processo, Adelino Salvado, esclareceu que o «número de elementos a seleccionar no sorteio do dia 17 depende do número de pessoas que as estruturas do Tribunal conseguirão notificar nos dois dias úteis que medeiam entre a data do sorteio e o início do julgamento». «Se o Tribunal dispusesse de pessoal suficiente eu optaria pela selecção de um lote de duzentas pessoas, porque quanto mais pessoas houver, mais possibilidades temos de conseguir reunir os dez jurados necessários para o julgamento», acrescentou.

O juiz Adelino Salvado afirmou a sua convicção de que «as pessoas seleccionadas não se vão furtar a servir de jurados, pois é um dever do cidadão integrar-se no órgão que julga». Alguns aspectos funcionais estão, entretanto, a ser analisados com vista à sua remodelação. Entre eles conta-se a remuneração dos jurados. A este respeito, o juiz titular do processo declarou ter feito diligências junto do Ministério das Finanças para que seja aumentada a remuneração dos cidadãos escolhidos para jurados. «Estou convencido que esse problema se vai resolver» — disse, frisando que actuou por considerar irrisórios os 200 escudos por dia previstos, embora tal não fosse da sua competência.

Segurança

Sobre a participação dos jurados, o juiz Adelino Salvado sublinhou que «se as pessoas escolhidas para o júri ficarem de tal modo condicionadas pela situação que não consigam cumprir as funções para que foram escolhidas, isso poderá significar o fim da instituição jurados em Portugal».

Adelino Salvado acrescentou que «todas as instituições precisam de rodagem e que o mesmo sucede com os jurados, cujo regime, em Portugal, é muito menos violento que noutros países, como os Estados Unidos, onde as pessoas seleccionadas para um júri são isoladas durante o tempo que dura o julgamento».

Interrogado acerca da segurança dos jurados durante o julgamento do «caso FP», o juiz afirmou que «não está previsto nenhum esquema especial de segurança para os indivíduos que integram o júri, mas que se algum jurado solicitar protecção a obterá de um momento para o outro».

Doença

Sobre a possibilidade de «fuga» dos jurados, Adelino Salgado declarou que, «se lhe aparecerem atestados médicos em massa, enviados pelas pessoas escolhidas para jurados, mandará investigar se eles correspondem, de facto, a situações de doença», mas acrescentou que «está disposto a atender a situações concretas de pessoas cuja participação no júri poderá causar graves transtornos».

Uma vez iniciado o julgamento, se mais do que dois jurados adoecerem de forma prolongada ou apresentarem motivos de escusa (não podendo ser substituídos pelos dois suplentes), o julgamento terá que recomeçar do princípio, uma vez que deverão ser admitidos para o júri novos elementos que não acompanharam os trabalhos desde o início.

Durante o julgamento, os jurados limitam-se a responder «provado» ou «não provado» aos quesitos formulados pelos juízes sobre toda a matéria da acusação, aquilo que se designa por matéria de facto. Aos juízes caberá, em seguida, a tarefa de enquadrar os factos no direito, produzindo a chamada matéria de direito.

Os réus poderão recorrer, directamente, para o Supremo Tribunal de Justiça, tanto da matéria de facto como da matéria de direito.

No julgamento das FP-25, como em todos os outros, «a recolha de prova não existe, a prova é oral» disse o juiz titular do processo.

Adelino Salvado afirmou «desconhecer o sistema eletrónico de gravação montado no Pavilhão de Monsanto», onde decorrerá o julgamento do «Caso FP-25», mas disse que «a recolha magnética do que se passar no julgamento não é necessária, nem pode ser utilizada, pois não faz fé em juízo seja de que forma for».

Jornalistas

Entretanto, foi, também, divulgado o «regulamento» de cobertura do julgamento pelos órgãos de Comunicação Social. Numa nota às redacções, a Direcção-Geral de Comunicação Social recorda que existirá um centro de Imprensa nas instalações do Tribunal Criminal de Lisboa, sediado em Monsanto com capacidade para 80 jornalistas.

Nesse centro é possível a «cobertura integral das sessões, através de circuito fechado de Televisão a preto e branco e reproduzida por seis monitores colocados na sala de Imprensa».

Quanto ao acesso à sala de audiências, a Direcção-Geral de Comunicação Social esclarece que «qualquer jornalista como simples cidadão, tem possibilidade de acesso à zona de público da sala de audiências, desde que integrado na fila de espera do público». No entanto, acrescenta-se na nota, nessa sala «haverá uma reserva permanente de alguns lugares destinados aos jornalistas inscritos na sala de Imprensa». Segundo a DGCS, não foram, ainda, recebidas indicações «quanto ao acesso de repórteres fotográficos e operadores de imagem à sala de audiências».

Comissário Santinhos no Ministério do Trabalho

O primeiro-comissário Joaquim Santinhos foi recebido no Ministério do Trabalho, onde fez a entrega de um documento a requerer o registo da Comissão Pró-Associação Sindical da PSP, de que é dirigente, como associação sindical. O comissário Santinhos, que solicitou recentemente a sua aposentação, foi recebido por uma funcionária superior da Direcção-Geral do Trabalho (Divisão de Organizações do Trabalho).

O documento recorda que «a restrição de direitos aos funcionários e agentes da PSP apenas se manteve até 15 de Junho de 1984, data a partir da qual readquiriram a plenitude dos seus direitos». Assim, e em termos da legislação vigente, apenas é aplicável à PSP o que se dispõe no Decreto-Lei N.º 151/85 de 9 de Maio, entrado em vigor em 1 de Junho deste ano, de acordo com o qual «o pessoal da PSP goza dos direitos e está sujeito aos deveres previstos na lei geral para os demais funcionários e agentes da Administração Pública».

OBRIGAÇÕES
RODOVIÁRIA NACIONAL 85
MULTIPLIQUE AS SUAS POUPANÇAS!

A Rodoviária Nacional, E.P., numa fase de dinamização das suas actividades, emite 2.000.000 de Obrigações RN 85.

A colocação da emissão é liderada pelo Banco Pinto & Sotto Mayor e pela CISF - Companhia de Investimentos e Serviços Financeiros, SARL, em colaboração com as seguintes Instituições:

Caixa Geral de Depósitos
Banco de Fomento Nacional
Banco Português do Atlântico
União de Bancos Portugueses
Banco Nacional Ultramarino

- Subscrição não sujeita a rateio
- Isenção de Imposto Complementar e de Capitais.

Taxa de juro efectiva 28,91%
Subscrição de 15 A 19 JULHO

Cerca de 100 mil pés, recorde nacional

Plantações maciças de liamba em Atougia da Baleia

Patrulhas da Guarda Fiscal da companhia sediada em Peniche descobriram há dois dias num lugar ermo, conhecido por Malteses, uma extensa plantação de canabis, vulgarmente conhecida entre nós por Liamba. No total, seriam cerca de 100 mil pés.

As plantas estavam disseminadas pelo terreno de mistura com cultivo de girassol com evidente objectivo de as encobrir. No entanto os soldados da GF, conhecem a liamba por terem aulas de droga e foi-lhes fácil identificá-las.

Comunicado o achado aos superiores, o capitão Monteiro Eira e o alferes Gaspar Esteves, foi de imediato montado um esquema de trabalho que viria a permitir a localização de outro campo de cultivo no sítio de Coimbrã, a poucos quilómetros da primeira e do mesmo modo na freguesia de Atougia da Baleia.

Um campo extenso, todo semeado de liamba, qualquer coisa como cem mil pés

Entretanto alertada a Polícia Judiciária, para ali se deslocou uma brigada da Secção Central de Investigação ao Tráfico de Droga, sob as ordens do subinspector Machado. Os esforços conjuntos das duas corporações levou à descoberta de uma terceira plantação, esta no Alto da Seicheira da mesma localidade.

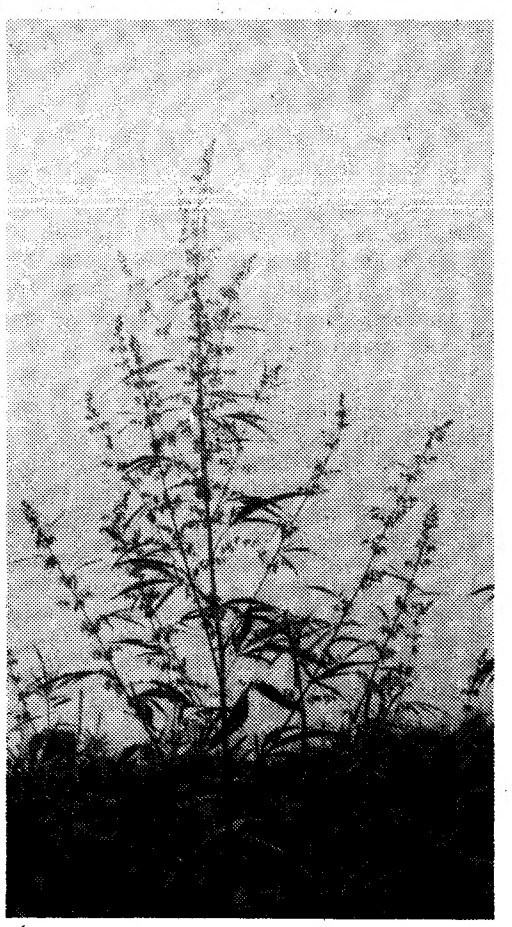
A operação que envolveu algumas dezenas de agentes da GF e Judiciária, levou à captura de quatro indivíduos, dois deles proprietários dos terrenos onde a liamba crescia e à referenciação de outros cujas capturas devem estar iminentes.

Os detidos, pessoas muito conhecidas na região, serão hoje presentes ao juiz de Instrução Criminal da comarca. Um deles, Rui Lino, esteve emigrado no Canadá e consta estar já há tempos relacionado com o tráfico de haxixe adquirido em Marrocos onde se deslocava.

Os restantes, Luís José Pereira Bruno, o Nero e um terceiro conhecido por «Formiga» teriam sido aliciados pelo primeiro na versão corrente entre a população.

As plantações, as maiores encontradas no nosso país, abragem largos milhares de metros quadrados e os pés de liamba, alguns já em fase de floração devem rondar os 100 mil.

Ontem à tarde e durante as diligências dos agentes de autoridade a população da pacata vila de Atouguia da Baleia dirigia-se numa espécie de romaria aos campos onde a droga crescia. Havia também quem se dirigisse às suas propriedades, situadas mais longe de casa e pouco cultivadas, com receio de alguém ali ter plantado liamba.



É assim a «cannabis», que nós conhecemos por liamba

Na residência de Rui Lino, situada na Estrada do Casal da Cruz em Coimbrã, terá sido encontrada liamba já tratada o que supõe tratar-se do armazém e, suspeitam as autoridades, ali fosse montado o laboratório para tratamento e prensagem da canabis a fim de se obter o haxixe, facilmente comerciável por todo o país.

O cultivo, a ter-se realizado sem intervenção das autoridades, renderia aos seus promotores uma fortuna difícil de calcular mas que rondaria os cem mil contos, ao preço de grossistas.

Velha senhora agredida em Murtosa

Uma septuagenária, Ana Nazaré da Silva, viúva, foi assaltada, na sua residência em Bunheiro, Murtosa, por dois desconhecidos ainda jovens, que a agrediram, tentando, em vão, que ela lhes disesse onde tinha guardado o dinheiro e outros valores. Devido aos ferimentos sofridos, a velha senhora, que vive sozinha pois a sua única filha vive no Canadá, teve de ser internada no Hospital de Aveiro.

Trovoada em Coimbra provoca incêndios

Descargas eléctricas de uma forte trovoada provocaram três focos de incêndio no distrito de Coimbra, mais concretamente em zonas florestais da Lomba do Mouro (Góis), Agranova (Alto do Trevim, Lousa) e Arganil.

Autocolantes em defesa das praias

Milhares de autocolantes e cartazes alusivos à necessidade de proteger o ambiente vão ser distribuídos, em cem praias pela Liga poara a Protecção da Natureza, durante os meses de Verão. Os autocolantes, num total de cem mil, e sete mil cartazes, serão distribuídos a comerciantes e outros estabelecimentos em zonas de praia e destinam-se a sensibilizar as populações para preservarem as dunas, lagoas e falésias.

Monteiro Rodrigues fugiu do Brasil

O industrial português Armando Luís Monteiro Rodrigues, envolvido na «chacina de Austin», fugiu do Brasil, podendo já estar em Portugal, segundo anunciou ontem a polícia do Rio de Janeiro. Recorda-se que na «chacina de Austin», assim denominada por ter ocorrido neste bairro dos arredores do Rio de Janeiro, a 19 de Maio, foram mortos o industrial Tavarela Veloso, que deveria embarcar para Lisboa nesse mesmo dia, e duas acompanhantes, Jeanne D'Arc Montenegro e Vera Socorro.

Alterado Código de Processo Civil

Administração da Justiça passa a ser mais rápida

Uma maior rapidez na administração da Justiça é o objectivo fundamental prosseguido pelas recentes alterações ao Código de Processo Civil — disse, à ANOP, o magistrado Pinto Monteiro.

O presidente da Associação Sindical dos Magistrados Judiciais acrescentou que as inovações introduzidas ao actual Código de Processo Civil visam, sobretudo, obter uma maior rapidez processual até que seja publicado um novo Código de Processo Civil.

Pinto Monteiro exemplificou com a admissibilidade de notificação e citação postal que contribuirá para uma maior rapidez processual na medida em que nos grandes centros urbanos «citar uma pessoa chega a demorar meses».

O decreto-lei do Ministério da Justiça, publicado, terça-feira, no «Diário da República», altera o Código de Processo Civil quanto à citação, adiamentos de julgamentos, número de articulados, fases processuais em sede de acção declaratória com processo comum.

No processo executivo, o diploma altera as disposições legais que obrigavam ao reconhecimento notarial da assinatura do devedor para que as letras, livranças de cheques tivessem força executiva e a citação do devedor em acções de condenação para que nomeasse bens à penhora.

Só um adiamento

As novas disposições legais não permitem o adiamento do julgamento mais do que uma vez, nem o adiamento por acordo das partes, permitem a notificação e citação por via postal e a citação em terceiro feita por oficial de justiça desde que não seja possível encontrar o citando.

O diploma legal restringe, em regra, a dois o número de articulados, suprime as fases processuais da especificação e questionário em acções não contestadas e elimina o recorso do despacho proferido sobre reclamações.

Em sede de processo executivo, deixa de ser exigível o reconhecimento notarial de letras, livranças ou cheques, seja qual for o valor, e dispensa a citação do executado nas acções que tenham fundamento em sentença de condenação.

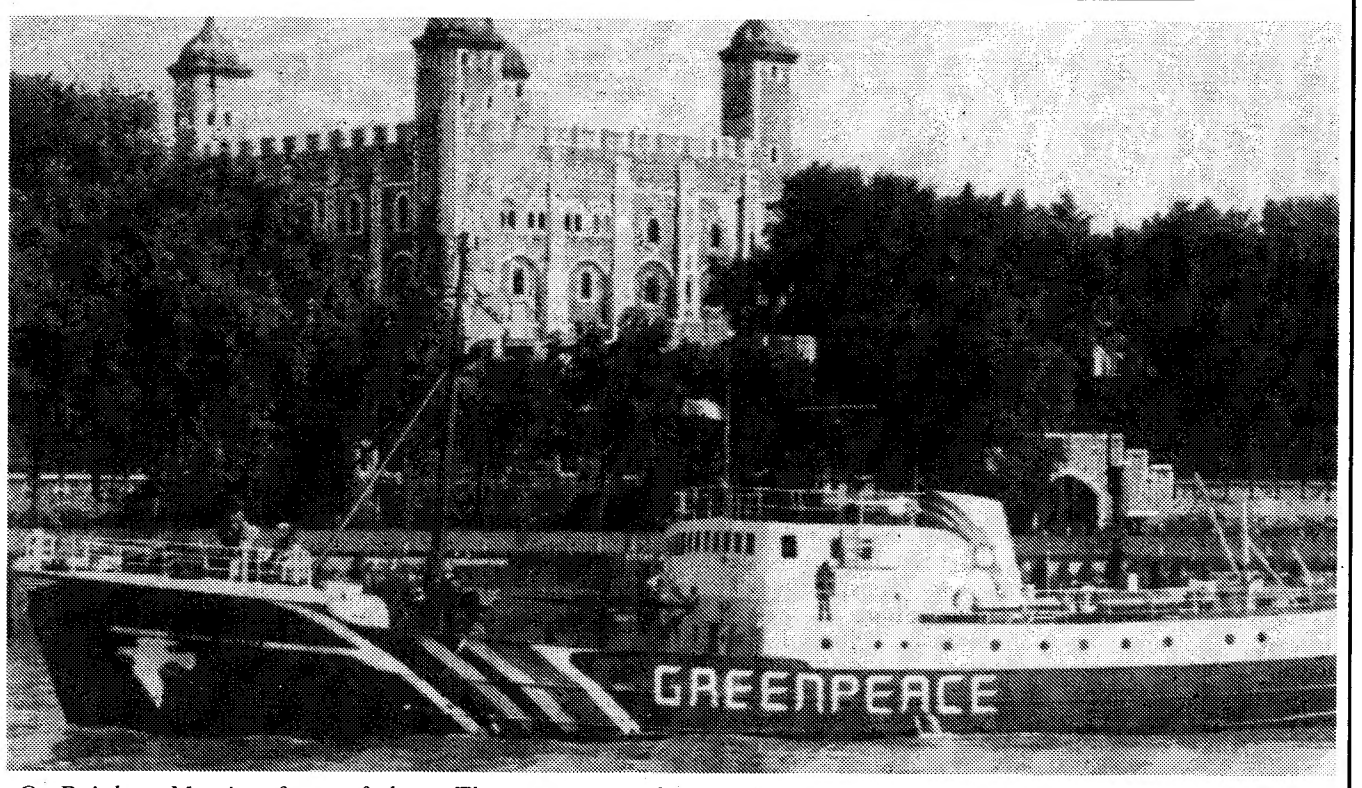
O diploma introduz, ainda, uma alteração significativa, que consiste na obrigatoriedade de entrega de todos os escritos em duplicado que se destinam a ser entregues ao advogado da parte contrária e que substitui, em certa medida, os «processos confiados».

O preâmbulo do diploma invoca a necessidade de «descongestionar a situação provocada pelo acréscimo de acções cíveis nas comarcas mais populosas» até que se processe uma reforma final do Processo Civil.

Advogado Guerra Madaleno detido pela Judiciária

O advogado Reinaldo Guerra Madaleno voltou a ser detido pela Polícia Judiciária, por envolvimento, tal como já tinha acontecido em 1982, num processo relacionado com «a venda fraudulenta de andares», através de várias empresas imobiliárias de que é administrador. A mais conhecida dessas empresas é a GUEMA, já antes responsabilizada por processos, em que foram lesados dezenas de compradores de andares em Queluz, Laranjeiro, Cova da Piedade, Oeiras, e muitas outras localidades da zona da Grande Lisboa. Desta vez, Guerra Madaleno e os seus agentes recorreram, de acordo com o libelo, «ao estratagema da dupla venda, nalguns casos de prédios já hipotecados, com particular realce para um prédio localizado na Rua Carlos da Maia, em Campo de Ourique, comercializado depois de penhorado pelo Montepio Geral».

Em 1982, Guerra Madaleno, que entretanto se tornara dirigente do Ginásio de Alcobaça, passando a liderar nessa condição uma frustrada Associação de Clubes de Futebol Profissional, foi suspenso pela Ordem os Advogados, evocando aquele organismo a sua «manifesta falta de idoneidade». A detenção de Guerra Madaleno foi confirmada pelos Juízos de Instrução Criminal.



O «Rainbow Marrier» fotografado no Thames, em Londres, em 1979

Ecologistas suspeitam de sabotagem

Português morre na explosão de barco do "Greenpeace"

Um fotógrafo português, naturalizado holandês, há três anos, morreu a bordo do «Rainbow Warrior» quando ocorreu a segunda de duas explosões que destuíram aquele barco do movimento ecologista «Greenpeace». O «Rainbow Warri» estava fundeado ao largo do porto neo-zelandês de Auckland e preparava-se para uma campanha contra testes nucleares franceses no Pacífico Sul.

Responsáveis daquela organização afirmaram, em Londres, poder falar-se de sabotagem. Organizações ecologistas de toda a parte expressaram ao «Greenpeace» dor e solidariedade. O corpo de Fernando Pereira, de 33 anos, foi, ontem mesmo, encontrado.

Um porta-voz do «Greenpeace» informou que dez dos doze tripulantes foram salvos e que a outra vítima da explosão é um espanhol, igualmente repórter fotográfico. Vincando as suas suspeitas pelo facto das duas explosões terem ocorrido com um intervalo de quatro minutos, o porta-voz do «Greenpeace», Dkystra, adiantou que as autoridades da Nova Zelândia estavam já a proceder a investigações sobre o caso.

Em Londres, o presidente daquele movimento ecologista internacionalmente conhecido, acentuou ter de haver «uma forte suspeita de sabotagem», porque nada havia a bordo — disse — que justificasse tais explosões.

«As nossas acções são todas pacíficas. Pacíficas e directas. Nunca pusemos em perigo a vida de ninguém. Nunca provocámos, no passado, este tipo de resposta», acrescentou George Pritchard.

O corpo do fotógrafo português foi retirado por mergulhadores da Marinha neozelandesa do casco do «Rainbow Warrior», barco que, na altura das explosões, integrava um grupo de embarcações concentradas junto ao atol de Mururoa para protestar contra testes nucleares franceses do Sul do Pacífico. Fernando Pereira, que residia em Amsterdão, foi o primeiro membro activo do «Greenpeace» a morrer ao seu serviço. Na explosão desapareceu um fotógrafo espanhol que, contudo, não pertencia propriamente à organização, fundada em 1971.

O barco afundou-se pela popa

Declarações e testemunhos de solidariedade para com o «Greenpeace» e revolta pela morte de Fernando Pereira (fotógrafo privativo do movimento) chegam a Londres de todo o Mundo.

As autoridades neo-zelandesas, segundo as últimas informações, investigam o caso como um homicídio, o que, obviamente, significa que pensam tratar-se de um acto de sabotagem. O porta-voz da organização, que contactou, directamente, com tripulantes do «Rainbow Warrior», disse que a sua impressão, depois de falar com membros da tripulação, era a de que haveria «um explosivo qualquer preso à popa. Foram esses explosivos — acrescentou — que afundaram o barco numa questão de minutos».

Depois da segunda explosão, o navio (de 49 metros e 417 toneladas) afundou-se pela popa, mas a proa continuou ligada à doca do porto de Auckland. Polícia e bombeiros convergiram para o local, acompanhados de mergulhadores.

Rui Amaral

Além de fotógrafo privativo do navio, Fernando Pereira era maquinista. Morreu no seu posto, disseram tripulantes do «Rainbow Warrior», porque, após uma primeira explosão, ele e outro tripulante foram a bordo investigar o que se passava. Foi então que ocorreu uma segunda explosão. O seu acompanhante havia entretanto regressado ao cais.

Terrorismo internacional?

Bryn Jonnes, também do «Greenpace», disse em Londres que a organização fizeram muitos inimigos devido às suas tentativas para impedir testes nucleares e a morte de espécies marinhas em vias de extinção, designadamente baleias. «Mas, pura e simplesmeste, não sabemos quem poderia fazer isto», acentuou.

«Há, obviamente, quem não goste do que fazemos. No entanto, não consigo imaginar um governo ou uma organização oposta a nós a tomar uma acção destas. Quem quer que fez isto, de uma coisa é certo: matou um nosso colega», vincou ainda.

Das dez pessoas salvas, nenhuma sofreu ferimentos, se bem que algumas tenham saltado pela borda ou tenham sido projectadas para a água.

Entretanto, funcionários da «Greenpace» em Washington admitiram a possibilidade de se terem verificado três explosões, de acordo com declarações do capitão do navio, Peter Wilcox. O que mais levanta suspeitas, para além da morte de Fernando Pereira, é o facto do barco — que segundo a EFE iria comandar uma flotilha de protesto no Atol de Mururoa — do navio se ter afundado em apenas quatro minutos. Mururoa fica a dois mil quilómetros da Nova Zelândia. O «Rinbow Warrior» deveria lá chegar na primeira semana de Agosto...

A polícia neo-zelandesa confirmou entretanto que o b rco se afundou devido à explosão de uma bomba. Segundo as autoridades neo-zelandesas, o explosivo foi coloado no exterior do casco do navio, tendo o rebentamento provocado um buraco de dois metros. A Interpol foi informada do sucedido e deverá tratar a morte de Fernando Pereira como «um caso de assassínio», disse o chefe da polícia de Aucland.

O primeirro-ministro neo-zelandês, David Lage, sugeriu a possibilidade das explosões estarem ligadas ao terrorismo internacional, embora tenha acentuado não dispôr de quaisquer provas.

O naufrágio do «Rainbow Warrior» cancelou a projecta viagem de protesto de quatro meses junto ao Atol de Mururoa, na Polinésia.

EPAL desmente perigo de radiações na água

A EPAL desmentiu haver perigo de contaminação radioactiva no rio Tejo, junto à captação de Valada.

Em comunicado, o Conselho de Gerência da empresa refere que os níveis de radioactividade desde 1962 até agora «apresentam valores bastante inferiores aos níveis admitidos pela Organização Mundial de Saúde».

A EPAL afirma ter recebido «os relatórios regulares e obrigatórios, que são publicados sobre o funcionamento das centrais nucleares espanholas».

Dizendo-se sensível ao problema da radioactividade na água do consumo, o Conselho de Gerência destaca que «duplicou em 1984 o equipamento necessário à a realização das determinações do nível de radioactividade na água produzida pelas captações na bacia do Tejo».

De acordo com um comunicado do Centro Ecológico Português recentemente emitido, «a vida e a saúde das populações de Lisboa e das zonas ribeirinhas do Tejo poderão estar ameaçadas pelas fugas verificadas recentemente na central espanhola de Almaraz, localizada nas margens do Tejo, junto à fronteira» entre os dois países.

Condenados por ofensas à GNR em campo de futebol

O comandante e um escriturário dos Bombeiros Voluntários de Amares e o presidente de um clube de futebol local foram condenados pelo Tribunal de Amares por ofensas à GNR. A acção foi movida pelo comandante do posto local da GNR (Albino Antunes) que considerou difamatório para a corporação o conteúdo de um panfleto distribuído antes de um jogo de futebol e lido aos altifalantes durante o intervalo de um desafio local.

Após dois dias de audiência o Tribunal de Amares deu como provoda a acusação pelo que condenou o presidente do Futebol Clube de Amares, José Carlos de Macedo, a dois meses de prisão remíveis a multa e mais cinco contos de indemnização ao ofendido.

O comandante dos bombeiros, Nuno Macedo, foi condenado a 75 dias de prisão e mais 8 meses remíveis por multa de dez contos de indemnização.

Daniel Lourenço, escriturário dos Bombeiros, foi condenado a oito meses de prisão e cinco contos de indemnização ao ofendido e a mais 75 dias de prisão remíveis a multa.

Os réus, com penas suspensas em outros processos, interpuseram recurso para o Tribunal da Relação.

Roubaram a pedra lunar do Planetário

A rocha lunar oferecida pelo governo dos Estados Unidos a Portugal, que se encontrava desde 1976 em exposição no Planetário Calouste Gulbenkian, em Lisboa, foi roubada — soube hoje a NP.

Um informador do planetário disse que aquele fragmento de rocha lunar era o único exemplar que existia em Portugal.

Tal fragmento lunar — acrescentou — tinha sido retirado da Lua, do vale Taurus Littrow, e a sua oferta representava «um símbolo da cooperação do esforço de toda a Humanidade».

Quando uma peça rara se encontra, em exposição disse o mesmo informador, pode ser admirada e estudada, «daí resultando prazer e enriquecimento cultural que a todos beneficia».

«Se tal peça não for recuperada, a sociedade fica privada de poder admirá-la, ficando também particularmente empobrecido o património cultural da Nação» — acrescentou.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 4.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa se FAZ SABER que no dia 17 de Julho de 1985 pelas 14 horas à porta deste Tribunal, e nos autos de execução de sentença, em que é Exequente: CARMEM OLIVEIRA MATILDE TOMÁS, residente em Queijas, e Executada: ESPÍRITO SANTO & ESPÍRITO SANTO, Lda com sede na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 89-8.º em Lisboa, e registados sob o n.º 64/84, pelo mesmo se há-de proceder à venda em primeira (1.ª) praça, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima do valor indicado no referido processo a que lhe foram atribuídos nos seguintes bens:

— Uma máquina de escrever eléctrica, marca IBM — 2059846, avaliada em 100 000$00.

— Um gravador Vídeo Cassette Sanyo VTC 9300, com o n.º 70086162, avaliado em 250 000$00.

— Uma máquina de escrever eléctrica, marca Olivetti, cor cinzenta, em bom funcionamento, avaliada em 60 000$00.

— Uma calculadora electrónica, marca Dismarc, modelo 122 PPV, número 04.211.850/001-90, avaliada em 50.000$00.

— Uma máquina de escrever eléctrica, marca Electronic 8300, n.º A — 31086514, em bom funcionamento, avaliada em 40 000$00.

— Um televisor a cores, marca Decca, n.º 864451, a funcionar, avaliado em 40 000$00.

— Mobiliário de escritório, composto de secretária grande, uma mesa quadrada, cinco cadeiras forradas a napa beje, e um jogo de sofás, sendo um grande e dois pequenos, avaliados em 80 000$00.

Mais: — Uma mesa de escritório, com tampo castanho, três gavetas e pés metálicos, uma estante metálica e uma mesa de vidro com pés metálicos com a medida 1.10x1.50 avaliados em 60 000$00.

— Pelos valores acima dos indicados no processo, dos quais é depositário o Senhor JOSÉ CARLOS DE MELO LARANJO, residente na Quinta da Carreira, Lote 90-3.º, Esq.º em S. João do Estoril, na qualidade de chefe dos serviços administrativos da executada.

Lisboa, 17 de Maio de 1985.

O JUIZ DE DIREITO
(assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
(assinatura ilegível)

1.ª Pub — 11/7/85

O 115 manda reboque

Cor de laranja na estrada tem botão para socorro

Uma simples pressão no botão de uma figura estática de laranja e, num minuto, o avisador chama o «115» ou um reboque para socorrer a voz que lançou na estrada do Estoril o pedido de auxílio.

Identificados pelas letras «SOS», os avisadores lá estão, ladeando as estradas principais, colocados de quatro em quatro quilómetros e prontos a ouvir os pedidos de socorro dos acidentados.

Os avisadores (cerca de 300) integram um sistema de socorro nacional que os liga às centrais do «115», accionadas pela PSP nos meios urbanos e pela GNR nos meios rurais.

Rocha da Silva, presidente do Instituto Nacional de Emergência Médica, de quem depende aquele serviço, em declarações à NP considerou que as populações desconhecem o serviço que os avisadores prestam.

«Por vezes, as pessoas sentem-se inibidas em utilizar o SOS (caso não tenham telefone em casa para chamar directamente o 115), só porque vem a Polícia, esquecendo-se que é um socorro em seu benefício» — disse.

Lamentou aquele responsável que tenham surgido ultimamente postos SOS estragados e com os fios de cobre cortados, o que impede a sua utilização. Assim ficam afectadas zonas áridas, caso não tenham outro meio de socorro.

A propósito, recordou um julgamento recente em Setúbal, por idêntico acto, em que o réu justificou o furto porque «tinha fome».

Setúbal e margem Sul já com avisadores...

A margem Sul do Tejo e a região de Setúbal são zonas onde com mais frequência se encontram avisadores «sem voz», sendo referenciadas até por populares como «zonas onde os miúdos vasculham nas valetas restos de cobre para vender aos fundidores».

Rocha da Silva refere que o sistema, quando da sua implantação, sofreu várias vicissitudes, nomeadamente por actos de vandalismo e os postos atraem os caçadores que se divertem a praticar tiro ao alvo.

A primeira rede de avisadores começou a funcionar em 1975, em Lisboa, seguindo-se no mesmo ano a rede de Aveiro. Em finais de 1976 iniciou-se o arranque da segunda rede do projecto. As estradas distritais foram sucessivamente sendo munidas destes postos, cujas redes se centralizam nas principais cidades.

Excluindo as avarias premeditadas, os «SOS» exigem por vezes a intervenção dos CTT e TLP, dado a falta de resistência das linhas às vicissitudes ambientais, principal obstáculo do funcionamento dos avisadores em condições óptimas.

Tais situações têm provocado ao longo de cada ano a intervenção na ordem de 50 por cento em média de pessoal do Instituto Nacional de Emergência Médica.

INEM tem 110 ambulâncias

Como apoio ao «115», o Instituto Nacional de Emergência Médica mantém a cooperação com 430 serviços de bombeiros em todo o País, dos quais 110 têm ambulâncias especializadas, dotadas de meios rápidos de comunicação que as permite levar o doente ao hospital em segurança e em curto espaço de tempo.

O ano passado registaram-se cerca de 140 mil saídas de ambulâncias correspondentes a pedidos de socorro.

O Instituto, que dispõe de 124 ambulâncias e ministra cursos de formação avançada a técnicos de socorro, possui um orçamento autónomo, sendo os serviços que presta (gratuitamente) ao utente suportados por uma percentagem que cada cidadão paga com o seguro automóvel.

Actualmente — diz Rocha da Silva — noventa por cento dos polícias possuem essa formação e perto de 40 por cento dos bombeiros portugueses conhecem essas técnicas avançadas de socorrismo.

Rocha da Silva reconhece existirem ainda zonas no País, nomeadamente a região de Bragança e algumas do Algarve, onde o sistema de socorro «115» é menor em quantidade e por isso mais demorado.

Quinto centenario das Caldas da Rainha

Arte Portuguesa do século XVIII

Vasta e criteriosa documentação fotográfica, que inclui arquitectura, escultura e pintura do séc. XVIII, está patente ao público numa sala do Museu de José Malhoa, em magnífica exposição promovida pela Fundação Gulbenkian, numa mostra que é simultaneamente espectáculo de arte e fidedigno documento de uma época. Esta exposição integra-se nas comemorações do V Centenário da Fundação do Hospital Termal e das Caldas da Rainha.

Da leitura dos 161 painéis que constituem este certame, sobressaem obras pertencentes ao barroco na sua exuberância e dinamismo e com uma imagética assente no maravilhoso, sendo dignos de relevo os riquíssimos retábulos da Igreja de Santa Clara no Porto, na Igreja do Convento de Jesus em Aveiro, capela de S. João Baptista de S. Roque, entre outros, em que a talha dourada, o azulejo, o mármore e materiais preciosos se completam em faustosos conjuntos decorativos. Foi enriquecida recentemente com a inclusão de novas gravuras, nomeadamente duas que representam Lisboa após a reconstrução.

A acção pedagógica do Serviço Educativo do Museu tem explorado esta exposição em toda a sua ambivalência, promovendo e apoiando visitas comentadas a vários níveis etários. Motivando crianças e jovens para uma sensibilização em relação à arte, não exclui, contudo, uma abordagem histórica requerida pela própria temática da exposição. No Dia Internacional dos Museus, esta exposição foi alvo de atenção especial, efectuando-se visitas de centenas de crianças, que tiveram como suporte a realização de jogos.

Enorme afluência de público tem privilegiado esta exposição, nomeadamente participantes de congressos realizados na área do termalismo, num museu que é um dos mais visitados do País.

Arte Portuguesa no Século XVIII: revisitação obrigatória para quem quiser tomar contacto com um séc. XVIII artístico que se prolonga até nós.

Onde desencantar esse dinheiro?

Estado deve às Misericórdias cerca de três milhões de contos

A dívida do Ministério da Saúde às Misericórdias portuguesas ascende já a mais de três milhões de contos — revelou o presidente do Secretariado Nacional da União das Misericórdias.

O Ministério da Saúde, referiu à ANOP Virgílio Lopes, «desde 1980 que não respeita o contrato celebrado com as Misericórdias para o pagamento de rendas e indemnizações relativas à compra de equipamentos em edifícios hospitalares».

Ruben dos Santos, provedor da Misericórdia de Setúbal, afirmou por seu turno que aquela instituição «vai processar judicialmnte o Ministério da Saúde pelo não pagamento de 27 mil contos a que a Misericórdia local tem direito por indemnização pela oficialização do hospital».

A Misericórdia de Setúbal vive actualmnente com imensas dificuldades, tendo um défice mensal de 500 contos, o qual seria suprido apenas com o juro que o Estado nos deve», disse Ruben Santos. E de seguida: «Vamos processar o Ministério para desbloquear a situação e receber o que nos é devido».

O presidente da União das Misericórdias salientou «haver outras instituições que já apresentaram queixa no Tribunal, como é o caso do Entroncamento e Lourinhã, estando a tratar do mesmo assunto Anadia e Coruche».

«O comportamento do Ministério da Saúde é anti-social, imoral e incompreensível», frisou Virgílio Lopes, que acrescentou: «Deve-se este tipo de comportamento mais a aspectos de ordem política que a dificuldades de tipo financeiro».

«Os graves problemas que atingem as Misericórdias são lesivos dos interesses das camadas mais débeis economicamente, porque é para os pobres, a terceira idade e a juventude que se destinam os serviços prestados pelas Misericórdias», disse.

Entretanto, o presidente da União das Misericórdias referiu o facto de os hospitais distritais terem as suas rendas em dia, enquanto que os concelhios «vêem a dívida por parte do Estado crescer», situação que atribui a critérios de tratamento desiguais.

Na óptica do Sindicato

Adicional de publicidade deve reverter a favor dos jornalistas

Encontra-se em preparação, na Secretaria de Estado da Segurança Social, um diploma sobre o âmbito e finalidade do adicional de publicidade pago pelos órgãos de Informação. O regime em vigor, criado em 1943, fixou aquele adicional em um por cento e limitou-o apenas aos jornais diários; por outro lado, desde 1976 que o adicional não reverte a favor dos jornalistas, sendo integralmente absorvido pelo Instituto de Gestão Financeira de Segurança Social.

De há muito que o Sindicato dos Jornalistas defende a revisão do esquema do adicional, por forma a alargar o âmbito dos órgãos de informação abrangidos e é melhor servir aqueles que devem ser os seus beneficiários, isto é, os jornalistas.

Não obstante esta posição de princípio, favorável à revisão do regime legal do adicional de publicidade, a Direcção do Sindicato dos Jornalistas manifesta a sua profunda preocupação quanto ao espírito dos objectivos que parecem nortear a feitura de um novo diploma sobre a matéria. E a preocupação do Sindicato é quanto à forma e quanto ao conteúdo.

No que respeita à forma, é, no mínimo, estranho que o Sindicato não faça parte do grupo de trabalho constituido no âmbito da Secretaria de Estado da Segurança Social para preparar a revisão do regime do adicional. Do grupo de trabalho fazem parte inúmeros serviços oficiais, a Caixa de Previdência dos Jornalistas, a Casa da Imprensa, prevendo-se apenas para o Sindicato o papel de auditor final sobre os projectos.

Trata-se de uma marginalização inaceitável. O Sindicato não aceita ser afastado dos assuntos que dizem directamente respeito aos jornalistas e reclama a sua integração no grupo de trabalho, como membro de pleno direito.

As preocupações, quanto ao conteúdo, baseiam-se nas informações que nos têm chegado sobre alguns dos projectos.

Na impossibilidade de defender, dentro do grupo de trabalho, os seus pontos de vista, a Direcção do Sindicato dos Jornalistas que uma nova legislação sobre o adicional de publicidade só servirá e anseios dos jornalistas se contemplar os seguintes princípios essenciais:

Alargamento do adicional de publicidade a todos os órgãos de informação, incluindo, portanto, os semanários, a Rádio e a Televisão; as receitas provenientes do adicional serão aplicadas para a constituição de um fundo especial, cujos beneficiários serão os jornalistas; a regulamentação do fundo especial — que poderá contemplar, entre outras matérias, o financiamento da Casa da Imprensa, melhoria das pensões às viúvas dos jornalistas, a criação de uma Casa de Repouso, etc. — será feita com a participação do Sindicato; e a gestão do fundo especial caberá à Caixa de Previdência e Abono de Família dos Jornalistas (e não ao Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social.)

Congresso de Imprensa Regional de Aveiro

Efectua-se no próximo domingo, no salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva, um congresso de Imprensa Regional, que se integra nas comemorações dos 150 anos do distrito de Aveiro.

Serão palestrantes o dr. Manuel Teixeira, director do jornal «O Comércio do Porto»; José Saraiva, director de «O Jornal de Notícias»; dr. Barroso da Fonte, da delegação do Ministério da Comunicação Social do Porto; um director do Sindicato dos Jornalistas; o chefe de Redacção do jornal «Correio da Manhã»; o director do «Diário de Notícias», Mário Mesquita e ainda o jornalista Joaquim Letria, assessor de Imprensa da Presidência da República.

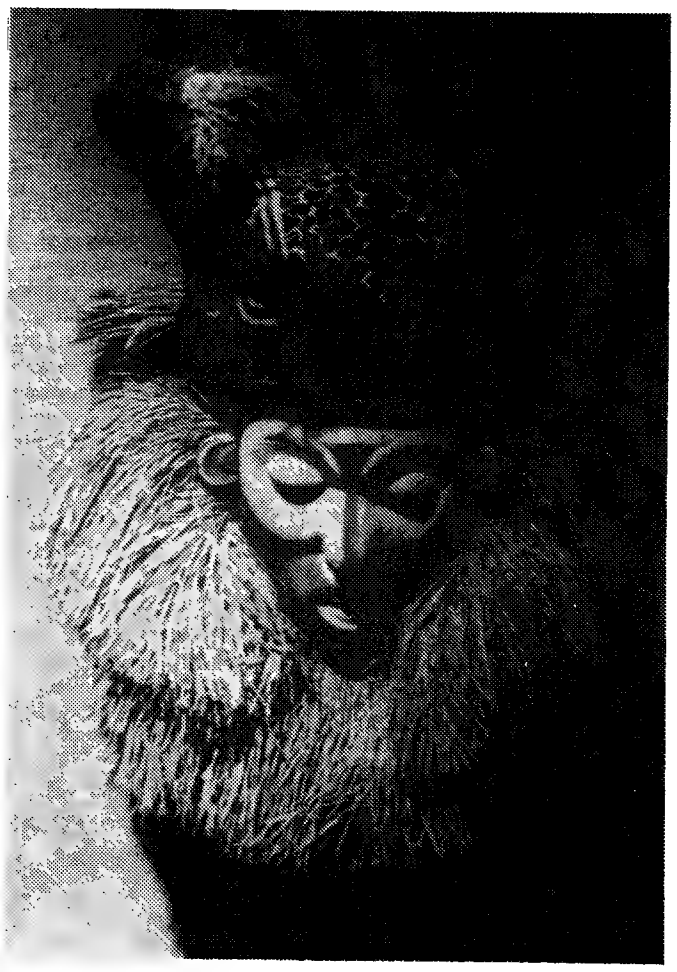
Todas as comunicações a apresentar estão sujeitas a um período de 10 minutos para perguntas e respostas, e terão início pelas 10 horas.

Às 12 e 30 será oferecido aos congressistas um almoço regional, seguido de uma visita às Minas de Carvão de Pedorido (Pejão). Os trabalhos recomeçarão pelas 16 e 30 horas, sofrendo às 18 horas uma interrupção para recepção e sessão solene com a Comissão Executiva das comemorações dos 150 anos do distrito, para a qual foram convidados os director-geral da Comunicação Social, governador civil de Aveiro, bispo de Aveiro e arcebispo-bispo do Porto, secretário de Estado da Comunicação Social e Presidente da República. Segue-se um jantar.

Até sábado, no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian

Literatura, música e dança africanas de países de expressão portuguesa

O espaço definido pela lusofonia no mundo acabará por se afirmar «para além e acima das conjunturas, dos desencontros e das ideologias» — afirmou ontem o dr. Vítor Sá Machado, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, na inauguração do «Colóquio sobre Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa — Tradição e Modernidade» que decorrerá até sábado no Centro de Arte Moderna daquela instituição.



Referindo-se ao interesse deste colóquio — que está integrado nas Jornadas de Letras e Artes dos Países Africanos de Língua Portaguesa promovidas pelos Serviços de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte (ACAPE) da Gulbenkian — Sá Machado sublinhou a importância que a arte e a literatura alcançam como «instrumentos culturais e políticos de primeira linha, neste momento particular da vida dos nossos países, caracterizado pela busca esforçada das raízes que possam ajudar a construir a nação e a estruturar o Estado».

No entender do antigo ministro português dos Negócios Estrangeiros a iniciativa contribui para reforçar os laços que unem os diferentes povos que falam português e aprofundará o conhecimento mútuo, «o que corresponde seguramente a interesses permanentes dos nossos povos, portadores de identidades distintas mas solidários por razões que se forjaram ao longo dos séculos».

Falando depois do reforço dos laços de Portugal com os novos países de língua portuguesa em que se tem empenhado a Fundação Gulbenkian, Sá Machado declarou que esta instituição o faz «na convicção de contibuir para um objectivo nacional eminente», que é o de dar corpo e substância «a uma solidariedade naturalmente decorrente das responsabilidades que a uns e a outros o passado nos legou e o largo futuro nos aconselha».

Na sessão inaugural deste colóquio estiveram presentes, além de Madalena Perdigão, directora do Acarte, o secretário de Estado da Cultura de Moçambique, Fernando Honwana, o embaixador de Cabo Verde em Lisboa, Carlos Reis, e diversos intelectuais africanos e portugueses.

Manuel Ferreira, um dos «motores» das jornadas e do colóquio, e Óscar Lopes, ambos com intervenções programadas, estiveram ausentes por se encontraraem doentes.

«Yaka», de Pepetela

O colóquio propriamente dito começou com uma exposição, longa, de Alexandre Pinheiro Torres sobre o último romance desse excelente escritor angolano que dá pelo nome de Pepetela. A obra, desconhecida em Portugal, apareceu o ano passado e chama-se «Yaka», afinal o nome de uma pequena estátua que acompanha a vida de Alexandre Aragão Semedo, um descendente de um português que tinha sido desterrado para Angola.

Ao analisar «Yaka», Pinheiro Torres pretendeu mostrar como o autor angolano apresenta o políptico da presença portuguesa numa área cujo centro é Benguela, presença «de que nos vai desdobrando sucessivos quadros, lugar de uma acção que se estende de 1980 a 1975».

Essa presença, disse Pinheiro Torres, é-nos revelada, «num plano ao mesmo tempo realista a simbólico, pela **Saga** da família Semedo».

O orador — cuja exposição causou no final uma viva polémica com alguns dos assistentes — defendeu ainda que, em «Yaka», Pepetela quis mostrar como a presença portuguesa desagrega estruturas tradiconais dos afro-negros e, como resultado, a forma como o branco não consegue fazer perdurar a sua «suposta» superioridade.

Curiosamente, esta intervenção de Pinheiro Torres, alvo de alguma contestação que é sempre positiva a torna este tipo de colóquio mais vivo e animado, veio «abrir o apetite» para a intervenção do prof. dr. Urbano Tavares Rodrigues (a realizar no sábado para encerramento dos trabalhos) que se debruçará exactamente sobre outro romance de Pepetela — esse excelente «Mayombe», bem conhecido de todos nós.

Ainda ontem, mas já da parte da tarde, Eugénio Lisboa falou sobre «A doença infantil do Pessimismo»; Maria Cristina Pacheco abordou «As estratégicas de repetição nos contos de Gabriel Mariano»; José Luís Pires Laranjeira tratou da «Formação e Desenvolvimento das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (um Século Decisivo)»; e Salvato Trigo apresentou um trabalho sobre «Literatura Colonial/Literaturas Africanas».

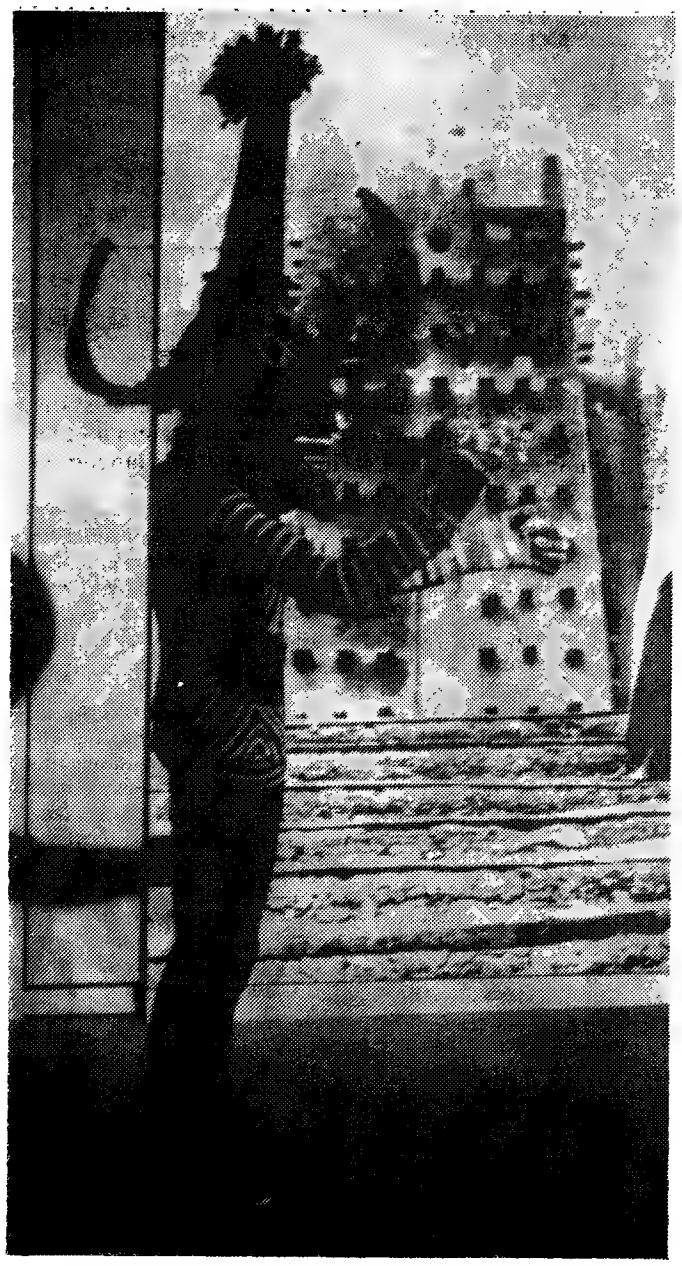
Para esta tarde estão previstas intervenções de Maria Lúcia Lepecki, Louise Davidson e Manuel Ferreira (o autor de «Voz de Prisão» e «Hora di Bai» deve continuar ausente, uma vez que só ontem regressou a casa depois de uma breve intervenção cirúrgica a que foi recentemente submetido).

Exposições e espectáculos

As Jornadas de Letras e Artes dos Países Africanos de Língua Portuguesa conheceram o seu primeiro momento oficial com a inauguração, no fim da tarde de terça-feira, de uma exposição de escultura africana no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, que se mantém aberta ao público.

Essa exposição, bela e expressiva, reúne 76 peças provenientes da Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Costa do Marfim, Mali, Gabão, Gana, Nigéria, Guiné Equatorial e Tanzânia. As peças, na sua maioria de madeira, foram cedidas pelo Museu de Etnologia. Com algum atraso — provocado pela inesperada doença de Manuel Ferreira — foi ontem igualmente inaugurada uma exposição bibliográfica no átrio da sala polivalente do Centro de Arte Moderna. Uma exposição digna de toda a atenção, dada a variedade e a importância dos títulos expostos, todos pertencentes à invulgar colecção particular de Manuel Ferreira.

Ainda ontem, ao fim da tarde, exibiu-se na Sala Polivalente do CAM o grupo de música e dança da República da Guiné-Bissau «Katchu Lambé», que actuará de novo esta tarde pelas 18 e 30. Este foi o primeiro espectáculo de uma série integrada nas Jornadas, pois no domínio da Música e da Dança Africana a Fundação Gulbenkian convidou os seguintes agrupamentos: «Os Tubarões» (dias 13 e 14, pelas 21 e 30, no anfiteatro de Ar Livre); «Sossabe», de Cabo Verde (dia 18, à mesma hora e no mesmo local); Quarteto Opus Ensemble (dia 23, às 18.30 na Sala Polivalente); e Grupo de Teatro da Universidade Técnica de Lisboa, que apresentará no mesmo espaço a peça «Orfeu Dizem Negro» nos dias 25 (18 e 30) e 26 (21 e 30); Grupo «Instrumental Primeiro de Maio — Orquestra de Música Popular de Angola (dia 27, às 21 e 30, no Anfiteatro de Ar Livre).



Escultura africana na Gulbenkian: uma arte que nada tem de primitiva, uma arte perfeitamente elaborada e em plena posse dos seus meios, que exprime o mundo mental complexo dos seus autores e que vai do realismo mais excessivo à mais severa abstracção

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

amadís

TEXTO DE ABEL NEVES

ENCENAÇAO DE JOAO MOTA

HOJE as 21.30 DOMINGO AS 17 H

ULTIMA SEMANA

APOIOS – RÁDIO COMERCIAL · O JORNAL · O SETE · EUROGRAF

PRAÇA DE ESPANHA · TEL. 72 08 18 · SUB. M. CULTURA. · P/MAIORES 12

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Nos autos de Execução de Sentença n.º 1260/A — 2.ª Secção que Isabel Maria Lopes Torrado da Silva move contra MANUEL ARTUR SILVESTRE PEREIRA DE SOUSA e CLARA DE SOUSA, com última residência conhecida na Calçada da Tapada, 79-2.º em Lisboa, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os referidos executados para, no prazo de 5 dias, findos os éditos, procederem à entrega à exequente da cave direita do prédio sito na Rua da Indústria, 91, em Lisboa, sob pena de à mesma entrega se proceder judicialmente.

Lisboa, 5 Julho 1985

O Juiz de Direito,
(Joao Manuel Crespo Góis Pinheiro)
O Escrivão Adjunto,
(Mário Matias Monteiro)

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORNECIMENTO DE SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DE PRATA DOS FIXADORES RADIOLÓGICOS

Conc. Público 16/85-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terá lugar no dia 7 de Agosto às 11 horas no referido Serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 9 de Julho de 1985

Pel'O Director do Serviço de Aprovisionamento

a) J. d'Almeida Ribeiro

Por conselho dos americanos

Petrogal quer transformar-se numa pequena empresa

Uma redução drástica dos postos de trabalho administrativos da Petrogal é defendida no estudo efectuado por uma empresa norte-americana de consultores económicos.

Um elemento da Comissão Central de Trabalhadores da Petrogal (CCT) disse à NP que se trata de uma das conclusões a que chegou a empresa norte-americana McKinsey, a qual terminou recentemente um estudo sobre a reestruturação da Direcção-Geral Financeira daquela empresa pública.

«O próprio conselho de gerência afirmou à CCT que pretende reduzir drasticamente os postos de trabalho, por forma a transformar a Petrogal numa pequena empresa», acrescentou a mesma fonte.

Da eliminação de postos de trabalho não resultarão, todavia, quaisquer despedimentos sem acordo mútuo entre a empresa e o trabalhador, informou o conselho de gerência da Petrogal.

Os trabalhadores cujos postos de trabalho sejam eliminados serão considerados «disponibilizados» e integrados no quadro geral transitório (QGT), na situação de tarefeiros, disse o elemento da CCT.

Actualmente, encontram-se nesse quadro, que segundo a CCT funciona como a «prateleira da Petrogal», mais de 200 trabalhadores, número que, a curto-prazo, deverá elevar-se para 600 ou 700, depois dos designados estudos de reorganização e reestruturação que a McKinsey vai efectuar nas restantes direcções-gerais da empresa.

No estudo sobre a direcão-geral financeira, a empresa norte-americana aponta para a «disponibilização» de 100 a 120 trabalhadores administrativos. Para a CCT, a estratégia do conselho de gerência é simultaneamente «clara e maquiavélica»: «não substitui, em certos serviços, os trabalhadores que saem (principalmente reformados), criando escassez de mão-de-obra interna posteriormente e com o argumento de que estes serviços não dão resposta, entrega-os a empresas privadas».

«Com a política de redução progressiva dos postos de trabalho, pretende o CG reduzir a Petrogal à actividade de refinação, entregando os restantes sectores da empresa ao capital privado», acusa a CCT.

Com efeito, a transformação da Petrogal numa «holding», com carácter de empresa pública e com a actividade de refinação, englobando quatro empresas de capital misto é uma das hipóteses defendida pelo ministro da Indústria e Energia, Veiga Simão para a reorganização das empresas do sector energético.

A outra hipótese defendida pelo Ministério da Indústria preconiza a integração da Petroquímica e Gás de Portugal (PGP) e do sector de gás da EDP na Petrogal, a qual seria reorganizada internamente em departamentos autónomos para as actividades de refinação, petroquímica, distribuição de combustíveis líquidos e produção e distribuição de combustíveis gasosos.

O elemento da CCT informou a agência NP que a empresa norte-americana de consultoria económica vai dedicar-se agora ao estudo da Direcção-Geral do Gás, a que se seguirá a Direcção-Geral dos Produtos Químicos.

A CCT afirma que as consequências em termos de postos de trabalho das designadas reestruturações da DG Gás e da DG Produtos Químicos serão ainda mais gravosas do que as previstas para a Direcção-Geral Financeira.

Petróleo mexicano mais barato na Europa

O México estabeleceu novos preços para o seu petróleo de exportação, de acordo com a localização geográfica dos seus clientes.

O novo esquema, anunciado quarta-feira à noite, significa uma descida em relação às cotações anteriores e afecta os dois tipos de petróleo, o Istmo (ligeiro) e o Maya (pesado).

O ministério da Energia anunciou que os novos preços têm efeitos desde 1 de Julho. Analistas económicos na Cidade do México calculam que a redução do preço signifique uma perda de 300 milhões de dólares em receitas provenientes da exportação do petróleo no segundo semestre de 1985, o que obrigará o Governo mexicano a recorer a outras medidas de poupança.

Os novos preços em dólares por barril a partir de 1 de Julho, oscilam entre os 26,75 e os 26,25 para o petróleo ligeiro e entre 22,50 e 23,50 para o petróleo pesado. Têm uma característica dominante: são mais baixos para o petróleo vendido na Europa. Foi concedida aos compradores europeus uma vantagem de meio dólar no petróleo ligeiro e de um dólar no petróleo pesado.

Até fins de Maio o preço do istmo era de 27,75 dólares por barril enquanto o preço do Maya era de 24 dólares por barril.

Fontes oficiais indicaram que o México espera, com esta nova política, mais flexível, de preços do petróleo, manter a exportação ao nível de 1,5 milhões de barris por dia.

Em Maio, a exportação mexicana foi de 1,35 milhões de barris por dia, enquanto em Junho se registou uma quebra para 800 000 barris diários.

Lei das Rendas em Janeiro de 86

A lei das rendas entrará plenamente em vigor a partir de Janeiro de 1986 depois de definida a regulamentação sobre os subsídios a acordar às rendas antigas — soube-se ontem de fonte oficiosa.

Esta questão será explicitada pelo ministro do Equipamento Social em conferência de Imprensa marcada para o fim da tarde de hoje na qual também será abordada a questão da reestruturação do sector da habitação, nomeadamente através da criação de sociedades de construção.

Carlos Melancia vai explicar o funcionamento do sistema de aplicação da nova lei das rendas, aprovada na semana passada pelo Parlamento, visto que esta tem dois aspectos distintos: um ligado aos contratos de arrendamento recentes e outro às rendas antigas — disse um porta-voz do Ministério.

No que se refere aos contratos recentes, as disposições previstas na nova lei entrarão logo em vigor após a sua publicação, enquanto para as rendas antigas torna-se necessário efectuar uma nova regulamentação, referente à sua actualização e subsídios.

«O facto da lei não se aplicar imediatamente em relação a este segundo aspecto tem sido interpretado como «um congelamento» o que não é exacto» — — disse o mesmo porta-voz.

PCP votou favoravelmente baixa do Imposto de Capitais

Assinada pelo deputado Octávio Teixeira, recebemos do Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português o seguinte esclarecimento:

No «Diário de Lisboa» de 9 de Julho de 1985, pág. 13, com o título «Assembleia reduziu taxa de juro e imposto de capitais», e a meio do texto o subtítulo «As razões do PCP para votar contra», afirma-se:

«... quer a baixa das taxas de juro quer a emissão de Títulos do Tesouro aprovadas com os votos contra do PCP e do MDP/CDE». Não é verdade!

Na noite do dia 8 de Julho, período a que se refere a vossa notícia, foram discutidas e votadas duas propostas de lei:

— a criação de **Bilhetes de Tesouro** que votámos **desfavoravelmente** por não ser acompanhada de uma proposta de alteração orçamental, tal como o exige a Constituição e a Lei de Enquadramento do Orçamento;

— a redução do **Imposto de Capitais** (que o Governo considerou condição prévia para uma futura baixa das taxas de juro cuja aprovação não cabe à Assembleia da República e se insere na competência governamental). Como é evidente o PCP votou **favoravelmente** esta proposta. Há já vários anos que vimos exigindo a baixa das taxas de juro do crédito como forma de incentivar o investimento, de contribuir para a melhoria da fortemente degradada situação financeira da generalidade das empresas nacionais, e como forma de redução na inflação».

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	63$45	69$45
ALEMANHA FED (marco)	56$90	58$00
ÁUSTRIA (xelim)	8$00	8$20
BÉLGICA (franco)	2$659	2$859
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$50	125$50
(notas de 5 a 1000)	124$00	126$00
DINAMARCA (coroa)	15$75	16$15
ESPANHA (peseta)	$942	1$062
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	167$25	169$25
(notas de 5 a 1000)	167$75	169$75
FINLÂNDIA (marka)	27$35	27$95
FRANÇA (franco)	18$65	19$35
HOLANDA (florim)	50$45	51$45
IRLANDA (libra)	179$90	183$10
ITÁLIA (lira)	$081	$091
JAPÃO (iene)	$661	$696
NORUEGA (coroa)	19$70	20$20
REINO ÚNIDO (libra)	232$95	236$95
SUÉCIA (coroa)	19$65	20$25
SUÍÇA (franco)	68$20	69$30
VENEZUELA (bolívar)	10$80	11$80

Observações:
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Sindicato denuncia

Repressão na Lisnave visa "intimidar"

«Uma manobra intimidatória sobre os trabalhadores» é como o Sindicato dos Metalúrgicos do Sul classifica a actuação dos Mellos na Lisnave, numa «tentativa de aplicar o seu plano de recuperação monopolista». O sindicato revela que a administração instaurou processos disciplinares para despedimento a dois membros dos ORT's e a um membro da direcção da estrutura sindical «quando em cumprimento das suas funções e em situação de luta aprovadas pelos trabalhadores.» Diz também, referindo-se aos oito meses de salários em atraso, que a administração «na mesma semana em que utiliza um milhão e quatrocentos mil contos para despedimentos encapotados, paga de salário aos trabalhadores 2.500$00. Exigindo a anulação dos processos disciplinares, o sindicato responsabiliza a administração da Lisnave «pelas acções que os trabalhadores venham a decidir na defesa dos seus órgãos e dos seus legítimos direitos.»

Paralisação na CIVE

Os trabalhadores da Companhia Industrial Vidreira da Marinha Grande (CIVE) estão hoje paralisados, entre outros objectivos, pelo pagamento pontual e integral das prestações pecuniárias, designadamente os salários em atraso. Os trabalhadores da CIVE pretendem também a assinatura do contrato de viabilização da empresa e a manutençao de cerca de 500 postos de trabalho. Os trabalhadores responsabilizaram o IPE, a administração da empresa e o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa pelos transtornos que a sua luta possa causar a terceiros.

Seminário sobre contratação colectiva

A Fundação Oliveira Martins promoveu um seminário sobre contratação colectiva que contou com a presença de dirigentes sindicais da República Federal Alemã (RFA), participaram no seminário de formação cerca de 40 sindicalistas da UGT que ouviram as experiências apresentadas por sindicalistas da Federação Sindical da RFA (DGB). Uma fonte do seminário disse que o encontro visou a preparação de outro, mais longo que decorrerá na RFA no último trimestre de 1985 com o objectivo de permitir uma maior troca de experiências.

Greve desconvocada

O Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários de Santarém desconvocou a greve de 48 horas que deveria ter tido início ontem em quatro empresas de transportes de mercadorias do distrito. Uma fonte sindical disse que as paralisações foram desconvocadas tendo em conta a possibilidade de desbloqueamento do contencioso existente durante a reunião que decorrerá no Ministério do Trabalho no próximo dia 16. Os trabalhadores reivindicam a actualização salarial em situação de igualdade com as restantes empresas do ramo.

STAL exige negociações

O Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) anunciou que o ministro da Administração Interna não recebeu a sua delegação que na segunda-feira lhe tentou apresentar os problemas do sector. O Stal exige a realização imediata de reuniões para negociar projectos governamentais relacionados com a reestruturação de carreiras, a classificação de serviço e trabalho extraordinário, entre outros.

Guerra Irão-Iraque

Possível intervenção egípcia

A hipótese de uma intervenção do Exército egípcio no conflito Irão-Iraque foi ontem admitida por Walid Abu-Dahr, director da revista pró-iraquiana «Al-Watan-Al-Arabi».

«O Egipto será o primeiro país árabe a responder a uma apelo iraquiano», escreveu Abu-Dahr,na última edição da revista, que se publica em Paris.

«Posso afirmar que o Egipto não aceitará uma derrota militar iraquiana, e isso é qualquer coisa que o Irão, a Líbia e a Síria devem compreender», acrescentou.

Abu-Dahr disse também que a posição do Egipto foi revelada quando da recente visita ao Cairo do vice-presidente iraquiano, Taha Yassin Ramadan.

Enquanto isto, o Iraque anunciou ter esmagado ontem outro ataque iraniano na região meridional de Taiba, nos 1200 quilómetros da frente de guerra do golfo.

Um porta-voz militar iraquiano disse que milhares de soldados iranianos morreram e muitos outros, entre os quais um oficial, foram capturados.

Fim da "emenda Clark"

EUA podem auxiliar forças anti-Luanda

A Câmara dos Representantes dos EUA decidiu quarta-feira à noite por 236 contra 185 votos anular a emenda que impedia o apoio à guerrilha que luta contra o governo angolano. A decisão surge 10 anos depois de o Congresso norte-americano ter decidido o não envolvimento dos Estados Unidos em zonas internacionais de conflito, na sequência dos acontecimentos do Vietname.

Sam Stratton, um dos membros da Câmara de Representantes que votou a emenda, afirmou na circunstância que a possibilidade de os Estados Unidos apoiarem as forças que se opõem ao regime angolano se justifica em virtude da presença em Angola de cerca de 25 mil soldados cubanos e de vários conselheiros militares soviéticos.

«É absolutamente necessário responder ao aventureirismo cubano e soviético» – sublinhou.

Esta votação confirma a decisão tomada pelo Senado em 11 de Junho igualmente no sentido de rejeitar a emenda Clark.

As duas Câmaras do Congresso deverão agora aprovar um documento conjunto que formalize a rejeição da emenda.

Durante os debates, um membro da Câmara dos Representantes disse estar informado de que a administração Reagan não tem planos para dar assistência às forças anti-governamentais em Angola.

Kampuchea

O governo do presidente norte-americano, Ronald Reagan, regozijou-se quarta-feira com a decisão do Congresso de auxiliar as forças antivietnamitas do Kampuchea com cinco milhões de dólares, mas acrescentou que não tenciona usá-lo em assistência militar.

O porta-voz do Departamento de Estado, Robert Smalley, disse que o voto na Câmara dos Representantes «assinala poderosamente a determinação da América em opor-se à agressão e em apoiar a liberdade».

A decisão dos Representantes dava ao governo a possibilidade de usar os fundos em ajuda militar ou económica.

A demissão confirmada de David Stockman da Direcção do Gabinete de Gestão e Orçamento do governo norte-americano consagra o fracasso das promessas da administração Reagan de reduzir o défice do orçamento dos Estados Unidos.

Stockman confirmou que abandonará o cargo que desempenhava há quatro anos e meio no primeiro de Agosto próximo, «por motivos pessoais», para tratar da filha recém-nascida e ocupar funções melhor remuneradas numa firma privada de grande prestígio.

No entanto, os meios políticos de Washington consideram que a renúncia de um dos mais conceituados «cérebros» da actual administração norte-americana obedece a motivos muito mais complexos e nomeadamente ao fracasso evidente de Stockman em reduzir o défice do orçamento federal, que Reagan tinha prometido «eliminar» durante o seu segundo mandato presidencial e que ultrapassará, pela primeira vez, em 1985 a barreira psicológica dos 200 mil milhões de dólares.

Ataque israelita no Líbano

— 20 mortos e 55 feridos

Pelo menos 20 mortos e 55 feridos é o balanço provisório de um ataque israelita perpetrado quarta-feira contra dois campos de refugiados palestinianos no Norte do Líbano — revelaram fontes locais libanesas.

A aviação israelita atacou alvos civis e militares nos campos de Bedawi e Nahr Al Bared, próximo do porto de Tripoli.

O ataque seguiu-se a dois atentados bombistas cometidos terça-feira por comandos suicidas contra aliados israelitas no Sul do Líbano.

URSS e China intensificam cooperação económica

A União Soviética e a China assinaram ontem um acordo que prevê a duplicação do comércio bilateral até 1990, e um acordo de cooperação ao abrigo do qual Moscovo ajudará a modernizar a indústria chinesa.

Os acordos foram assinados pelo vice-primeiro-ministro, Yao Yilin e pelo seu homólogo soviético, Ivan Arkhipov, no decurso da visita que o dirigentes chinês está a efectuar à URSS.

Para comentadores ocidentais, os acordos evidenciam a lenta melhoria nas relações económicas entre os dois gigantes socialistas.

A agência soviética TASS disse que o acordo de comércio e pagamentos entre 1986 e 1990 prevê trocas totais de cerca de 14 mil milhões de dólares (perto de 2380 milhões de contos). As trocas anuais aumentariam para 3500 milhões de dólares/ano em 1990, praticamente o dobro do número de 1985.

Ao mesmo tempo, a União Soviética ajudaria a construção de sete novas fábricas na China e à modernização de mais 17 nos campos da energia, metais, construção de maquinaria, carvão, produtos químicos e transportes.

Por outro lado, o presidente chinês, Li Xiannian, e o primeiro-ministro, Zhao Ziyang, mostraram-se interessados em expandir a cooperação económica com a RDA, em conversações com o vice-chefe do Governo da Alemanha Democrática, Gerhard Shuerer, de visita a Pequim.

URSS
RÚSSIA – UCRÂNIA –
MOLDÁVIA – MAR NEGRO
• Partida 13/8 (confirmada), 2 semanas
• visitando Moscovo, Kiev, Kichiniov, Odessa
• Pensão completa, quartos c/ banho, excursões diárias incluídas, visitas, espectáculo
• Esc. 105 000$00 (preço garantido)
Voando com a/ AEROFLOT
Peça programas detalhados
AGITURISMO
Agiturismo
Rua da Gloria, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv Op 414

Aspecto da inauguração do Edifício Fidelidade, vendo-se (da esq.ª para a dir.ª) os srs: Raul Cruz, Fernando Batista e Dr. Dias Afonso, gestores da FIDELIDADE; o Dr. Silva Almeida, presidente do Instituto de Seguros de Portugal; o Dr. Rui de Carvalho, presidente da Associação Portuguesa de Seguros; o Sr. Comandante Carlos Mesquita, presidente do Conselho de Gestão da FIDELIDADE; e o Sr. Boanerges Borges, gestor da FIDELIDADE.

Novo Edifício FIDELIDADE

No centro de Lisboa

Dirigido ao mercado de aluguer, o novo Edifício FIDELIDADE, que se ergue na zona do Rato, em Lisboa, foi inaugurado na última semana, em breve cerimónia a que estiveram presentes numerosas individualidades.

Propriedade da FIDELIDADE-Grupo Segurador, o novo Edifício foi construído segundo um projecto da Arqt.ª Maria Leonor Janeiro, salientando-se pela sua traça arquitectónica que procura a integração na paisagem urbana, numa evocação ao aqueduto das Aguas Livres.

A construtora, OBRECOL, através dos seus gerentes, expressou a satisfação que teve em participar neste projecto, exprimindo na prática a concepção verdadeiramente original da sua arquitectura.

O Edifício é composto por 42 fogos, 10 lojas e 55 aparcamentos, situando-se no cruzamento da Rua S. Filipe Nery com a Trav. da Fábrica das Sedas.

Este Empreendimento é mais uma iniciativa com que a FIDELIDADE-Grupo Segurador assinala o 150.º Aniversário da sua fundação, prosseguindo assim o aumento já significativo do engrandecimento do seu património.

STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

«Os problemas dos Trabalhadores da Administração Local e a sua resolução através da discussão e negociação STAL/MAI»

1 — Há já longo tempo que o STAL — Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, legítimo representante dos Trabalhadores das Autarquias Locais, tem vindo a colocar a V. Ex.ª a necessidade de ser iniciado o processo de diálogo, discussão e negociação das matérias que interferem com os direitos e interesses dos Trabalhadores que representa.
2 — Apesar dos esforços desenvolvidos pelo STAL no sentido de se iniciar o diálogo, V. Ex.ª tem vindo a responder às solicitações que por nós têm sido feitas com um silêncio que provoca o agravamento dos problemas do sector.
3 — Por outro lado e totalmente à margem da Organização representativa dos Trabalhadores da Administração Local — O STAL — o Governo teima em tentar impor um conjunto de medidas legislativas que põem em causa não só, a estabilidade de emprego e direitos fundamentais dos trabalhadores, como também o Poder Local saído do 25 de Abril.
4 — Aliás, tais medidas, são perfeitamente contrárias á Declaração de Princípios aprovada na Conferência do Conselho da Europa, que se realizou em Inglaterra de 19 a 21 de Junho findo, que debateu os problemas da Administração Regional e Local e em que o STAL participou.
5 — Nesta conformidade e tendo em conta que estão em causa direitos fundamentais dos Trabalhadores da Administração Local, vimos, mais uma vez, junto de V. Ex.ª, solicitar a discussão e negociação de todas as matérias que interfiram com os T.A.L., designadamente:
— Negociação do Projecto de Carreiras entregue pelo STAL em Abril de 1984.
— Negociação do Projecto sobre Classificação de Serviço.
— Negociação do Projecto sobre trabalho extraordinário, nocturno, em dias feriados e de descanso semanal e por turnos.
— Negociação do Projecto sobre a introdução do Agente Unico nos Transportes Colectivos (Motoristas e Cobradores de Transportes Colectivos).
— Integração nos quadros dos Trabalhadores assalariados eventuais ou contratados a prazo, que correspondam a necessidades permanentes, com dispensa de concurso público e de consulta ao Quadro de Excedentes.

Com os melhores cumprimentos e saudações sindicais.
A DIRECÇÃO NACIONAL,
João Gentil

ENSINE O SEU FILHO
Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras
PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

DOSSIER

Os dez anos de S. Tomé e P

Os primeiros dez anos de S. Tomé e Príncipe como país independente caracterizaram-se por importantes conquistas políticas e sociais, mas também por dramáticas dificuldades económicas e graves quebras no abastecimento alimentar da população.

Logo depois da proclamação da independência, em 12 de Julho de 1975, foi socializado o ensino e instituída a assistência médica gratuita, o que eliminou algumas das mais gritantes discriminações herdadas do regime colonial.

Actualmente, 97 por cento das crianças e adolescentes entre os 6 e 14 anos são abrangidos pelo sistema nacional de ensino, o que garante a futura irradicação do analfabetismo.

A extensão do númeo de alunos foi acompanhada pela remodelação dos programas e pela formação acelerada de novos professores e reciclagem dos já existentes, mas a desejada reforma integral do ensino tem sido impedida pela carência de recursos financeiros, o que se traduz, nomeadamente, em dificuldades na aquisição de material escolar.

No quadro da melhoria do sistema naacional de ensino, o Ministério da Educação e Cultura também tem promovido cursos de formação média e técnico-profissional, por exemplo formação de mecânicos de automóveis e de electricistas.

Se a criação de um sistema nacional de ensino foi um êxito, embora com carências e deficiências, já a campanha de alfabetização de adultos, organizada pelo Ministério da Educação e Cultura em cumprimento de uma decisão adoptada em 1978 pela primeira assembleia do Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe (MLSTP), não conseguiu alcançar os seus objectivos.

Assistência médica

A instituição da assistência médica gratuita concretizou-se através da criação de centros de saúde em todos os distritos do arquipélago, o que pôs fim à concentração dos recursos na capital e ao quase abandono em que vivia a população do resto do país.

Paralelamente, iniciou-se a realização de um projecto de protecção materno-infantil e foram desencadeadas campanhas para a irradicação do paludismo e campanhas de vacinação.

De acordo com estimativas datadas de 1983, a mortalidade desceu para 9,22 por cento, com um índice de natalidade de 42,4 por cento, e a esperança de vida subiu para os 62 anos.

O esforço realizado na cobertura sanitária do arquipélago é evidenciado pelo facto de existir presentemente um médico para 2000 habitantes e um enfermeiro para 465, taxas que se situam na vanguarda do Terceiro Mundo.

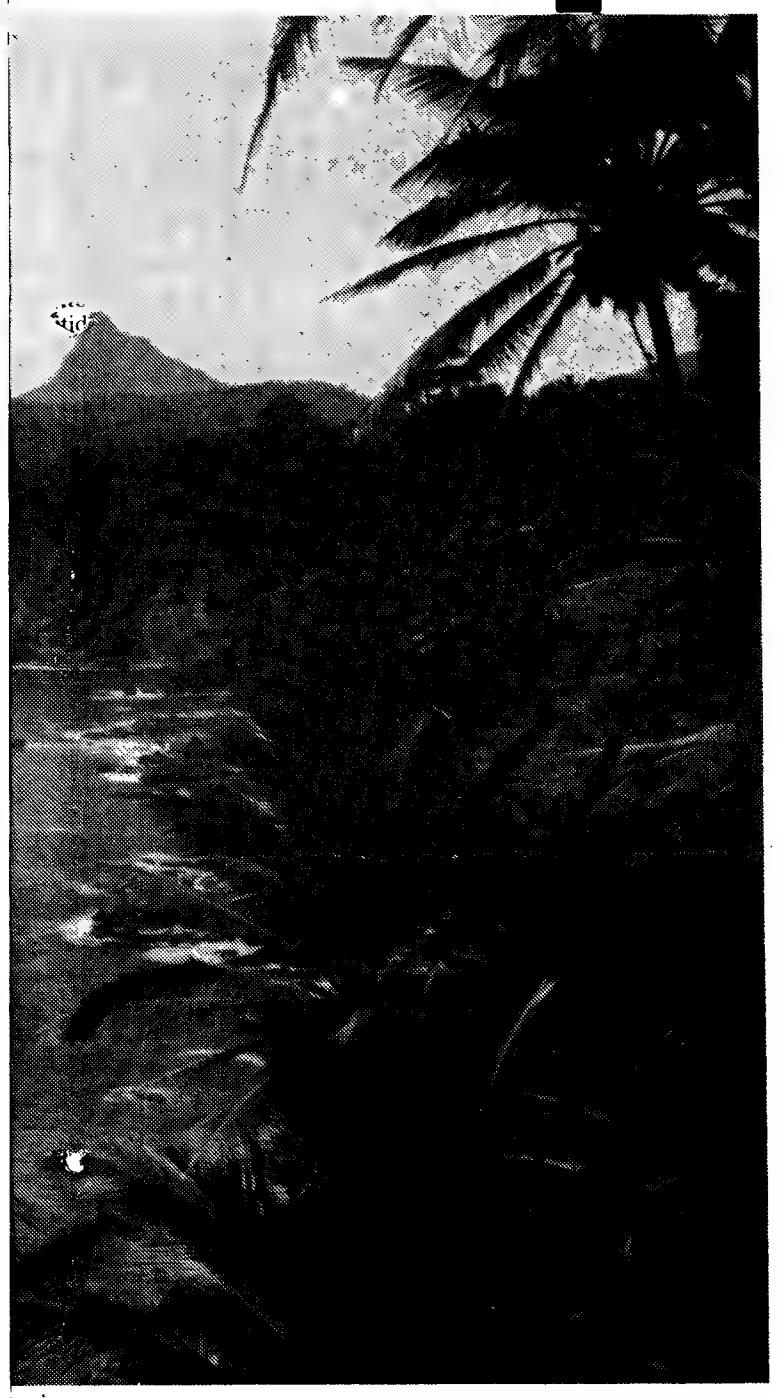
A economia de S. Tomé, ao contrário, sofreu ao longo dos últimos dez anos as consequências nefastas do êxodo dos técnicos portugueses após a independência, da falta de quadros qualificados e experientes e, sobretudo, os efeitos devastadores da crise económica mundial.

País pequeno e insular, com apenas 996 quilómetros quadrados e cerca de cem mil habitantes, S. Tomé e Príncipe herdou do período colonial uma economia assente na monocultura do cacau, cujas cotações registaram grandes quebras no período posterior à independência.

A nacionalização das roças de cacau, em Setembro de 1975, foi recebida festivamente por toda a população e criou a esperança de um rápido aumento do nível de vida, esperança que se frustrou em larga medida.

Os proprietários e técnicos abalaram, deixando maquinarias e equipamentos obsoletos, o que obrigou uma dúzia de agrónomos e regentes agrícolas, na maior parte recém-formados e sem qualquer experiência de gestão, a assumir de um dia para o outro a direcção técnica e administrativa de grandes roças. Tudo agravado pela idade avançada das plantações de cacau,

e Príncipe



tal como das plantações de café e dos palmares, as duas outras culturas de exportação.

Renovação de plantações

Presentemente, graças à cooperação da Comunidade Económica Europeia, estão a ser renovados os palmares e coqueiros da Ribeira Peixe, a maior empresas são-tomense em extensão, enquanto se encontram em estudo ou já em fase de implementação projectos idênticos nas plantações de cacau e café.

O governo são-tomense tem procurado, por outro lado, diversificar a produção agrícola, com vista à obtenção da auto-suficiência alimentar. Em 1981, foi iniciado, com a cooperação da França, o projecto hortícola de Mesquita, que já garante uma substancial melhoria da dieta alimentar da população.

Está igualmente em curso de realização um grande projecto de reabilitação das grandes empresas agrícolas estatais, graças ao apoio de organizações internacionais, de instituições financeiras e de outros países, como o Programa Alimentar Mundial, o Banco Mundial, o Banco Africano de Desenvolvimento.

A renovação da maquinaria e dos equipamentos, a adopção de novas técnicas agrícolas e a substituição das plantações envelhecidas deverão conduzir ao aumento da produção e da produtividade, contrariando a tendência verificada no último decénio.

Muito mais favorável foi a evolução do sector pecuário: introdução de novas espécies, como bovinos, caprinos e ovinos, irradicação da peste suína africana, que assolou o país a partir de 1979, o que permitiu retomar a criação de porcos, e criação de uma empresa avícola, cuja produção já satisfaz a procura de frangos e ovos.

Comunicações

Sem prejuízo do desenvolvimento do sector agrícola e pecuário, estrá presentemente a incrementar-se o turismo e a pesca, com vista à criação de novas fontes de divisas e de novos postos de trabalho.

Está em curso a construção de uma rede hoteleira, graças à cooperação como a Jugoslávia, bem como um programa de formação de pescadores são-tomenses.

Outra importante conquista do último decénio, considerada por muitos como «o maior empreendimento nacional desde a independência», foi a instalação de uma estação terrena de comunicações via satélite.

Inaugurada em 26 de Novembro de 1980 pelo presidnete pinto da Costa, a estação terrena, financiada pela Argélia e construída por uma empresa japonesa, quebrou o isolamento quase total das ilhas em relação ao resto do mundo. Presentemente, poder-se comunicar por telefone ou por telex com todos os outros países.

O isolamento do arquipélago foi igualmente reduzido pela extensão e modernização do aeroporto internacional de S. Tomé, graças a cooperação de Portugal, e pela criação pela TAP de uma carreira mensal para Lisboa, o que quebrou a total dependência em relação à ligação aérea com Luanda.

Novas perspectivas à evolução económica de S. Tomé e Príncipe foram criadas recentemente com a abertura da agricultura, comércio, turismo, hotelaria e pescas à iniciativa privada e com a publicação da legislação que estímula o investimento estrangeiro, o que relançou a esperança de uma futura melhoria do nível de vida.

O vector essencial da política externa de S. Tomé e Príncipe é o não-alinhamento. Membro das Nações Unidas, da Organização de Unidade Africana e do Movimento dos Países Não-Alinhados, S. Tomé e Príncipe tem relações de cooperação com numerosos países, independentemente dos seus regimes políticos, mas muito em particular com os outros quatro países africanos de língua oficial portuguesa.

No que diz respeito a Portugal, as sequelas do colonialismo foram eliminadas e as relações são actualmente harmónicas, embora as solicitações de cooperação com a antiga metrópole nem sempre tenham recebido uma resposta adequada.

Carlos Teixeira (ANOP)

Controlo da poluição atmosférica da cidade através de rádio-sonda

Ecologia

Chuva artificial para combater poluição

Cientistas lituanos propuseram um novo meio de combate à poluição da atmosfera através de chuva artificial, desencadeada pelo tratamento das nuvens por agentes especiais.

Os especialistas já realizaram centenas de experiências nas nuvens mediante a utilização de foguetes meteorológicos, ocupando-se igualmente em resolver problemas ligados à simulação matemática e previsões a longo prazo da poluição das nuvens, aos mecanismos de autodepuração da atmosfera e aos métodos de medição dos teores das diferentes substâncias no ar.

Os estudos são efectuados através de um aparelho que permite controlar, a partir da terra, a pureza da atmosfera das cidades. Em apenas alguns segundos, este dispositivo define a composição e taxas dos detritos na atmosfera de qualquer fonte de poluição.

Lago-enigma na Antárctida

Um lago coberto de um gelo absolutamente transparente, situado na chamada Terra da raínha Maud, foi descoberto pelos exploradores polares que integraram a 30.ª expedição soviética à Antárctida.

Através do gelo, cuja espessura ultrapassa o metro e meio, os observadores puderam distinguir os menores detalhes, até uma profundidade de 10 metros. Até agora, não se conhecia gelo tão transparente, pois habitualmente as bolhas de ar e o vento tornam-no opaco, mesmo quando tem apenas alguns centímetros de espessura.

O lago encerra ainda outros enigmas. Assim, o nível da água varia em estrita conformidades com as marés do oceano, que se encontra a pelo menos 100 km de distância. Isso significa que o lago está ligado ao mar, embora se tenha comprovado que a sua água é doce.

Casulos para depurar águas industriais

Uma solução efectuada a partir dos casulos dos bichos-da-seda é o mais recente processo criado pelos especialistas para depurar águas industriais, contaminadas por resíduos das empresas têxteis e de tinturaria.

O casulo contém uma cola natural, a sericina. As soluções aquáticas desta substância são susceptíveis de colocar em estado de suspensão as partículas coloidais e semi-coloidais, contidas nos detritos das produções têxteis.

O novo processo foi experimentado na fábrica de sedas de Marguilan, no Uzbequistão, onde os resíduos de casulos eram consideráveis. Estes são agora utilizados na depuração das águas, com grande rendimento.

Nova reserva

Uma nova reserva de 100 mil hectares foi marcada no Kazaquistão soviético, tendo em vista os seus massiços florestais, fontes termais e plantas medicinais. Até ao fim do século, será interdita na zona a caça, abate de árvores, alteração do débito dos rios e extracção de minérios. Esta república já conta com cerca de 300 territórios, em cujos limites é proibida a actividade económica intensiva e a instalação de empresas.

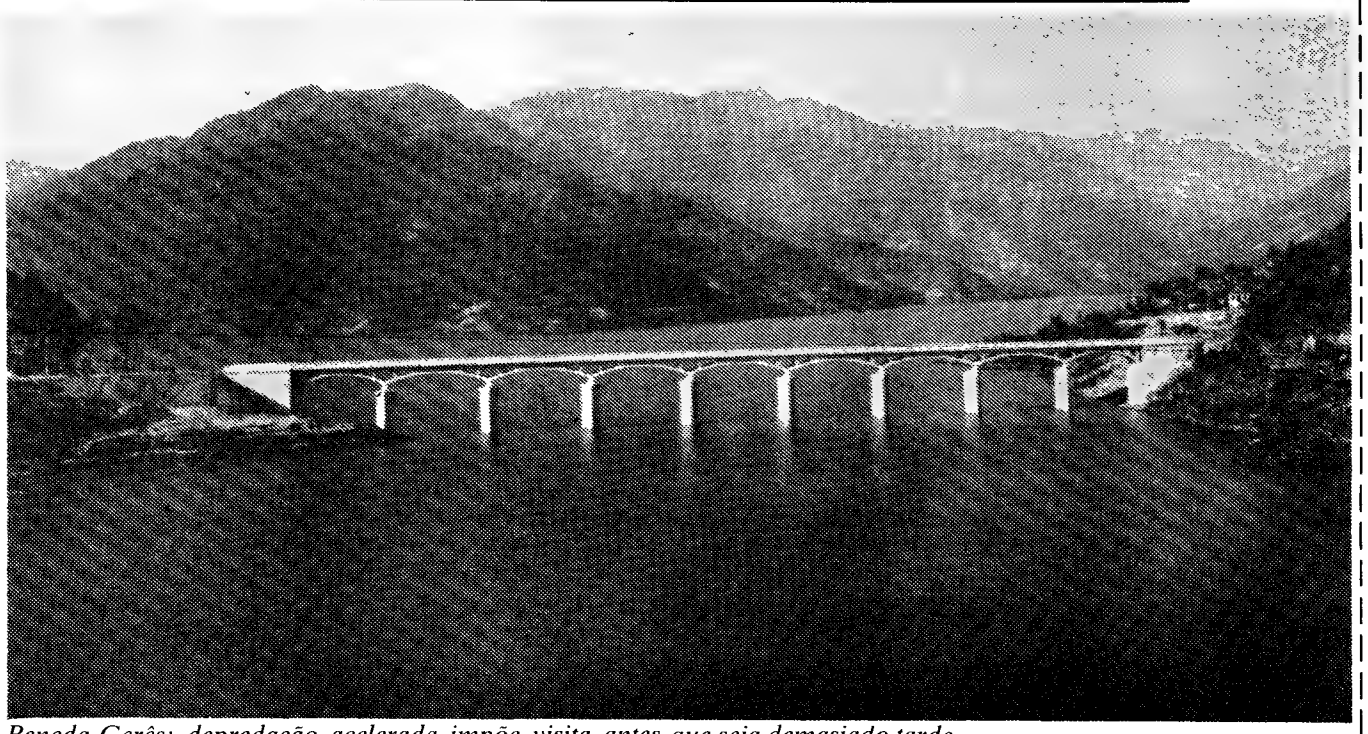
Moscovo: ar mais puro

Cerca de 14 mil instalações especiais de depuração de gases e poeiras, com uma capacidade de captação e neutralização de 800 mil toneladas de elementos nocivos por ano, estão instaladas nas empresas industriais da região de Moscovo.

Tendo em vista a protecção do ar desta cidade, a maior da URSS, as fábricas e oficinas mais poluidoras estão a ser transferidas para fora da cintura urbana. Além disso, em virtude da «Lei sobre a protecção do ar atmosférico», é obrigatorio arranjar 44 metros quadrados de espaços verdes para cada um dos 8 milhões de habitantes de Moscovo.

CONCURSO ANIVERSÁRIO

DESCUBRA PORTUGAL



Peneda-Gerês: depredação acelerada impõe visita antes que seja demasiado tarde

Abram-se as «hostilidades» no extremo-Norte de Portugal: 70 mil hectares ostenta orgulhosamente um dos derradeiros santuários de vida selvagem do País, o Parque Nacional da Peneda-Gerês. «Descoberto» na década passada por muitos jovens «urbanos» fartos do império do cimento e asfalto, corre perigo de morte, na depradação incontrolada e na cobiça dos seus espaços férteis.

Parques e reservas naturais

O mundo desconhecido da vida selvagem

Criado em 19 de Junho de 1970, o Parque tem «curriculum» atribulado. As denúncias dos grupos ecologistas e ambientalistas vem subindo de tom nos últimos anos, perante um Poder Público indiferente — e por vezes cúmplice — à destruição e morte de espécies animais e vegetais únicas.

O assunto interessa a todos, mesmo se não parece ser essa a opinião de muitos dos que usufruem da área do Parque em tempo de férias. E que, verdade elementar, se o ritmo de destruição — a quantidade de casas de «emigrantes» que começam a povoar a área do pré-parque é inquietante — continuar a intensificar-se, dentro de algum tempo nada restará para ver na sua extensa área, que se estende pelos concelhos de Melgaço, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Viana do Castelo, Terras do Bouro, Braga e Montalegre.

Os itinerários e roteiros possíveis são do conhecimento geral: Castro Laboreiro, Paradela, Cambeses, Pitões das Júnias, Altar de Cabrões, Mezio, Lindoso... são locais de «peregrinação» obrigatória. Na sede do Parque, na cidade de Braga (Avenida Marechal Gomes da Costa, 590) podem ser encontradas outras sugestões, mas não queremos deixar de lhe recordar, se é amante dos espaços verdes e adepto incondicional do campismo, que tem ao seu dispor espaços próprios no Gerês, Mezio, Lamas de Mouro e Covelães.

Ria de Aveiro: tesouro da região

«A Ria de Aveiro é o tesouro da região», afirmou-se no decorrer de um congresso ecológico sobre a Ria, organizado, no passado mês de Março pelos «Amigos da Terra».

E certo: as suas marinhas formam um imenso xadrez, onde a indústria (do sal) joga com o comércio a riqueza de Aveiro.

Com a superfície de 6270 hectares, a Ria é toda navegável, estabelecendo comunicação entre os concelhos de Ovar, Estarreja, Aveiro, Ílhavo e Vagos, no distrito de Aveiro, e Mira, no de Coimbra.

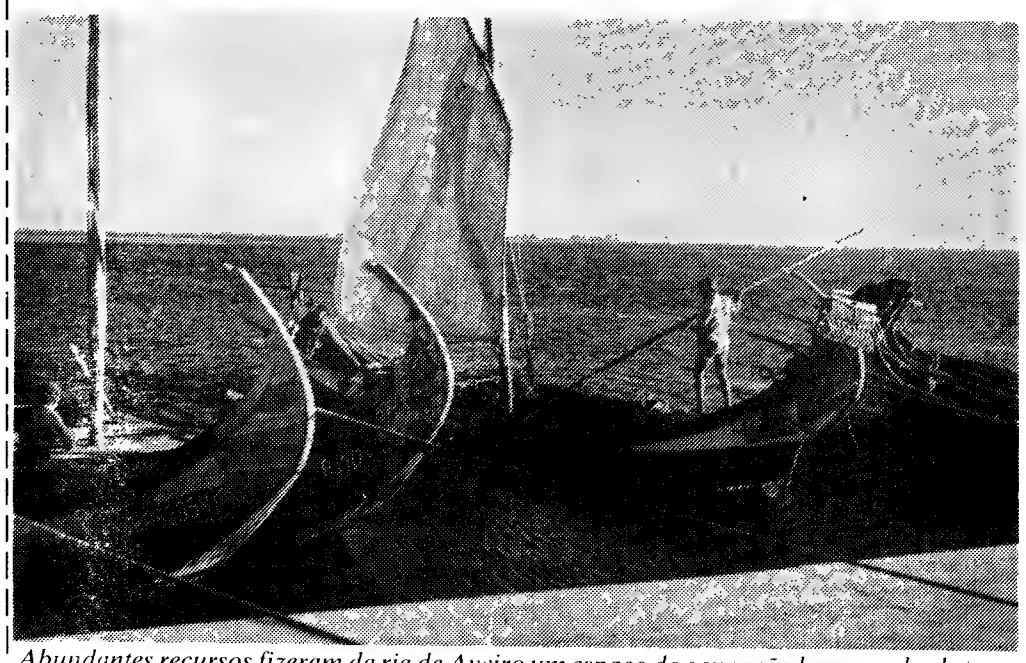
Esse emaranhado labiríntico é convite irresistível à descoberta e fruição. Colonizada por uma série de espécies piscícolas a Ria de Aveiro apresenta robalo, linguado, sargo e enguia, a quem são oferecidas condições favoráveis de alimentação e abrigo.

Não admira, pois, que a actividade piscatória tenha conhecido importante alento. Os aglomerados mais importantes de pescadores estão a Norte: Torreira, Murtosa, S. Jacinto — aqui se situam as belas dunas que mereceram protecção oficial e poderão ser percorridas em trajectos guiados — Béstida, Pardilhó e Pardelhas.

Mas, é sabido, outras actividades económicas lhe disputam a riqueza, e em grande medida acabam por ser, para a Ria, uma ameaça: agricultura, indústria, agro-pecuária, construção civil e pesca de mar levaram desde tempos imemoriais à região um denso povoamento, a procurar tirar proveito de uma das zonas mais ricas, férteis e exuberantes do País.

Os tempos, apesar de tudo, são outros. A Ria já foi maior e a decadência — em pesca, assoreamento, poluição e depauperamento da vida selvagem — é já assinalada em estudo do princípio deste século. Mais uma razão, pois, para se apressar a visitar o que ainda resiste...

Apanha da amêijoa na Ria Formosa: uma zona húmida por excelência, de dimensão labiríntica para quem não a conheça



Abundantes recursos fizeram da ria de Aveiro um espaço de ocupação humana desde tempos inemoriais

Reservas integrais na Arrábida

Na península de Setúbal, entre a cidade e o monte de Palmela, a vila de Sesimbra e o mar, eleva-se uma cadeia calcária visível de bem longe: as serras da Arrábida, S. Luís, Gaiteiras, S. Francisco e Louro dão corpo a uma área de quase onze mil hectares que homens sensatos e inteligentes elegeram em Parque Natural.

O Parque Natural da Arrábida, diz a publicidade oficial, «reúne determinadas condições em que é visível a integração harmoniosa do homem com o ambiente que o cerca», e onde se situam «zonas onde se mantêm formações vegetais no estado natural e seminatural».

A orla marítima oferece um recorte assombroso, como pode ser comprovado por quem se aventure, a partir de Setúbal, rumo a Norte. O Portinho de Arrábida surge, como por magia, nessa rota fascinante, que se limita a orlar a serra propriamente dita.

Penetrando a área do Parque, o visitante conhece antecipadamente as «regras do jogo»: áreas de reserva natural e integral, destinadas à observação científica e ao estudo, têm acesso interdito ao público, veículos ou animais domésticos. Destas zonas se pode, então, falar com toda a propriedade, como constituindo santuários... Eis os seus nomes: Matas do Solitário, Coberta e dos Vidais.

A dois passos de Lisboa, estará seguramente na «mira» dos leitores que residem na área da Grande Lisboa e buscam para um fim-de-semana programa aliciante.

Ria Formosa: incursão de fôlego

Sempre para Sul se atinge o mar e a costa africana já não está longe. Por aqui se espraia a Reserva Natural da Ria Formosa, em terras algarvias que o turismo vai descaracterizando e «desertificando».

Criada em Maio de 1978, a reserva visa a salvaguarda dos seus valores naturais das degradações a que vêm sendo submetidos.

Abrange toda a zona húmida que se estende do posto da Guarda Fiscal do Ancão (entre a Quinta do Lago e Vale do Lobo) até um pouco a nascente da povoação de Cacela a Velha, numa extensão de aproximadamente 55 quilómetros. São cerca de 17 mil hectares, dos quais 13 mil estão permanentemente alagados.

Os sapais estão no âmago da reserva. Grande é o seu valor científico e recreativo, a conferirem-lhe uma importância económica avaliável pelos moluscos bivalves que abastecem cerca de 92 por cento do mercado nacional.

Os valores de pescado — cada vez mais raro — não estão calculados, o mesmo sucedendo relativamente aos crustáceos, nomeadamente caranguejos. Tudo isto dá de comer a cerca de cinco mil pessoas, não se considerando o povoamento «anormal» motivado pelo turismo.

É esta actividade que está na origem de aspectos negativos que não podem ser escamoteados: condução de esgotos urbanos e industriais para a Ria, processos ilegais de pesca, ocupação urbano-turística descontrolada e extracção de areias para fins industriais.

Como conciliar o uso da zona com a manutenção dos seus valores perenes? O problema está longe da solução. A protecção desta zona húmida é ponto assente e o seu sacrifício à custa da expansão das zonas urbanas e instalação de parques industriais, deverá estar afastado dos espíritos. Mas estará mesmo?...

Recorte e coleccione este texto do Concurso DL

Enquanto jogadores entregam pré-aviso de greve

Futebolistas, técnicos e árbitros: frente comum em plena organização

Na sede do Sindicato dos Jogadores Profissionais deu-se um importantíssimo passo para a moralização do futebol português: representantes daquela entidade (o presidente José Eduardo, o secretário-geral Júlio Couceiro e o consultor jurídico Luís Paulo Relógio) firmaram negociações com a Associação Portuguesa de Árbitros (vice-presidente Rui Bandeira e secretário José Alberto Neves), SINBOL (secretário-geral Alberto Sachs, Nicolau Terebentino director-assessor e advogado dr. António Higino) e Sindicato dos Treinadores (presidente Manuel de Oliveira e Mário Wilson, como presidente da assembleia geral) no sentido de se criar uma organização vertical que possa imediatamente entrar em funções, com poderes para dialogar ao mais alto nível sobre os problemas dos autênticos trabalhadores do futebol.

Os principais motivos de contestação giram, muito logicamente, em redor do já famigerado Pacto dos 16/20 que nitidamente prejudica os jogadores (verdadeiros artistas indispensáveis ao espectáculo futebolístico) mais a retirada, aos juízes de campo, do direito de escolherem representantes no Conselho de Arbitragem da Federação de Futebol e novas regras (impostas por decreto) para o acesso à carteira profissional de treinador. Quem não se sente não é filho de boa gente.

Chaves: Reforços

O guarda-redes Padrão transferiu-se do Vitória de Setúbal para o Desportivo de Chaves, que será treinado por Raul Águas, tendo o prof. Simões como adjunto.

Quinito: Encruzilhada

Afinal, Quinito não deve representar o Corunha na próxima temporada, porque já firmara contrato com o Boavista e o clube do Bessa acordara com os «dragões» o pagamento de 3500 contos pela transferência, dinheiro que ficaria reduzido a nada se o jovem médio partisse para Espanha. Logo, ou continua nas Antas ou salta para os axadrezados.

Barradas: lesão

Transferido do Porto para o Braga, o guarda-redes Barradas apresentou-se ao teste clínico lesionado: rotura muscular dos isquiotibais da coxa esquerda.

Eurico: ainda sem divulgação oficial, o central portista e da selecção nacional parece ser o mais sério candidato a jogador do ano, **por eleição dos seus companheiros do Sindicato dos Futebolistas Profissionais.**

Humberto Coelho e Vítor Oliveira sem carteiras de treinadores

Plenamente assegurado: tanto Humberto Coelho (já ao serviço do Salgueiros) como Vítor Oliveira (Portimonense) não poderão tão cedo sentar-se no **banco dos responsáveis** como treinadores das suas equipas, visto não disporem das respectivas carteiras profissionais e o curso de técnicos que tiraram não estar reconhecido pelo Sindicato em que preponderam Fernando Vaz e Manuel Oliveira. Torna-se necessário, para que regularizem a sua situação, que se submetam a exames práticos, perante figuras nomeadas pelo Sindicato: e isso ainda poderá demorar algumas semanas depois de o requererem.

"Pacto" irá durar?

Mais uma beliscadela no chamado «Pacto dos 16/20»: o ainda recente belenense Ruben, depois de ter firmado contrato com o Rio Ave, assinou por outro clube da 1.ª Divisão e quer que o primeiro documento de nada valha.

Ingleses: nada na Europa

A FIFA proibiu a realização do jogo particular entre o Borússia de Moenchengladbach e o Liverpool. O encontro estava marcado para 5 de Agosto, mas a FIFA não autorizou que fosse levantada a interdição existente à escala internacional sobre a participação de clubes ingleses em jogos no estrangeiro. O Borússia e o Liverpool tinham pedido autorização especial para este encontro, cuja receita revertia para os familiares dos 20 músicos militares britânicos que faleceram num acidente de autocarro na Alemanha Federal, em Fevereiro passado.

Bibliografia desportiva

«Futebol»

Prossegue a publicação bimestral da revista «Futebol», editada pela Federação da modalidade e dirigida pelo secretário-geral César Grácio. A mais recente edição faz aflorar textos de Buytendijk («Psicologia desportiva»), Carmelo Bosco («Medicina desportiva»), Umberto Squarcia («A morte súbita nos jovens atletas»), Juventeny Verges («Metodologia do treino»), Crevoisier («A avaliação em desportos colectivos»), Marco Viani («Situações de bola parada»), Johannes Malka («A coerência na utilização do cartão amarelo»), Alan-Gowling («Árbitros») e Garagorri Langara («Direito desportivo»), para além de um trabalho também assinado por cinco estrangeiros («As bebidas dos atletas e as suas consequências buco-dentárias»). Uma revista agradável, com leitura atraente: lamenta-se (isso, verdadeiramente) que seja necessário, à Federação e seus responsáveis, o recurso sistemático a autores de outros países quando, em Portugal (e mesmo depois do desaparecimento de Tavares da Silva, Alves Teixeira, Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Ricardo Ornelas) ainda existem, pelo menos associados no CNID, umas centenas de jornalistas que se podem debruçar sobre o futebol e as suas variadas facetas.

Lopes: Fevereiro será o adeus?

Afirmação de Carlos Lopes: **a minha última corrida será de homenagem a mestre Kobayashi e irei disputá-la no Japão, a 9 de Fevereiro de 1986.**

Martii Vanio: confissão de um campeão drogado

O fundista finlandês Martti Vainio, despojado da sua medalha de prata conquistada nos 10 000 metros de Los Angeles, admitiu (pela 1.ª vez) que durante mais de um ano antes dos Jogos Olímpicos tomou frequentemente drogas estimulantes proíbidas. Vainio perdeu a medalha conquistada por ter resultado positivo num teste «antidoping» feito ao seu líquido orgânico.

Numa entrevista publicada pelo jornal «Daily Mail» Vainio (de 34 anos) afirma a dado passo: **Não fui o único que tomou drogas; fui simplesmente o único em que detectaram o suficiente para ser culpabilizado. Esse é o aspecto desagradável do assunto.** E acrescenta: **É justo que tenha sido castigado, mas a verdade é que muitos outros atletas estavam provavelmente no mesmo barco que eu. Espero que esses tenham alterado o seu procedimento face ao que me sucedeu.**

O finlandês revela ao jornal que a primeira vez que tomou drogas foi antes dos «mundiais» de Helsínquia (de 1983) e que as voltou a tomar **muitas vezes** ao longo do ano anterior aos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

Revelou também que o teste resultou positivo porque tomou um esteróide anabolizante quando supunha estar a tomar uma outra substância ilegal denominada testosterona, que não deixaria vestígios no final da prova. Vainio confidenciou ainda que a primeira vez que tomou drogas o fez por a tal ter sido persuadido **por pessoas muito próximas da Federação Finlandesa de Atletismo** e que no ano anterior às olimpíadas tomara 27 substâncias diferentes, em ampolas ou em comprimidos, por via oral ou em injecções. O fundista finlandês, que foi afastado de toda a competição e perdeu contratos publicitários muito lucrativos, expressou a sua esperança de ser reabilitado, de modo a poder competir já em 1986.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 28, DE 14 DE JULHO DE 1985

Correio de Coimbra: 2XX 121 122 XX11; Voz de Lamego: 212 211 X12 11X1; Reconquista: 111 112 X21 1112; Jornal do Sul: 2X2 122 112 1121; Folha do Domingo: X11 111 112 1111; O Algarve: 22X 111 X12 XX21; Jornal da Beira: 211 111 12X 11X1; A Defesa: 1XX 111 X22 X111; A Voz do Domingo: 211 X11 112 X111; Rádio Altitude: 1X2 121 11X X111; Diário de Lisboa: X1X 121 1X2 X221; O Diário: 21XX X11 212 2121; Notícias de Felgueiras: X22 1X2 XX1 22X2; O Jornal de Felgueiras: X22 1X2 1X1 22X1; O Jornal de Sintra: 112 122 212 11XX; Correio do Vouga: 11X 11X 111 1111; Gazeta de Felgueiras: X21 1X1 X12 X1X1; Maria da Fonte: 11X 121 11X 11X1; Notícias de Viseu: 1XX 121 1X2 2X1X; Diário de Viseu: 11X 121 112 XX1X; Litoral: XX2 11X 1X1 X2XX; O 2 do Quelhas: X12 X11 21X 21X2; A voz das Beiras: 1X2 111 111 1X11; RDP-Norte X11 111 12X 11X1; Diário do Desporto-RR: X11 11X 21X 1X12; RR-Desporto: 1X2 1X1 111 1X11; Bola Branca-RR: 11X 111 11X 12X1; Ecos de Cacia: 1X1 121 11X 1111; Gazeta das Caldas: X11 111 122 X1X1; Penalti: 2X1 1X1 121 1111; Linhas de Elvas: 112 1X1 111 X1X1; Eu Sei Tudo: 11X 122 11X 1X22; O Mensageiro: 21X 111 111 111X; Notícias de Guimarães: X12 121 1X2 X12X; Voz do Ave: 111 1X1 11X 1111; Rádio Sports: 112 111 1X1 1111; No Estúdio e no Estádio: 11X 121 2X2 2121; O Jornal da Lixa: 112 121 111 1221; A comarca de Arganil: X21 111 1X2 2111; Notícias de Gouveia: 1X1 111 11X X11X; Rádio Totobola: 1X2 122 1X2 XXXX; Estrela da Manhã: 2X2 1X1 111 1X21; Jornal de Santo Tirso: 1X2 121 112 X12X; Notícias de Évora: 1XX 1X1 X22 11X1; A Arte de Bem Madrugar: 11X 1X1 1X2 X211; Alvo Desportivo: 111 111 111 1111; Alvo: X1X XX1 X11 X1X2; O Comércio de Leixões: 2X2 121 1X2 X2X1; Jornal de Gaia: 122 111 11X 1111; Jornal da Graça: 112 111 11X X121; Jornal de Notícias: 1X1 111 1XX 11XX; O Primeiro de Janeiro: 211 111 112 2XX1; Quadrante Norte: XXX 221 111 X2X1; Rádio Alvo: 1XX 1X1 212 12X1; Repórter do Dia: 111 1X1 1X2 X121; Resenha Desportiva: 212 111 1XX 1121; A Voz dos Ridículos: 11X 1X1 212 1121; Alvo Suplemento: 212 1X2 11X X21X; De Tudo um Pouco: 221 121 X12 1121.

assim vai o totobola

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. ANTUÉRPIA-W. BREMEN	31	14	14	6	3	3
2. CARL ZEISS-MALMO	33	19	7	7	4	1
3. TWENTE-F. DUSSELDORF	18	19	22	4	4	4
4. LIÉGOIS-ERFURT	53	4	2	10	1	1
5. LECH POZNAN-GOTEMBURGO	25	15	18	5	3	4
6. VIDEOTON-AIK	48	6	5	10	1	1
7. BOHEMIANS-ST. GALLEN	43	9	7	9	2	1
8. VIKING-E. BRAUNSCHWEIG	36	15	8	7	3	2
9. LECHIA-SPARTA PRAGA	16	16	27	3	3	6
10. AARHUS-GORNIK	29	22	8	6	4	2
11. L. SÓFIA-BANIK	37	11	11	8	2	2
12. EISENSTADT-UJPEST	23	21	15	5	4	3
13. AARAU-BURGAS	42	11	6	9	2	1

(a)Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será: 112 111 112 1111

Ciclismo: Setúbal pedala de hoje até domingo

Um total de 76 ciclistas, em representação das melhores equipas nacionais, iniciam hoje o segundo Grande Prémio de Ciclismo Região de Turismo de Setúbal (Costa Azul), que se prolonga ate domingo. Três dos ciclistas são individuais e os restantes pertencem ao Sporting, Bombarralense, Ajacto, Lousa, Tavira, Olhanense, Boavista e Vitória de Guimarães.

Os ciclistas, que estão divididos nas categorias de profissionais e seniores especiais, terão de percorrer na 1.ª etapa 171 quilómetros, entre Sesimbra e o Seixal. A 2.ª etapa liga o Seixal a Tróia (numa distância de 139 quilómetros), cabendo aos ciclistas percorrer mais 65 quilómetros na 3.ª etapa (Santiago do Cacém - Santiago do Cacém). A 4.ª etapa, marcada para sábado, será disputada numa distância de 139 quilómetros. Um contra-relógio de 35 quilómetros e uma tirada de 142 quilómetros entre Alcácer do Sal e Setúbal fecham o programa do Grande Prémio. A última edição da prova foi ganha por Luís Domingues (Olhanense) tendo a Ajacto triunfado por equipas.

Hinault dita a lei lá fora por França

Os colobianos Fabio Parra e Luís Herrera cortaram em 1.º e 2.º lugares, respectivamente, a meta da 12.ª etapa do «Tour» de França, disputada entre Morzine e Lans-en-Vercors, na distância de 269 quilómetros. A vitória dos dois colombianos nesta etapa, considerada por muitos como a mais dura do «Tour», foi uma confirmação da presença permanente, se não do domingo, dos ciclistas da Colômbia nas escaladas mais importantes. Parra, a quem Luís Herrera (se chefe de fila) deixou ganhar sobre o risco da meta, fez o tempo de 8 horas, 25 minutos e 31 segundos, à média de 31,927 quilómetros por hora.

O francês Bernard Hinault, que cortou a meta na 16.ª posição (com mais 39 segundos) conservou a camisola amarela, mantendo os quatro minutos de avanço sobre o norte-americano Greg Lemond. Hinault, apontado como o superfavorito à vitória final, terá hoje a hipótese de dilatar a sua vantagem na geral, num contra-relógio de 31 quilómetros, que termina em Villard de Lans.

A etapa de ontem ficou assinalada de forma negativa pela desistência do francês Jean René Bernaudeau, que fracturou um braço e várias costelas, numa queda ao quilómetro 67.

Classificação dos melhores neste momento: 1.º Bernard Hinault (França) 64 horas, 50 minutos e 8 segundos; 2.º Greg Lemond (EUA) a 4 minutos; 3.º Stephen Roche (Irlanda) a 5,52 minutos; 4.º Sean Kelly (Irlanda), a 6,00; 5.º Steve Bauer (Canadá) a 7,17; 6.º Niki Rutimann (Suíça) a 8,05; 7.º Dominique Arnauld (França) a 8,09; 8.º Joop Zoetemelk (Holanda) a 8,25; 9.º Pascal Simon (França) a 8,50; 10.º Pierre Bazzo (França) a 8,51.

«Tour» feminino

A italiana Maria Canins consolidou a sua liderança na «Volta à França» para senhoras, ao ganhar a 9.ª etapa da prova, disputada entre Joseph de Riviere de Lans en Vercors. Canins percorreu os 83,5 quilómetros da tirada no tempo de duas horas e 44,44 minutos, realizando uma média horária de 30,413 quilómetros. A francesa Dominique Damiani foi 2.ª classificada, seguida da sua compatriota Cecile Odin. Canins comanda a geral (com um total de 19 horas e 8,05 minutos) tendo um avanço de 13,14 minutos sobre a sua rival mais directa, a francesa Jeannie Longo.

Figueira da Foz na «Volta»

O Clube Desportivo da Costa de Lavos (Figueira da Foz) vai apresentar uma equipa de «seniores especiais» na Volta a Portugal. Aquela turma, que é orientada pelo técnico José Adelino, engloba os ciclistas Américo Vieira, Francisco Malva, Luís Gregório, José Monteiro, José Silva, António Castro e Rui Azevedo.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

Anúncio

O Dourtor Carlos Marcos Rodrigues, Juiz de Direito do 3.º Juízo — 1.ª Secção do Tribunal Judicial da Comarca de Loures:

Faz saber que no dia 23 de Outubro de 1985, pelas 14,00 horas, no Tribunal desta Comarca, nos Autos de Carta Precatória n.º 129/85 deste Juízo e Secção e extraída dos Autos de Execução Ordinária n.º 6407 da 1.ª Secção do 8.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, em que são: Exequente-POLINOX-Representações e Centro de Metais Finos, SARL e Executada-MIOTALP — Sociedade de Serralharia Civil, Ld.ª com sede na Rua do Poço, Quinta do Rio — Vale de Figueira, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte direito e bens móveis penhorados àquela executada:

1.º

— Um compressor cor encarnada, marca AUTOMAN, capacidade aproximada de 150 litros em médio estado de conservação a que se atribui o valor de Trinta mil escudos.

2.º

— Uma fresadora eléctrica marca Portugal, para alumínio, tipo TF-200, série n.º 012 em médio estado de conservação a que se atribui o valor de trinta mil escudos.

3.º

— Uma prensa de moldagem marca MSF-Cort Fix, T-7,5 em médio estado de conservação a que se atribui o valor de cinquenta mil escudos.

4.º

— Uma máquina de Cortar alumínio Triprecisão, tipo TC-35, série 019 de 1980 em médio estado de conservação a que se atribui o valor de trinta mil escudos.

5.º

— Uma máquina de soldar, trifásica, marca Cary, muito usada, sem número visível a que se atribui o valor de dez mil escudos.

6.º

— — Máquina de cortar ferro, marca Magobal, n.º 03909 de 1980, bastante usada a que se atribui o valor de trinta mil escudos.

7.º

— Uma esmeriladora, sem marca visível de dois esmeris, usada, a que se atribui o valor de cinco mil escudos.

8.º

— O direito ao trespasse e arrendamento da oficina de serralharia civil sita na Rua do Poço — Quinta do Rio em Vale de Figueira pelo valor de seiscentos mil escudos.

— É fiel depositária dos bens a vender a senhora Maria dos Prazeres de Jesus Francisco Paiva, residente na Rua do MFA, Lote 22, Bairro do Estacal Novo em Santa Iria da Azóia.

Loures, 5/7/85

O Juiz de Direito
(assintura eligível)
O Esc. Adjt.º
(assinatura eligível)

Bonfim conhece os novos recrutas: Crispim (ex-União da Madeira), José Carlos (ex-Vizela), Carraça (ex-Farense), Maside (ex-Amora), Miguel (ex-Montijo), Crisanto (ex-Montijo), Fernando Cruz (ex-Sporting) e João Pedro (ex-Samora Correia).

Silvério Jones: o presidente setubalense fala à Imprensa e aos futebolistas do Vitória.

Vitória: acabou o ripanço

Acabou-se o praia: o Vitória de Setúbal regressou ao trabalho e, como é tradicional, a apresentação dos jogadores aos técnicos e dirigentes teve a presença da Imprensa e Rádio. Foi no Bonfim, tudo começou com palavras vibrantes e entusiásticas do presidente Silvério Jones (**a difícil situação do País e a crise que toca a nossa cidade não permitiu que mantivessemos alguns jogadores que muito gostaríamos de ter aqui (...) teremos que fazer muito melhor que na época passada, pois vamos lançar nos altos voos futebolistas ambiciosos vindos de escalões inferiores (...) tenho saudade de Nascimento, um homem íntegro e um profissional de eleição, que somente foi embora porque sentia que a sua imagem estava gasta perante os sócios (...) Jorge Plácido está a comportar-se como eu nunca esperava e confio que volte à razão (...) Manuel de Oliveira faz a sua 4.ª época consecutiva como treinador com o pleno acordo dos 12 elementos da direcção (...) Fernando Tomé regressa à sua casa, como treinador adjunto, precisamente no dia em que completa 38 anos de vida e 14 de casamento (...) Jacinto João e Miguel completarão o nosso corpo técnico, de onde vejo sair com saudade o professor Monge da Silva, apenas por dificuldades financeiras da nossa parte em o manter em Setúbal.**

Por seu lado, Manuel de Oliveira (que está a par do saudoso José Maria Pedroto e Fernando Vaz na corrida para bater todos os máximos de permanência no Bonfim) lamentou as oito baixas que podem fazer oscilar o seu «plantel» mas está plenamente confiante nos nomes em que aposta. **Quando o bingo esteve paralisado, a vida do clube arrastou-se: foi um período muito dramático (...) A Europa só aparece a um clube fora do grande triunvirato por puro acidente: e normalmente para promoção de dirigentes.**

Foi um largo par de horas de conversa, grande fatia «off record», o que nos impede de falar do tal futebolista que anda envolvido na droga e do modo (desiludido) como o «Pacto dos 16/20» está a ser encarado pelo Vitória, sobetudo depois do que se passou com Jason. Mas, mesmo assim, disse-nos Silvério Jones:

— Houve uma confusão inicial, mas depois falei com o presidente do Penafiel por cinco vezes, reconhecendo que há um ou dois aspectos em que ele terá razão, mas a partir deste instante consideramos que Jason é nosso jogador. Só abdicaríamos da sua contratação se fossemos embolsados do dinheiro que lhe adiantámos (mil contos e as passagens de ida e volta ao Brasil, para ele e família). Estava prometido pelo Penafiel: liquidação total até 8 do corrente. Mas, acabei de receber um telex em que dizem só poderem pagar isso conforme forem liquidando honorários com Jason. Assim, já demos a última resposta: se nós temos dificudades, porque razão temos de financiar o Penafiel?

Nesse sentido avisamos já os outros clubes do «Pacto», não acreditando que o Penafiel não cumpra ou até baixe o ordenado do jogador em 80 contos, o que contraria o espírito do tal «Pacto». Quanto a Jorge Plácido, tinha o contrato melhorado em mais mil contos por duas épocas, mas anda perturbado pelos convites que recebeu (anteriormente do Benfica, que já se desinteressou, depois do Porto, Guimarães, Braga e Académica). **Mandou-nos uma carta a tentar rescindir contrato por «falta de cumprimento de uma cláusula»: não aceitamos, de jeito algum. É do Vitória e cá o aceitaremos sem qualquer pedra no sapato.**

Silvério Jones, ainda sobre o decantado «Pacto»:

— Tem os dias contados. Nunca poderá manter-se como está mas há necessidade de transformar o movimento dos 20 em Associação, deixando para a Federação a organização de provas.

Enfim: um rol de novidades, nem todas publicáveis hoje, para o leitor ir criando água na boca.

Neves de Sousa

O que talvez não saiba

• A equipa futebolística do Vitória custará na próxima época cerca de 70 mil contos, o que significa grande compressão de despesas: basta dizer que com o ordenado pedido por Sobrinho (175 contos, mais 35 que o anterior) foram contratados Crisanto e José Carlos, poupando ainda o clube sadino os tais 35 continhos.

• A apresentação da formação vitoriana deve ser feita em jogos com o Belenenses, mas em breve também efectuará dois encontros com o Magdeburgo (campeão da RDA e principal colectividade da cidade que é geminada com Setúbal).

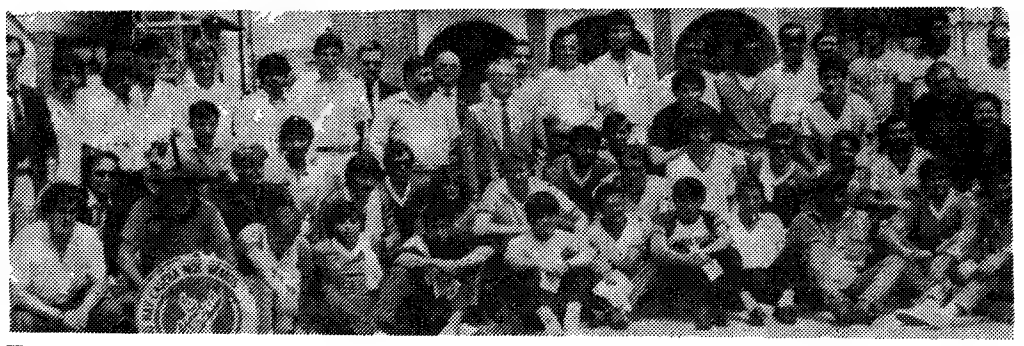
• A maior parte dos futebolistas que saíram do Vitória foram colocados por Manuel de Oliveira em outros clubes, dado o bom aval que deles fez aos novos técnicos.

• A saída de João Lúcio de secretário da direcção sadina ficou a dever-se a duas causas principais (segundo os actuais responsáveis vitorianos): «**o muito dinheiro que gastava ao telefone, falando para tudo o que era estrangeiro**» e ao facto de funcionar como «**censor, impedindo os jogadores de denunciarem a má situação financeira que se vivia na colectividade**».

• Roçadas foi (mesmo) suspenso por Fernando Pedrosa, depois de uma entrevista dada ao jornal «A Bola». Manuel de Oliveira, solidário com o jogador, só não abandonou o Vitória nesse dia «**porque estava credor de 1800 contos e temia pelo não pagamento**».

• Aqui há dias, dois dedicados vitorianos ajudaram a compor o barco: Xavier de Lima e Fernando Oliveira abonaram (cada um) mil contos, para ajudar a atenuar um passivo da ordem dos 65 mil deixado da gerência anterior.

• O Sporting ainda recentemente foi obrigado a pagar ao Vitória 150 contos, que dizem respeito à antiga transferência de Venâncio (então júnior) para Alvalade.

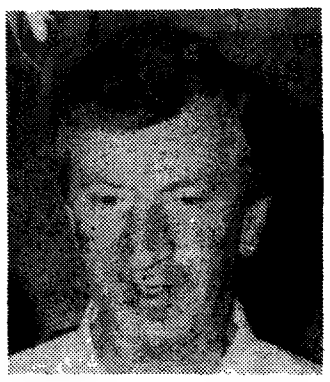


Futebol de salão: imparável!

Aconteceu em Torregon de Ardoz: componentes das selecções de Portugal, Holanda e Espanha foram recebidos pelos membros locais do governo e, depois, na praça principal da cidade, ficaram retratados para a posteridade com o famoso «Manolo do bombo», figura caracteristicamente típica dos estádios europeus.

Mortimore: 1.º dia na Luz

No aeroporto da Portela, vários responsáveis benfiquistas aguardavam ontem, no fim da tarde, Mortimore: Júlio Borges, Francisco Calado, Ângelo, Joaquim Queirós, Carlos Vasconcelos. O novo técnico da Luz surgiu, sorridente e como habitualmente com fino trato, à conversa com os jornalistas, principiando em português mas logo voando para a língua pátria, **por falta de treino em falar com vocês.**



Aqui o temos, ao pisar a Portela de Sacavém

Mortimore está muito confiante em varrer a onda péssima deixada no futebol pela triste época-Csernai. Vai amanhã falar com Carlos Manuel, Diamantino e José Luís, quando os três «dissidentes» se apresentarem a exames médicos no estádio da águia (hoje, a sessão foi reservada aos novos recrutas e aos jogadores que se encontravam cedidos a outros clubes). Deseja entre 22 e 25 futebolistas às suas ordens directas e até poderá muito bem acontecer que nesse bloco esteja incluído o famoso Ian Rush (goleador do Liverpool), que viria até Lisboa uma época, por empréstimo e enquanto se apagam os fumos dos castigos impostos pela UEFA a clubes britânicos.

Um sul-africano (John Paskin, 23 anos, ponta-de-lança) poderá também vir até nós. Mas há mais candidatos: da Holanda, da Suécia, da Inglaterra e da Dinamarca. Porém, as negociações só vão abrir leque depois de se conhecer a resposta última do trio de «internacionais» que ainda não revalidou compromissos com o Benfica, parecendo que o único problema existente é (mesmo) com Carlos Manuel, já que os companheiros devem aceitar as condições de Fernando Martins para prosseguirem na Luz.

Firme: Toni continuará como adjunto do técnico. Mortimore pretende (urgentemente) um médio com bom pé esquerdo. Entretanto, já hoje foi apresentado aos reforços recentemente contratados: Rui Lopes (Rio Ave), Rui Águas (Portimonense), César Brito (Covilhã), Nelo (Lixa), Vítor Duarte (União de Coimbra), Simões (Montijo) e Flávio (Académica de Coimbra). E recordou algumas caras de jogadores que estavam emprestados a outras bandas: Alberto Bastos Lopes (Belenenses), Pita (Vizela), Carlos e Artur Semedo Ferreira e Artur Semedo (Académica de Coimbra), Neno (Vitória de Guimarães), Hernâni, Leonardo e Bio (Farense). Está no ar a ideia de Nivaldo, Pita e Leonardo serem emprestados ao Portimonense, Tozé à Académica de Coimbra (tal como Carlos Ferreira) e Artur Semedo para o Covilhã. Mas tudo dependerá da palavra de Mortimore. O novo chefe.

Piquet: o "Brabham" ardeu

O «Brabham» em que o piloto brasileiro Nelson Piquet obteve a sua primeira vitória da temporada de Fórmula 1, em França, ardeu durante uma sessão de treinos no circuito de Nurburgring, na RFA. O bólide incendiou-se quando estava a ser testado pelo piloto suíço Marc Surer, que ainda tentou apagar o fogo com o auxílio de um extintor, mas os seus esforços foram infrutíferos.

Vela: Amélia Domingues vai brilhando em Cascais

A velejadora Maria Amélia Domingues ficou em 17.º lugar na 3.ª regata do Europeu de Vela da classe «laser», a decorrer na baía de Cascais, tendo conservado o comando da categoria de leves, com 30 pontos. A regata foi ganha pela alemã-federal Madsen, seguida da italiana Pavisi e da francesa Leveque. Pavisi lidera a geral, com seis pontos, seguida da francesa Tatibouet (12,75 pontos). Amélia Domingues está situada na 9.ª posição da geral colectiva, que integra as diversas categorias.

Em masculinos, Fernando Bello voltou a ser o melhor português em prova, ao finalizar a regata em 46.º lugar, tendo sido vencedor o alemão-federal Gaebbler. António Coutinho foi o segundo melhor português na regata, com o 54.º lugar. A classificação geral continua a ser comandada pelo holandês Okker, mas a sua posição de líder é ameaçada por Gaebbler.

Microscópio

Ténis: Taça «Galea»

Portugal está a perder (por 2-1) com o Mónaco, após a 1.ª jornada da final do Grupo C da Taça «Galea» de Ténis, que decorre nos «courts» do Country Clube de Cascais. Os portugueses foram derrotados em ambos os encontros de singulares homens, mas venceram a partida de pares.

Assim, João Maio perdeu com o número dois do Mónaco (Albert Viviani), por 6-2, 6-2. Pedro Carvalho da Silva deu boa réplica ao número um do conjunto monagasco (Gilles Gannancia), mas embora saísse vencedor do primeiro «set» não conseguiu evitar a derrota, por 5-7, 6-2 e 6-2. Finalmente, em pares, a equipa nacional conseguiu a 1.ª vitória e João Maio-/Pedro Carvalho da Silva venceram Gilles Gannancia/Albert Vivianni com os parciais de 9-7, 1-6, 6-2, 6-1.

FÉRIAS COM SORTE!

CONCURSO

GRANDES NOMES DO NOSSO DESPORTO

Ganhe um UMM alter

e outros valiosos prémios entrando num divertido passatempo de férias da

Gazeta dos desportos

Segundas quartas e sextas

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loures, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no "Diário da República", o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EDP, Departamento Periférico de Loures, a que a que se refere o processo n.º 1/792, arquivo 756, para o estabelecimento na freguesia de Fanhões, concelho de Loures, de um troço final da linha n.º 1107, a 10 KV, com 500 metros (linha aérea n.º L 1107 com 480 metros, e linha subterrânea n.º 10929 com 20 metros), entre o poste n.º 236-P, de J.C. Lourenço, em Tocadelos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 17 de Junho de 1985

Pel' O ENGENHEIRO DIRECTOR,
Joaquim Gonçalves dos Santos

Ken Russel e os fantasmas

José-Augusto França

O autor de «Devils» é o mestre do exorcismo do cinema contemporâneo, com a violência barroca que tal arte exige, em sua expressão e sua heresia — para além dos filmes que fazem comercialmente por isso, em moda que vai passando. Já em «Love», tirado de um célebre romance de D. H. Lawrence, esse exorcismo se manifestava e dava sentido maior à própria obra original. Nos «demónios» que a religião inventou, numa história verdadeira e famosa de Seiscentos, de exorcismo devidamente se tratava. Com «Crimes of Passion», que, em francês, por disfarce se chama «Les jours et les muits de China Blue», como se disso inocentemente se tratassse (ou para ver se obtem, em equívoco, melhor destino comercial do que o que a América afligida lhe deu, com muitos cortes), Ken Russell afirma de novo, e após um quase silêncio de anos, essa sua necessidade de revolta irónica e feroz contra o que a leitura do quotidiano psicanalisado nos oferece.

Uma desenhadora de modas desencadeia, à noite os seus fantasmas vingativos e torna-se prostituta de maníacos, destruindo-se voluntariamente, ao mesmo tempo que os destrói. Este o resumo fácil do filme — que recebe do Hitchcock de «Psychose» uma alusão propositada, com o próprio Anthony Perkins envelhecido em seus vícios, sendo o último o de pregador assassino de Deus...

Mas não é isso o filme de Russell: os dias e as noites de uma personalidade desdobrada, nem a pornografia de muitas cenas o é, também — nada do que o filme parece mostrar representa o seu verdadeiro discurso monstruoso, para além do folhetim de terror e amor salvador. Em psicanálise, aliás, ele começa e acaba, sob forma gozada de terapêutica de grupo, que tem seus amadores: apenas acontece que, ao fechar o parênteses, o autor destrói o que dentro dele desenvolvera...

Daí que a moralidade de que, finalmente, um espectador desprevenido possa supor na história, seja simples exorcismo de fantasmas próprios que assim, atrozmente ridicularizados, se vão. Com histórias destas, que também contou, Hitchcock divertia-se, não Ken Russell; e aí está, do sexo à religião chamados pelos seus falsos nomes, a força de quase obra-prima de mau gosto desta obra: mau gosto barroco que Russell é dos muito raros realizadores «modernos» a corajosamente possuir.

"Jumpin'in" de Dave Holland

Música de câmara contemporânea

Rui Eduardo Paes

O quinteto de Dave Holland é das melhores coisas que têm acontecido ao jazz nos últimos tempos e nós portugueses temos a possibilidade de testemunhá-lo duplamente: através de disco, para os que podem pagar um importado, e num concerto ao vivo que o grupo protagonizará já no próximo mês de Agosto, organizado pela Gulbenkian.

Cada um dos instrumentistas é de qualidade invulgar, por isso mesmo valendo a pena enumerar-lhes os nomes para que de algum modo vos possa vir a servir como mateiral de memória para utilidade posterior: Julian Priester está ao trombone, de que é um dos grandes mestres na actualidade, tal como bem demonstram as faixas «Jumpin'in», que dá o título ao álbum, ou «New-One»; Kenny Wheeler nos seus muito especiais trompete e felizcorne e particularmente na lírica «First Snow»; Steve Coleman no omnipresente saxofone alto, destacado em «The Dragon and the Samurai» e «You I Love», e também na flauta; a bateria propulsora de Steve Ellington e finalmente o exímio e inspirado contrabaixista e violoncelista que é Dave Holland, neste registo mais uma vez mostrando os seus dotes de compositor e arranjador (ouça-se «Conference of the Birds», disponível no nosso mercado jazzístico já há alguns anos).

Todos eles contribuem decisivamente, sob a conceptualização formulada por Holand, para dar forma a esta música que confunde a todo o momento virtuosidade e estilismo, improvisação e escrita, uma música de «naipe aberto», encadeada de polifonias e oscilando entre as frases sugestivamente melódicas e a batida derivante.

O modo como o quinteto concilia aqui um fundo de tradição jazzística, que é a latência percorrente de todo o disco, com a inovação expressiva, já com uam carácter pós-experimental, bem posterior às buscas próprias do free-jazz, tem características que fazem de si um dos sons mais exclusivos de todo o jazz tocado por estes dias.

Fazendo sair esta música do seu contexto mais especificamente jazz, podemos também juntar que «Jumpin'in» é um exemplo ímpar do que é hoje a música que, vinha de um «background» popular, acrescentou a si as fórmulas do eruditismo actual e de tal modo que podemos afirmar ser isto jazz na mesma medida em que é música «clássica» contemporânea. Demonstra bem esse nível a bela composição para violoncelo, flauta, trompete e trombone que Dave Holland assinou como «Sunrise», da boa música de câmara desta segunda metade do século, a qual, para quem não saiba, tem como expoentes curiosos Anthony Davis e James Newton, músicos vindos, precisamente, do jazz e levando este género a outras implicações.

A editora ECM, sempre em senda de novas sonoridades, viu em Dave Holland não só a superioridade — ele encontra-se cotado entre os três ou quatro melhores contrabaixistas em actuação — como igualmente a diferença da sua aproximação à música, que consegue ser «bluesy» e ter «Swing» enquanto é também bucólica (o crítico da revista «Down Beat» Bill Shoemaker chamou-lhe certa vez «pastoral») e muito «europeia», se é que assim podemos definir algo.

Uma proposta e um desafio para a distribuidora do catálogo ECM, a também editora Dargil: porque não fazer de «Jumpin'in» uma edição nacional quando o quinteto de Dave Holland estiver entre nós?

(FICHA: «Jumpin'in». Quinteto de Dave Holland, ECM, 1984).

Um, Dois, Três: foi de vez?

Mário Castrim

Parece que «Um, dois, três» acabou. Digo «parece» porque, quer da intervenção de Carlos Cruz no programa «A semana que vem», quer das suas palavras na emissão de sábado passado, se não conclui, por explicitação, que terminava mesmo. Sendo, porém, verdade que, logo a seguir à primeira dose, se anunciou a segunda. Tudo parece, pois, indicar que desta vez há segunda sem três. E talvez não, porque...

Não vale a pena a gente envolver-se na teia de uma engrenagem tão instável. Porque não basta que tal engrenagem seja, em si mesma, pelo seu poder, demoníaca: para ser pior não falta sequer a este diabo que ande à solta, aos desatinos, sem perspectivas, chocadas, baralhadas, mercadejadas influências políticas, profissionais, pessoais.

É possível que «Um, dois, três» tenha baixado de audiência. Mas o que é que não baixou de audiência na RTP, se excluirmos os cinco minutos do **Totoloto**?

É possível que em Portugal a fórmula de «Um, dois, três» se tenha esgotado mais depressa do que nos outros países. Também é possível que Carlos Cruz, na RTP, não tenha podido contar com o farnel renovado de tentações consumistas. E nisto de consumismo a lei primeira manda aumentar sempre a parada da tentação. Nem sempre sardinha... nem sempre automóvel.

Suponho, porém, que por aí não falharia a terceira dose. Há que buscar outras razões, em outras áreas várias, sim ou não publicitárias...

Porque, se atendermos ao programa como produto de TV, havemos de concluir que ele terá sido «escola» em muitos aspectos: na inventiva, na organização, na disciplina, na formação de quadros e do trabalho de equipa. Certo que nem sempre tudo correu bem — mas o programa de Carlos Cruz, se alguém tem o direito de reclamar de milagre naquele supremo reino da bagunça, ele o terá, mais que nenhum.

Curiosamente, a parte que mais fatigou depressa neste concurso, foi o próprio concurso. Pesado, longo, monótono. A audiência, sem qualquer possibilidade de participação, a partir de certa altura marimbou-se para os electrodomésticos, para os milhares de iogurtes, até para a misteriosa aparição de Júpiter na pessoa do automóvel.

Repito: também por aí não falharia a terceira dose, pois Carlos Cruz, com seu espírito crítico, certamente acharia melhor adaptação da fórmula.

Aliás, nem se sabe ainda se falha o regresso de «Um, dois, três». Estejamos atentos. Os próximos capítulos desta «novela» talvez não sejam assim tão pacíficos.

É preciso avisar a malta

Não existe nenhum compartimento da vida social a propósito do qual não possamos invocar a influência da televisão.

Todos sabemos isto. Todos — menos quem (ou muitos desses) interfere directamente no processo.

Tomemos hoje o exemplo do desporto. São conhecidos os efeitos da violência nos estádios e se é certo que as causas primárias não podem ser imputadas à televisão, pesadas responsabilidades lhe cabem.

Sem dúvida, muito desses excessos se deve à televisão pela forma como importantiza a desportivite, como agudiza o interesse e o confronto. Telejornal pode esquecer uma exposição, um livro, uma peça de teatro; mas os golos do dia, como os pintos do aquário, marcados onde quer que seja (México, Peru, Haiti, Koweit...) não lhe escapa nenhum.

Como se isto não bastasse, ao poder da imagem a televisão acrescenta o poder da palavra — e haverá poucas coisas com mais força neste mundo do que as palavras que se vêem.

Com referência apenas ao último «domingo desportivo», ficamos a saber que a população de Chaves recebeu os jogadores do «seu» clube «em ambiente de loucura».

O repórter quis saber da «mística» do Desportivo das Aves...

A respeito das derrotas que o Ajax infligiu ao Benfica, foi dito que «cabe ao Futebol Clube do Porto a **vingança**»...

Acabemos com este belicismo, com este arsenal de excessivas armas, com este acirrar de paixões. Os moços de «domingo desportivo» têm corrigido muitas coisas. Saberão corrigir mais esta.

Eh, malta, vocês não reparam que estão brincando com uma bomba atómica?

Freitas do Amaral: Nos limites do absurdo

Portugal foi sempre tido, por nacionais e estrangeiros, como grande produtor de poetas, além de cortiça, vinho e azeite. Decerto passará à glória como produtor de nomes políticos.

Vem isto a propósito do grande acontecimento de ontem: a aparição na televisão de uma nova feição com emoção, ficção e reverberação.

Diogo Freitas do Amaral é o nome do jovem que aparece a dar os primeiros tentens na vida pública. Daqui se saúda a coragem deste moço que recusou a tarimba para se lançar logo, em voos longos, longos.

Outros preferem militar em partidos; chegam, por vezes, ao máximo escalão; daí, transitam para os governos onde atingem postos de grande responsabilidade. O novel político, Freitas do Amaral, não seguiu tal via, não está comprometido com a bagunça, a repressão, a manipulação, a coligação. Não colaborou jamais com o PSD nem muito menos com o PS. Enfim: vem ao mundo tão puro e tão isento que nem da folha de parra necessita.

Ei-lo, assim tão de chofre, atirado para a candidatura à Presidência da República. É isto o que eu admiro na juventude: a sua audácia, o seu apego às nobres causas!

Admiro inclusivamente a sua fogosidade: sendo certo que a sua campanha só arrancará em Outubro, ei-lo a adiantar-se e a começá-la já ontem. Bravo! Aproveitou, para isso, o convite de «Actual» e já nos diz que, se for eleito, virá muitas vezes à televisão, a fim de mandar mensagens ao Povo Português. Bem poderia ter evitado dizer isso, pois em nada beneficia a sua candidatura. Coisas da juventude, enfim...

Também lhe ouvimos dizer que respeitará a vontade popular expressa nas eleições, pois quer ser o presidente de todos os portugueses. Numa coisa ele é inflexível: não permitirá nunca um governo de comunistas.

Vamos supor que o Povo Português dava a maioria ao PCP. Bem, nesse caso, o nóvel político diria ao Povo Português: meu rico menino, tu não percebes nada disto, eu e que sei, governos desses **eu** não consinto!

O cenário era tão convincente que D. Margarida Marante ouviu e calou, não pôs nenhuma adversativa, ainda pensei que ela dissesse qualquer coisa como isto: **mas, meu caro jovem, o senhor não será um fascista mascarado de democrata**? Tal, porém, não aconteceu e certamente ninguém lhe vai acusar o silêncio, de cumplicidade, simplesmente estava distraída.

Os exemplos do bom caminho apontados ao Povo Português foram os Estados Unidos, o Canadá, o Japão, a Inglaterra. Comovente a citação da Inglaterra da senhora Tatcher: nem fome, nem desemprego, nem tensões sociais, nem salários em atraso — tudo é progresso, fartura, tranquilidade, I love you! Houve tamanho entusiasmo que, se for eleito, certamente se esforçará por comemorar o evento com o convite para ter, em Portugal, a equipa do Liverpool e a sua claque.

Com tudo isto, porém, o dia não terá corrido optimamente para o político que debuta. De facto, no próprio Telejornal de ontem mesmo, assistimos à entrevista doutro candidato à Presidência da República.

Trata-se de Zandinga, naturopata, psicólogo e futurologista. Ponha-se a pau o jovem Freitas: tem concorrente de respeito.

Moravia acerca da "coisa"

Depois do êxito imediato do seu primeiro livro, Gli Indifferenti, **em 1929, Alberto Moravia abordou muito bem os sentimentos colectivos do nosso século através dos seus romances:** Le ambizione sbagliate, la Romana, Ciociara, Il conformista, Il disprezzo, l'Attenzione... **Hoje, com sententa e sete anos, este homem que sempre se interessou pelas mulheres, publica uma antologia de novelas eróticas,** «A Coisa».

Jean-Noel Schifano

Serviço exclusivo Le Monde/DL

— As suas repetidas viagens à volta do planeta, da África à Mongólia, da América ao Japão, e isso desde antes dos trinta anos, é fuga ou busca de outras realidades?

— Sempre viajei. Fui pela primeira vez à China em 1936, e aos Estados Unidos em 1935. Na altura era o desejo de fugir à Itália fascista. Também ia muitas vezes a Paris. Mas depois compreendi qual era o efeito dessas viagens. Há mesmo duas coisas a dizer:

1) Vivemos cada vez mais num mundo global, isto é, não há razão alguma para não seguirmos de perto o que se passa na Coreia ou em Cuba. Há muitas razões para que o façamos. Já não podemos ignorar (isto pode parecer uma frase retórica, humanisante, mas não é) que o que acontece na Itália também acontece nesses países longinquos, é certo que com certas diferenças. A única maneira de nos darmos conta, de estarmos informados, não é através dos livros ou das reportagens, por mais úteis que eles sejam. A melhor maneira é irmos lá, a esses paises. E eu interesso-me por todos os países do mundo.

2) Um pouco mais delicado e profundo: isto agora diz respeito ao trabalho. De vez em quando paro, sinto-me bloqueado. Então a viagem, através do processo típico do despaísamento, faz com que me sinta desbloqueado. Quando regresso, os problemas que me tinham feito parar, já não eixstem. É muito útil. Acontece sempre. Há séculos. Dizia-se então a um jovem: tens que viajar. Flaubert disse, não é verdade? «Ele viajou.» Tinha razão! Ele viajou. Eu viajei!...

— É o escritor italiano, e decerto europeu, que durante mais de meio século, mais analisou o comportamento feminino da nossa época. Muitas vezes mete-se na pele de uma mulher, para contar a nossa civilização, os seus desejos, as suas frustrações, o seu sexo, o seu dinheiro...

Sim, nos últimos anos escrevi noventa e quatro novelas ao todo, e cada uma delas é o retrato de uma mulher que fala de si própria na primeira pessoa. Ocupei-me pois das mulheres. Não o fiz por razões frívolas, mas antes de mais por acaso, procurando um motivo de inspiração. E depois, cada vez mais conscientemente, porque o meu interesse pela mulher, no sentido existencial, se desenvolveu de um modo estranho, paralelamente ao desenvolvimento do feminismo em Itália. Sabe que o feminismo tem em Itália um grande êxito, sem dúvida maior do que no resto da Europa, justamente porque aqui a condição da mulher é pior do que nos outros países, e a tomada de consciência dessa condição, talvez mais profunda.

Curiosamente, este movimento feminista coincidiu com o meu interesse pela mulher como pessoa meio selvagem: quero dizer que a mulher não está totalmente integrada, que uma parte da mulher está à margem da sociedade, pelo menos em Itália. Creio que é isto que está no fundo do famoso encanto feminino. A mulher não é, como o homem, completamente integrada, completamente social, completamente útil. Ela é, em parte, não integrada, não social e inútil.

Eis qual é muitas vezes a situação das mulheres, sobretudo na burguesia, na classe média. A mulher do povo trabalha sempre, ela, pelo menos, trabalha. Não é emancipada, não é livre, é selvaticamente explorada, mas tem um papel de trabalhadora. Quanto à mulher saída da burguesia, cuja condição é semelhante à da mulher do povo quanto à relação com a família e o marido, a maioria das vezes não trabalha. Então tem todo o tempo para desenvolver essa espécie de selvageria de que eu falava, esse carácter marginal, tudo o que não é racional, tudo o que não é utilitário mas natural...

— Roma, onde nasceu e onde vive desde 1907, é o cenário estilisado da sua obra. Mas entre o Papa da literatura italiana e o Papa do Vaticano, que pôs a obra de Moravia no Índex, o Tibre não parece ser a única barreira de separação!...

— A Itália deu todo o seu sangue à Igreja; num certo sentido a Itália e a Igreja identificam-se. A Itália é a sede da mais antiga monarquia do mundo, essa monarquia faz reinar aquilo a que se chama o humanismo italiano. Em suma, ainda temos uma certa irradiação, mas é a da Igreja Católica — ao mesmo tempo muito poderosa e muito fraca. Muito poderosa: está em todo o lado; muito fraca; o humanismo foi completamente batido.

Hoje aprecia-se muito mais um ídolo africano do que uma Madona de Rafael. Por razões profundas e não comerciais, claro.

Queria sublinhar outra coisa: em Itália não há cidade principal: Cada cidade era outrora a capital de um pequeno Estado — e, em parte, as coisas ficaram por aqui. Sob um certo ponto de vista cada cidade tem a sua cultura tradicional. Nenhuma cidade pode ser considerada centro nacional, como Londres ou Paris. A cultura tradicional de Roma era muito pobre: era a cultura de uma cidade completamente esmagada pela Igreja. Literatura quase inexistente; mecenato, quanto às artes plásticas. E os artistas vinham do exterior.

A Cidade eterna é inculta

Como escritores romanos damos um salto de Júlio César a Metastaso, no século XVIII. Não se pode dizer que sejam muitos. Quanto aos escritores modernos, vêm quase todos das províncias exteriores a Roma. Eu sou romano. Outros escritores o são, mas poucos. Os grandes nomes de Roma (Júlio César era uma **boutada**) «são» Belli: o poeta que escreveu três mil sonetos, em grande parte contra os papas, e que descreveu com ferocidade a Roma do século XIX. Depois de Belli chegamos aos escritores romanos da actualidade. Não há mais nada.

A cidade eterna é inculta.

— Disse um dia: o conhecimento é a arte. O resto é informação. E acaba de escrever uma peça de teatro, O Anjo da Informação **que se vai estrear este mês no Festival de Spoleto. Em suma, uma história de anjo caído!**

— Faço, com efeito, uma clara distinção entre informação e conhecimento. Tomo um exemplo: um rapazinho que gatinha de um quarto para outro no apartamento dos pais, que se mete por entre cadeiras e por baixo das mesas até ao jardim, isto é o conhecimento; o mesmo rapazinho, dois anos mais tarde, junto à televisão, é a informação. Nós estamos muito na informação, numa realidade muito aborrecida, a televisão, a rádio, e muito pouco no conhecimento. A informação é a destruição; o conhecimento, que é dor, não leva à vontade de destruir.

— Acaba de publicar «A Coisa» onde se multiplicam as diabruras zoófilas e lésbicas. O que é essa «coisa»?

«A coisa» é um eufemismo: é «o caso», é «o eixo», não forçosamente sexual, à volta do qual gira uma existência, ou a existência. E, em dado momento da sua existência, «a coisa» pode ser, por exemplo, para alguns o caso Dreiffus ou a bomba H. Quanto a estas últimas novelas, elas relacionam-se com o sexo: aqui, o sexo é o objecto sem o qual a novela não podia ter sido escrita. Um pouco como o escaravelho de Edgar Poe: indispensável mas, ao mesmo tempo, insignificante. Teria gostado que o meu editor francês chamasse a este livro **Contes anatomiques**. Ele não quis e foi pena... A relação com o sexo é a relação que temos connosco mesmos; e a conquista do sexo é a maior conquista de um escritor... **O homem que olha**, o meu novo romance que acaba de ser publicado em Itália, na Bompiani, é a história de um «scopofilo intelectual». Note bem que «scopofilo» não quer dizer alguém que gosta de ter relações sexuais (em italiano **scopare**), mas alguém que gosta de «olhar», como ao microscópio, a realidade sexual, sem a perturbar.

O sexo é a maior conquista do escritor

— Alberto Moravia, a mais bela novela de la Chose **é, para mim, essa história de diabo do sexo feminino: e não é um diabo coxo, mas um diabo sem pelos! Pode causar espanto o facto de o diabo entrar tão tarde na sua obra: Mas acho que conforme os anos passam, você vai tomando cada vez mais o aspecto de um diabo! Orelhas grandes peludas e ponteagudas, olhar de fogo, bengala de ébano com castão de prata e um coxear acentuado. Sorriso amarelo e um riso com fome de vida!...**

— Sim!... Sim!... (risos). Você conhece a história e a idade de Fausto!... O diabo espera sempre um milagre! Deus fez o mundo, o diabo fez o milagre!... E escrever, o que é? Ah! Ah! É um milagre do diabo.

"Live Aid for África": sábado é dia de rock e de solidariedade

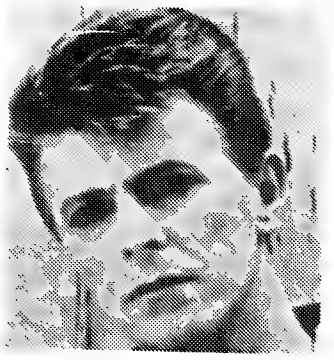
Dire Straits, David Bowie, Mick Jagger, Neil Young, The Who, eis alguns dos nomes que no sábado vão estar juntos em Londres e Filadélfia, num espectáculo que será transmitido parcialmente pela RTP.

Bob Dylan no final do «Live Aid for Africa»

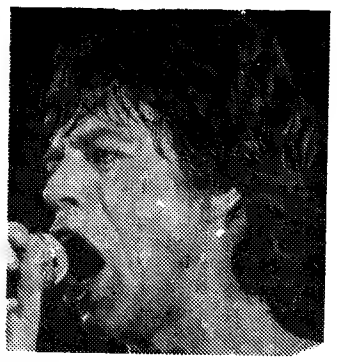
Paul McCartney

Dire Straits

Tina Turner



David Bowie



Mick Jagger

E o maior concerto da história do «rock», mas é também uma gigantesca manifestação de solidariedade. Referimo-nos, é claro, ao espectáculo «Live Aid for Africa» que, no dia 13, se realiza em Londres e Filadélfia e o qual será transmitido em directo para muitas dezenas de países, entre os quais Portugal. Entretanto, os recintos onde decorrerá o concerto estão já esgotados e, se tudo correr como o previsto, na madrugada do dia 14 será de 12 milhões de contos o montante do produto final do concerto, o qual reverterá na íntegra para as vítimas da fome em Africa.

Às 12 horas de sábado, uma montagem cinematográfica feita a partir das filmagens do «space shuttle» na sua aproximação à Terra dará o sinal de abertura de «Live Aid for Africa». Quatro horas depois, no estádio de Wembley, em Londres, Adam Ant inaugurará as cinco primeiras horas de música. Depois, seguem-se outras tantas em simultâneo de Londres e Filadélfia. Terminada a «disputa» entre as duas cidades, as seis horas finais ficarão a cargo de Filadélfia, onde Bob Dylan encerrará um dia que ficará na história da música, mas não só.

São tantos os nomes que participam no «Live Aid for Africa» que se torna difícil citá-los a todos. Deixamos aqui alguns que, esperamos, despertem o apetite do leitor: Beach Boys, U-2, Dire Straits, Queen, Simple Minds, David Bowie, Santana, Elton John, Neil Young, Eric Clapton, Phil Collins, Duran Duran, Mick Jagger, Tina Turner, Paul McCartney, The Who e Led Zepplein, dois grupos que se reúnem, de novo, para este concerto. A todos serão dados cerca de vinte minutos... Mas, isto é o que vem no programa. Rumores dão como certo que o espectáculo será mais que o desfile de grandes nomes, sendo previsível a constituição de «equipas» que farão do «Live Aid for Africa» um momento único.

RTP

Será escusado dizer que o aconselhamos a trocar todos os programas de sábado por uma longa estadia frente ao pequeno ecrã. Se estiver nessa, ligue a televisão às 17 horas. Às 18 e 40, a RTP encerra o seu primeiro período de transmissão do concerto, para voltar ao mundo às 22 horas. O final está previsto para as quatro da madrugada e, no domingo, em diferido, a televisão portuguesa dedica de novo, entre as 12 e as 15 e 30, a sua atenção ao «Live Aid for Africa».

«Solidariedade com Africa: Um Concerto ao Vivo» é o genérico das transmissões da RTP que serão acompanhadas por comentários de Júlio Isidro, em Londres, e José Nuno Martins, em Filadélfia. A RTP, como as suas congéneres, pagou para a transmissão uma quota simbólica de 2500 dólares (cerca de 435 contos).

Entretanto, os pequenos gestos de solidariedade que acompanham o maior concerto de «rock» de sempre começam a ser conhecidos. Aqui fica um exemplo: em Wembley as entradas são a 25 libras, mas os jornalistas em serviço no estádio fizeram questão em pagar cem libras cada.

TRABALHADORES DE PORTUGAL, Cooperativa de Consumo, C.R.L. Calçada do Duque, 25 1.º 1200 LISBOA

1. Trabalhadores de Portugal. Cooperativa de Consumo, C.R.L., com sede na Calçada do Duque, 25-1.º 1200 Lisboa, foi registada sob a inscrição n.º 101 do livro J-2 da Conservatória do Registo Comercial do Concelho de Lisboa, tendo ficado inscrita a sua constituição, cujos estatutos foram publicados no Diário da República n.º 104 — III série, de 7 de Maio de 1985. 2. Esta Cooperativa pertence ao ramo de Consumo do Sector Cooperativo e tem por objectivo e fins: a) Adquirir para fornecer a seus membros nas melhores condições de qualidade, informação e preço, bens destinados ao seu consumo e uso directo; b) Concorrer para a difusao da doutrina e dos principios do cooperativismo como forma de desenvolver a solidariedade entre os consumidores; c) Difundir informação de ordem económica e social com vista à defesa da economia familiar, a educação e orientação dos consumidores; Complementarmente pode a cooperativa fornecer nas melhores condições de qualidade, informação e preço, bens a consumidores não admitidos como membros. 3. A cooperativa pode participar em régies cooperativas constituidas nos termos do artigo 5 do Código Cooperativo. 4. São fundadores desta Cooperativa os senhores: João Máximo Cardoso Trindade da Silva Barros, casado, natural da freguesia de S. Vicente de Fora, concelho de Lisboa, e residente na Urbanização Urbanil, bloco 2 lote C-8, 4.º Dt.º, em Rinchoa/Rio de Mouro; Francisco Lopes Cipriano, viúvo, natural da freguesia de Mercês, concelho de Lisboa, e residente na Rua 5 n.º 34, Bairro da Encarnação, em Lisboa; João Rodrigues Beleza, viúvo, natural de freguesia do Socorro, concelho Lisboa e residente na Rua Vasco da Gama, 1-1.º Esquerdo, em Agualva/Cacém; Manuel Taborda da Costa, viúvo, natural da freguesia de Alcongosta, concelho de Fundão, e residente na Praça da Misericórdia, 36, 4.º Esq.º, em Lisboa; José Januário de Sousa Guerreiro, casado, natural da freguesia de S. Tiago, concelho de Almada, e residente na Rua D. Diniz, 30, 2.º Dt.º, em Odivelas; Alberto da Silva Viana, solteiro, natural da freguesia de Ajuda, concelho de Lisboa, e residente na Rua de O Século, 232, 4.º, em Lisboa; Paulo Branco Ferreira, casado, natural da freguesia de Santo António dos Olivais, concelho de Coimbra, e residente na Rua da Trindade, 5, 2.º Esq.º, em Lisboa; Cooperativa «A Casa é Minha» com sede na Rua do Telhal, 8, 4.º Esq.º, em Lisboa, representada por Antonio Agostinho dos Santos, casado, natural da freguesia de Santa Maria, concelho de Torres Vedras, e residente na Rua David de Sousa, 17, 4.º Esq.º, S. João de Deus em Lisboa; Cooperativa «O Problema da Habitação» como sede na Praça da Alegria, 58, 2.º F, Lisboa, representada por Eurico Cardoso, casado, natural da freguesia de Mercés, concelho de Lisboa, e residente na Rua Heliodoro Salgado, 18, r/c Dt.º em Queluz; José Maria Rosário Costa, casado, natural da freguesia de S. Cristóvão, concelho de Ovar, e residente na Rua André Brun, 21, 2.º Dt.º, em Lisboa; Vitor Manuel Marques Panela, casado, natural da freguesia de S. Tiago, concelho de Sesimbra, e residente no Bairro Residencial Conde Monte Real, lote 9, 1.º Esq.º, em Tires; António Manuel da Silva Brilhante, casado, natural da freguesia de Santa Isabel, concelho de Lisboa, e residente na Calçada do Combro, 71, 3.º, em Lisboa.

Lisboa, aos 12 de Junho de 1985.

A DIRECÇÃO.

Remecoop-Coop.ª de Prestação de Serviços em Reparações e Conservação Naval, CRL.

Mudança de Instalações

Informamos os nossos clientes e amigos que a nossa sede passará a funcionar na Rocha Conde Óbidos Cais do Norte — Contentor.

REMECOOP — COOPERATIVA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS EM REPARAÇÕES MECÂNICAS — COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

NOTARIADO PORTUGUÊS
VIGÉSIMO PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA
LÍDIA PEREIRA NUNES DE MENEZES

Eu abaixo assinada, ajudante do Cartório, certifico para efeitos de publicação que por escritura de onze de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e cinco, lavrada de folhas noventa e sete verso do Livro Vinte e Cinco A, a folhas treze verso do Livro de notas Vinte e Seis A, foi constituída uma cooperativa com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa na Rua Luciano Cordeiro, número quatro, segundo andar direito com o capital inicial de Trezentos Mil Escudos entre Américo dos Reis Duarte, Alfredo dos Santos Pereira Conde, João Faustino Alface Pereira Neto, Sérgio Azevedo Godinho, Júlio Lopes, Joaquim José Borralho Fernandes Manuel, Francisco José Meira Maciel, Moisés Vítor Ferreira de Jesus, António Augusto Estevens Guia, Amadeu da Conceição Rodrigues, José António Ribeiro, Eduardo Jorge de Oliveira Gomes, Augusto Jorge de Oliveira, Manuel José Rodrigues Gomes, José Alves da Silva, António José da Silva Pereira, Virgílio Borges dos Santos, Manuel Augusto Santos Cabeto.

A cooperativa tem como objecto social a reparação de navios — reparaçoes e manutenção de navios e outras actividades afins ou complementares.

— E certidão de teor parcial e está conforme ao original no qual nada há que modifique, condicione ou altere a parte transcrita.

Lisboa, quinze de Março de mil novecentos e oitenta e cinco.

A 3.ª Ajudante
(Assinatura ilegível)

TRIBUNAL DO TRABALHO LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO LUÍS SOARES DE ANDRADE, JUIZ DE DIREITO DO 9.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que pelo 9.º Juízo — 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Rua Marquês da Fronteira — Palácio da Justiça em Lisboa, e na Acção do Contrato Individual de Trabalho, com processo comum, sumário, registado sob o número 45/83, em que é Autora MARIA CELINA MARQUES ASCENSÃO ROLO e Réus LAURENTINO JOSÉ DA LUZ COSTA, MANUEL FERNANDO DE ALMEIDA SILVA, VÍTOR MANUEL COIMBRA BRANCO, LUÍS SANTOS CLARA, ALBERTO JOAQUIM SEQUEIRA PIRES, ÁLVARO RODRIGO ANTÃO, ARLINDO JOAQUIM DINIS, JOSÉ QUARESMA DE CARVALHO, JOSÉ DE FRANÇA TELES DE MENESES, ANTÓNIO FLORIANO MEDEIROS, LUCÍLIA PEREIRA e ACÁCIO GALBERTO GONÇALVES, cuja última residência conhecida foi na Urbanização da Portela, Lote 172 em Sacavém e OUTROS, corre o prazo de OITO DIAS, findos os dos éditos que são de Trinta Dias, a contar da publicação do segundo anúncio, citando os Réus acima referidos para contestarem, querendo, aquela Acção, sob pena de serem imediatamente condenados no pedido formulado pela Autora na sua petição inicial, cujos duplicados se encontram ao seu dispor no 9.º Juízo — 2.ª Secção, devendo ainda, no mesmo prazo, querendo, contestar o pedido de assistência judiciária formulado pela Autora.

E, para constar, se passou o presente anúncio e mais outro de igual teor, que vão ser publicados nos lugares que a lei determina.

Lisboa, 31 de Maio de 1985

O JUIZ DE DIREITO
António Luís Soares de Andrade
O Escrivão-Adjunto
Fernando de Matos Heitor

DL — 11/7/85 — 1.ª PUB.

ANDARES PARA VENDA COM 3,4,5 ASS. E LOJAS

ÓPTIMAS CONDICÕES DE PAGAMENTO COM UM SINAL INICIAL DE 5%

Situa-se entre Benfica, Carnide e Pontinha
Contacte-nos na empresa Alves Ribeiro no próprio local lote 38 r/c ou pelos telefones. 99 20 52 • 99 55 41 • 73 15 12

Alves Ribeiro, Lda.
ESCRITÓRIO DE VENDAS
COLINA DO SOL, LOTE 38 • TEL. 99 20 52
2700 LISBOA

TEATRO DA TRINDADE

Domingo último dia

«A NOITE DAS TRÍBADES»

DE PER OLOV ENQVIST

ENCENAÇÃO DE FERNANDA LAPA

Cenário e figurino de Jasmim

com: Françoise Ariel, António Capelo, Alexandre Sousa e Margarida Carpinteiro

OFERTA DE UM WHISKY BRUTUS — NO BACHUS—

AOS PRIMEIROS 15 ESPECTADORES

50% DESCONTO
Subsídio F. C. Gulbenkian

Horário:
3.ª feira a Sábado,
às 21.30 h.
Sábado e domingo às 16 h.
Folga à 2.ª feira

Amanhã, no Estúdio 444, para si

"O direito do mais forte à liberdade" de Fassbinder

Com a exibição de «O Direito do mais Forte à Liberdade»**, amanhã, às 18.45 h, no Estúdio 444, termina o pequeno ciclo de filmes alemães organizado pelo** ABC-Cineclube de Lisboa **em colaboração com o** «Cartaz/DL»**, o nosso suplemento das sextas-feiras. Para o leitor aceder à sessão basta recortar o cupão que hoje (e amanhã) publicamos e seguir as instruções nele contidas.**
Julgamos encerrar este ciclo com chave de ouro: Fassbinder é, sem dúvida, um dos vultos grados do cinema moderno.

«**O Direito do mais Forte à Liberdade**» pertence ao seu núcleo mais ferozmente provocatório, mais despojado a nível de escrita, mais acutilante ao nível das ideias. Fassbinder filma a Alemanha social-democrata nos tempos da grande histeria e do grande cansaço, pegando-lhe pelo lado de uma das minorias recalcadas no quotidiano burguês (os homossexuais), mas tratando sobretudo da radical estrutura de classe que nessa sociedade permanece.

Face a este filme há na tendência de o abordar pela ponte dos homossexuais, do seu mundo e das suas obsessões, de tal modo ele é centrado nesse grupo social. Julgo, porém, que essa situação do filme não é senão um pretexto ficcional para melhor delimitar o assunto que realmente interessa a Fassbinder. Quer dizer, esta ficção poderia, do mesmo modo, abordar as classes sociais e as suas relações de dominação e exploração recorrendo a um mundo heterossexual. A história de amor e desprezo que por ali passa faria igual sentido se o casal fosse heterossexual. Mas situando-a na esfera dos homossexuais, Fassbinder depura-a de quaisquer conotações parasitas (a exploração das mulheres, o discurso feminista, etc.) para a deixar entregue ao seu fulcro: uma relação de amor entre um membro do lumpem-proletariado e um cidadão da alta burguesia que se revela, pouco a pouco, uma relação de dominação, depois de exploração, finalmente de desprezo.

Fox, o jovem homossexual **naïf** que, de uma barraca de feira, ascende aos salões da burguesia, mercê de 500 000 marcos ganhos na lotaria, vai ver-se explorado nos seus sentimentos e no seu dinheiro até ser lançado fora quando já imprestável. O filme traça o retrato implacável de uma divisão cultural (Fox não «tem maneiras», não lê livros, não sabe apreciar vinhos e sinfonias) que, segundo Fassbinder é a grande barreira entre classes sociais. Suprema lucidez: mesmo se economicamente débil ou desapossada da riqueza a burguesia (pelo seu estatuto social) encontra formas de estabelecer a dominação, de se apoderar da riqueza. O que este filme vem dizer não é novidade mas raramente alguém o disse de um modo tão explícito.

Se «**O Direito do mais Forte à Liberdade**» fosse um discurso sobre a luta de classes ele não seria uma tragédia. O desespero que dele nasce (não é a cena final, em que Fox, morto, é roubado num túnel de «metro», por duas crianças-abutres, um dos mais violentos testemunhos sobre a feroz sociedade alemã?) vem, exactamente, da ausência de luta, da passividade. A violência do mais fraco para se libertar é sempre canhestra, mesquinha, desconexa, irreflectida, ineficaz portanto. De resto, o mais fraco tentou, durante o filme, uma inábil adequação ao estilo do mais forte (carro de «sport», apartamento de luxo, fatos...), um **travesti** da burguesia. O mais fraco não quer lutar, quer mimetizar-se no outro lado. E é isso que a burguesia deseja («trazer os proletários até nós», dizem os que se reclamam da esquerda) sabendo que é impossível, sabendo que essa é a mais civilizada das maneiras de manter cada um no seu lugar. Que melhor retrato da social-democracia?

O filme conclui, como afirma o título numa amarga ironia, que o mais forte tem direito à liberdade de o ser, já que o mais fraco se revelou incapaz de o deixar de ser (mesmo com uma enorme fortuna no bolso). Mas Fassbinder não tem armas a propor, mostra, com enorme raiva, um estado de coisas de que se não vê saída: uma sociedade cinicamente estável e democrática, feita de lobos refinados e de carneiros bêbados de alienação e de vergonha.

J.L.R.

ABC-CINECLUBE DE LISBOA
Estúdio 444
Dia 12
18.45 h
"ODIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE" de Rainer W. Fassbinder
Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 60$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC)

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
SALA GARRETT
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16
O MORGADO DE FAFE EM LISBOA
de CAMILO CASTELO BRANCO
encenação RUY DE MATOS
com
VARELA SILVA • CATARINA AVELAR • CURADO RIBEIRO • PAULA MORA • ANTÓNIO RAMA • CARLOS PIMENTA • LUÍS BANDEIRA • JOÃO DE CARVALHO • HENRIQUETA MAYA • LURDES LIMA • LÚCIA MARIA • CARLOS FONSECA • MADALENA BRAGA • MENDES DA SILVA • GUILHERME FILIPE • MIGUEL MENESES • PAULO LAGES • CARLOS FONSECA • IVO VAZ • JOÃO FERNANDES • NUNO FRANCO
SALA GARRETT
DE 3.ª A DOMINGO DAS 18.30 ÀS 20
TEATRO DA HORA DE PONTA
com a peça
ELA NÃO SABIA SONHAR
de DENISE CHALEM
com FERNANDA BORSATTI E SÃO JOSÉ LAPA
encenação JACINTO RAMOS
ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª-FEIRA TEL. 32 22 10
ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2ª FEIRA TEL. 32 22 10

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais 1 A
1200 Lisboa
Tel. 661515 • 669205
teatro do bairro alto
teatro da Cornucópia
RICARDO III
de
SHAKESPEARE
3.ª-feira a sábado às 21 horas
Domingo às 16 horas

motociclista
ACENDA OS MÉDIOS
mesmo durante o dia
DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO - DSR

a Fúria da Dança
Heavenly Bodies
(O DELIRIO DO AEROBIC)
CYNTHIA DALE
A GRANDE VEDETA DO AEROBIC
LAURA HENRY
RICHARD REBIERE
WALTER GEORGE ALTON
Realização
LAURENCE DANE
Direcção musical
PAUL HOFFERT
Coreografia
BRIAN FOLEY
Hoje
21.30
Grande Estreia
STAR
MAIORES 12 ANOS
MUNDIAL FILMES
UMA FESTA DE ALEGRIA E JUVENTUDE
A partir de hoje também no cinema do Casino do Estoril.

Crónica de Touros

Dizíamos ontem...

Soliloquio

Praça de Touros de Salamanca. Quarta-feira, 12 de Junho de 1985. Festival de las Hermanitas de los Pobres. Novilhos de Matias Bernardos para Rafael de Paula, Santiago Martin «El Viti», Juan José, Roberto Dominguez, José Cubero «Yiyo», David Castro «Luguillano» e Jose Luis Ramos.

«Dizíamos ontem...». A frase de Frei Luís de Leon, velha de quatro séculos, ficou para sempre, não se apagou só porque a morte o foi encontrar, em Madrigal de las Altas Torres, «na inteira liberdade e limpeza» com que o erudito religioso se gabava de ter podido voltar à sua cátedra da Universidade de Salamanca. A aula de Frei Luis lá continua, a brancura da abóbada sobre o tosco das longas traves de madeira que fazem de bancos e carteiras, a meia dúzia de degraus que levam ao púlpito, por onde o mestre tornou a subir naquele dia. «Diziamos ontem...» Cinco anos de de cárcere tinham decorrido sobre a última aula do erudito professor, que à condição de religioso e teólogo juntava as de filósofo e poeta. Cinco anos que os inquisidores haviam justificado pelo pretexto de ter traduzido do latim o «Cântico dos Cânticos», e pelo argumento velho e relho, bem nosso conhecido, das «opiniões novas e perigosas». Cinco anos tinha estado encarcerado, à ordem da Santa Inquisição; e nesse dia, um que à Universidade voltava, assim começava Frei Luis sua aula: «Dizíamos ontem...». Era como se nada tivesse acontecido, como se não houvesse arbítrio ou violência capazes de cortarem esse elo imaterial que o prendia à vocação da sua cátedra. E as palavras, novas de quatro séculos, ficaram, continuam vivas, como símbolo da intemporalidade da resistência humana, que se não conforma, e que justiça espera, e que à vida empresta a força e o sentido.

Dizíamos ontem... Voltámos a Salamanca, e é sempre como se a tivessemos deixado na véspera, uma véspera actual, chegada de um tempo que recordamos, a uma distância como se o não tivessemos vivido, e contudo próximo; como se alguma coisa de estranhamente imutável escorresse das paredes sobre a vida da cidade, o bulício incomparável da Plaza Mayor, que se faz música e cantares neste dia festivo da cidade, de São João de Sahagun: seu padroeiro tinha de ser, desde que um dia fez parar, só com a voz que o ordenava, um touro que pelas ruas se desmandava, e o pânico andava semeando. Mas não é pelo santo, por esse quase milagre (ainda não nascera Domingo Ortega, maestro de Borox, para fazer obedientes os touros), que no dia de sua festa se respira em Salamanca um ambiente taurino. É, sim, porque a data foi escolhida para, na praça de «La Glorieta», se celebrar o festival das «Hermanitas de los Pobres», com que se vai fazendo costume abrir a temporada na cidade do Tormes. A entrada do Grande Hotel volta a encher-se para o reencontro da gente da Festa. Dizíamos ontem... Toureiros da terra, os que são, os que foram, os que aspiram a ser. Pelos quartos, espalha-se o rumor das falas, matadores e guadrilhas que no cartaz do festejo encontraram guarida para seus nomes, ei-los na hora de vestirem o trajo curto. Além, num sofá, com o descanso de quem vai ser apenas espectador, Capea está de conversa: conquistador ao México, consolidado este ano na posição de maestro, e não perde o infantil sorriso. A ser um dia maestro aspira Rui Bento, o novilheiro português que em Salamanca vive aprendendo, e espreitando as oportunidades, que cada vez se fazem mais difíceis, ele o sabe e confessa, esperança é a última coisa que se perde. Cá fora, encontro Vicente de la Calle, que está em todas, da tarde de luxo à mais modesta: amanhã irá a Madrid, à corrida real, de moço de estoques: do Capea; e no regresso a Salamanca logo estará de partida, de viagem com o Rui Bento até aos Açores, entre a aficion da Terceira entreter a espera que no continente o chamem, para coisa que valha a pena, que ajude a abrir caminho. Dizíamos ontem... O tempo passa, implacável, e o sonho de ser toureiro permanece, a promessa de cada dia é como se fosse o continuar da outra, e da outra, de tantas promessas que se não cumprem.

Dizíamos ontem... E foi como se continuação do êxito do festival a que há dois anos assistimos, com os novilhos andaluzes de Jandilla, a que pediam messas estes de Matias Bernardos, dos campos de Salamanca, também nobres, e repetindo as investidas, a fazerem do festival uma alegria, ocasião para vermos das coisas o lado bom. Sobre El Viti não parecem ter passado mais duas primaveras, toureando como no pátio de sua casa, nem aí condescende a usar a leveza do alumínio, espada em sua mão só a verdadeira: agora que se está despedindo Antoñete, é levantar o dedo, dizer-se disposto a empunhar o ceptro de maestro, e logo acorrerão os empresários a estender-lhe cheques de milhões, e os públicos esperando respeitosos as lições do mestre de Vitigudino. Antes de Santiago, na radiosa tarde salmantina, tinha sido a vez, por mor da antiguidade, de Rafael de Paula; não cabe falar de lição do cigano, porque não se ensina aquilo que se não aprendeu, nasceu. Foi um mostruário de raros donaires e elegâncias, consentiu o novilho que algumas ao retardador, para que também as gentes de Salamanca possam falar do Rafael pelo que viram, não pelo que ouviram dizer, coisas que ditas se não avaliam. E passados sem troféus, pelas incertezas do estoque, os momentos soberanos com que Rafael e Santiago abriram a tarde, orelhas iam sobrar para os companheiros: as duas primeiras para Juan Jose, que repetiu o êxito na sua terra costumado, oxalá este lhe possa rasgar os sonhados horizontes, mostrar noutros lugares como sua muleta continua medida e templada, como afinal é capaz de cobrar uma estocada assim inteira, e na cruz, e recta, e vagarosa. E a Salamanca respondeu Valladolid com esse toureiro da eterna adiada esperança, chamado Roberto Dominguez, dez anos esperando que se lhe acabem as dúvidas, que se destape de vez um matador que é capaz de bordar assim o toureio, com tanto bom gosto e tamanha elegância; toureiríssimo esteve no capote, e na muleta e até no «descabello», quando, logo depois da estocada um pouco caída, de joelho em terra foi traçando, desde lá de trás, o círculo da cruzeta, e certeiro o fechou, certeiro mas principalmente toureiro, que também nisso toureiro se pode ser. Do madrileno «Yiyo» ficou o repousado trastear de sua muleta, que rematou ressuscitando duas vezes a sorte de receber, antes de cobrar a estocada no regresso ao estilo da era moderna, o volapié. E já apenas faltava a surpresa dos dois novilheiros. David Castro, «Luguillano», elegante a lancear à verónica, valente a tragar pela esquerda o novilho menos claro do lote, levantava-se sem olhar o trajo de cada vez que as hastes o agarravam. Jose Luís Roman, de Ciodad Rodrigo, com madeira que esteve por cima das orelhas cortadas: ainda algum desassossego no capote, variado desde a larga de joelhos aos galeios e faróis; mas na muleta meteu no bolso a paróquia de Salamanca, os pés agarrados à arena, mandando, templando, e, mais difícil, ligando os passes. Aqueles dois naturais, um farol e o de peito, sem uma emenda entre eles, foram um momento esplêndido, de toureio e de esperança. No ânimo de um novilheiro, carreira ainda sem ontem, não cabe o sentido das palavras célebres do regressado Frei Luis de Leon: de ontem não se fala, quando tudo é ainda amanhã.

Cultural

Bailado

• Companhia de **Ballet Gulbenkian** apresenta-se esta noite no Pavilhão Gimnodesportivo de Viseu, num espectáculo com início às 21.30 horas. Do programa constam quatro bailados: «Terra do Norte», com recolha de música tradicional de Trás-os-Montes por Michel Giacometti, coreografia de Olga Roriz e cenários e figurinos de Nuno Corte-Real; «Nuages», com coreografia de Jiri Kilian, música de Debussy; Olga Róriz assina também a coreografia e os figurinos de «Três Canções de Nina Hagen», com música da própria cantora; «Danças para uma Guitarra» tem música ao vivo do guitarrista Carlos Paredes, figurinos de Helena Lozano e coreografia de Vasco Wallenkamp.

Cinema

• Integrado na homenagem a Miguel Franco, organizou-se em Leiria um **Ciclo de Cinema Português**, em que através de seis filmes realizados entre 1965 e 1983 se traçam alguns dos principais caminhos seguidos pelo cinema nas últimas duas décadas. Hoje é projectado o filme de **António Cunha Teles**, «O Cerco», pelas 18.30 horas no Teatro José Lúcio da Silva. Mais tarde, às 21.30, realiza-se uma conferência com a presença dos realizadores Lauro António e António Cunha Teles.

Teatro

• A «**II Festa de Teatro de Almada**» termina hoje, com a apresentação da peça de Romeu Correia «Tempos Difíceis», pelo grupo organizador da festa, a **Companhia de Teatro de Almada - Grupo de Campolide**. A peça, apresentada pelas 21.30 horas no Pátio do Prior do Crato, tem encenação de Joaquim Benite e interpretação de Canto e Castro, António Assunção, Carlos Gonçalves, Ema Paul, Luís Vicente e Teresa Gafeira.

• O mais recente espectáculo da **Comuna**, «Amadis», de Abel Neves, continua em cena na nova sala da companhia, só até 14 deste mês, pelas 21.30 horas. A peça, com encenação de João Mota, tem interpretação de António Melo, Carlos Paulo e Isabel Medina, entre outros.

• Na Casa da Cultura das Caldas da Rainha, o **Teatro da Rainha** continua em cena com a peça «Tantas Maneiras de Engano!», de Gil Vicente. A encenação é de Fernando Mora Ramos, o cenário e figurinos de José Carlos Faria e a música da época seleccionada por Joaquim António.

Música

• Na Galeria EMI-Valentim de Carvalho tem lugar esta tarde, pelas 18 horas, mais um dos concertos das «Quintas-Feiras de Julho», com entrada livre. Hoje trata-se de um «**Fim de tarde dinamarquês**», com a vinda pela primeira vez a Portugal do guitarrista clássico Lars Fenger. Depois do concerto, no jardim, os ouvintes são convidados a beber cerveja dinamarquesa.

• Quem preferir música guineense, na sala polivalente do Centro de Arte Moderna, pelas 18.30 horas, o **Grupo de Música e Dança da República da Guiné-Bissau «Ka Matchol»** realiza o segundo espectáculo integrado nas «Jornadas de Letras e Artes dos Países de Língua Portuguesa», a decorrer em Lisboa. O objectivo do grupo é o de contribuir para o enriquecimento do património artístico e cultural nacional, através da pesquisa de diferentes manifestações artísticas e musicais de vários grupos étnicos-musicais guineenses.

Exposições

• É hoje inagurada, pelas 21.30 horas, a «**II Bienal Nacional de Desenho**», no Pavilhão Portex, situado nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto. Organizada pela Cooperativa de Actividades Artísticas Árvore, a mostra conta com um total de 229 trabalhos, dos artistass Alberto Péssimo, António Sena, Carlos Cobra, Catarina Baleiros, Fernando Brito, Isabel Garcia, João Gonçalves, José Mouga, Luísa Gonçalves, Maria Gabriel, Nélson Dias, Pedro Cabrita Reis, Pedro Tudela, Rosa Carvalho e Z.L. Darócha.

TRIBUNAL DA COMARCA DE MONTEMOR-O-NOVO

ANÚNCIO

No dia 29 de Julho de 1985, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de carta Precatória n.º 230/85, pendentes na sua Secretaria contra Jaime Manuel Santos Antunes e mulher, residentes na Praça da República, 42-1.º Drt.º em Vendas Novas, Hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para se arrematarem em hasta pública, ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo: — Uma máquina de lavar roupa, de marca «Hoover» 400, de cor branca e um frigorífico de marca «Sonix», de cor branca.

Montemor-o-Novo, 1 de Julho de 1985

A Juiz de Direito,
Maria do Rosário Correia de Oliveira

O Escrivão Adjunto,
António Joaquim Soeiro Reis

«DL» — 11/7/85 — 2.ª Pub.

VALE

1

BILHETE

na compra de 2 bilhetes

tearto

à espera de Godot

De Terça a Domingo às 21.30

casa de teatro do tear
rua do heroísmo, 86 · PORTO

UMA OFERTA

DL

válida para o dia 12.07.85 recorte este anúncio e apresente-o na bilheteira

DL CINEMAS

Uma cena do filme «O Hábito não faz o Monge»
Realização e interpretação de Marty Feldman
Em exibição no Estúdio 444 e Quinteto

Alfas Triplex

— T. 806496

DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

FINALMENTE A 1.ª VEZ
(para maiores de 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h
7.ª Semana

Alfa Club

— T. 763319

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
6.ª Semana

Apolo 70

HISTÓRIA DE UMA TRAIÇÃO
(para maiores de 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Ávila

— T. 539930

O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 16 anos)
14.30, 17, 19.15 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

SEXUALMENTE TUA
(interd. a men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

RECORDAÇÕES
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30
6.ª Semana

Capitólio

— T. 372358

O BAR DA BORGA
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

LAÇOS DE TERNURA
(maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
22.ª Semana

AMITYVILLE II — A POSSE
(para maiores de 18 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
(int. menores de 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
(int. menores de 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

OS COMANDOS DE NAVARONE
24 h

Cinemateca

CIGANOS/1979
TIREM-ME ESTA GENTE DAQUI
18.30 h

LAÇOS HUMANOS
21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

CAÇADA AO HOMEM
(para maiores de 12 anos)
16.00, 21.45 h

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

UM LUGAR NO CORAÇÃO
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE
23.45 h

Condes

— T. 322523

A MULHER FALCÃO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

YOL
(não acons. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O HÁBITO NÃO FAZ O MONGE
de Marty Feldman
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

VENTOS DE VIOLÊNCIA
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

JERRY TU ÉS LOUCO
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

O CONFRONTO
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Forum Picoas

— T. 541037

Auditório 1

O TERCEIRO HOMEM
(para maiores de 17 anos)
19 e 22 h

Auditório 2

ALEMANHA NO OUTONO
(para maiores de 16 anos)
19 e 22 h

Gemini

— T. 734009

FINALMENTE A 1.ª VEZ
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A MULHER FALCÃO
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Império

— T. 555134

JESUS CRISTO SUPERSTAR
(não acons. men. 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A MULHER FALCÃO
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

CARMEN
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

CARMEN
de Francesco Rossi
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30

Monte Carlo

— T. 681117

EMPRESTA-ME A TUA MULHER
(para 13 anos)
14.14, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

O CAÇADOR DE TUBARÕES
(para maiores de 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olímpia

— T. 325309

MONTADORES SEXUAIS
(int. m. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14 h
Filme pornográfico

Pathé

— T. 821933

2 HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 21.30 h

OS MISTÉRIOS DA CIDADE MALDITA
(para maiores de 18 anos)
24 h

Politeama

— T. 326305

ATOR — A ÁGUIA INVENCÍVEL
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

O SARGENTO DA FORÇA 1
(para maiores de 13 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.45 h

O TOURO ENRAIVECIDO
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

LARANJA MECÂNICA
(int. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 23.45 h

Sala 3

UM AMOR NA ALEMANHA
de Andrzej Wajda
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

OS MALDITOS
(para maiores 18 anos)
00.45 h

Sala 4

HISTÓRIA DE UMA TRAIÇÃO
de Marek Kanienska
(para maiores de 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30, 23.30 h

Quinteto

— T. 573407

O HÁBITO NÃO FAZ O MONGE
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

ATLANTIC CITY USA
(int. a menores 13 anos)
24 h

Restelo

— T. 610375

AMITYVILLE II — A POSSE
(para maiores 18 anos)
15.30 e 21.30

Roma

— T. 889192

O QUEBRA OSSOS
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

A VINGANÇA DE BILL KIÓGA
(interd. a men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

BRAZIL — O OUTRO LADO DO SONHO
(para maiores de 16 anos)
15, 18 e 21.15

Sala 3

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
de John Carpenter
(para maiores de 12 ano)
14.45, 17, 19.10 e 21.45 h

Star

— T. 804210

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15.00 e 18.15 h

A FÚRIA DA DANÇA
(para maiores de 12 anos)
21.30 h

Terminal

— T. 371573

O ÚLTIMO INVERNO
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

FINALMENTE A 1.ª VEZ
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
(para maiores de 6 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

— T. 880808

FUGA DO INFERNO
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

RUAS SELVAGENS
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

EMANUELE
(Int. menores 12 anos)
15, 17, 19.00 e 21.30
FANTASIAS NOCTURNAS
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «Os Amantes de Maria», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)
AMADORA — Cine-Teatro — «Jovens Sem Rumo», às 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «Desaparecido em Combate», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Cidade Ardente», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Bruce Lee Contra-ataca», às 15 e 21.30 (maiores de 16 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «A Rainha da Selva», às 21.30 (maiores de 12 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — Descanso à 2.ª feira
CARCAVELOS — Atlântida — «Jogos de Guerra», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)
ESTORIL — Casino — «Os Amantes de Maria», às 17 e 21.00 (maiores de 16 anos)
CINE-IMPALA — «Os Destemidos», às 16 e 21.30 (maiores de 12 anos)

Outra Banda

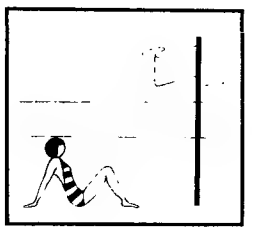
Almada — Academia — «A Ilha Azul», às 15.30 e 21.30 h (maiores de 13 anos)

ALMADA — Incrível — «A Fúrias da Besta», às 15.30 e 21.30 (maiores 18 anos)

Porto

ÁGUIA DE OURO — «As Mulheres do Prazer dos Campos Nazis», às 15.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 18 anos)
FOCO — «História de uma Traição», às 14, 16.30 e 21.45 (maiores de 12 anos)
OLÍMPIA — «Uma Mulher de Sonho», às 20.50 — «Negra Afrodite», às 18 e 23.10
PEDRO CEM — «Jesus Cristo Superstar», às 15, 18.30 e 21.30 (não acons. men. 13 anos)
SÃO JOÃO — «Jovens Sem Rumo», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 (maiores de 16 anos)

CUMPRA
os sinais das bandeiras



SE
sentir frio
saia da água
o mais depressa
possível

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AMOREIRAS - ESTAÇÃO DA CARRIS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **CAMÕES -SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CHILE -ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **RESTELO - À AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610250); **BRANDOA - AMADORA: Tavares Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA -CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LAPA -SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Higiene**, P. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18 (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Solla, loja D, lote 65 (T. 900724). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Até às 22 horas; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 71121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-EG (T. 957619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Catujal. Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1 (T. 9240781). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123. Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria- 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

DL TEATROS

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 2.ª a sábado, ás 20.30 e 22.45. Domingos também às 16h. Descanso às 4.ªs-feiras

«AGUENTA-TE, À BRONCA», original de Carlos Coelho, Júlio César e José Guimarães. Com Carlos Coelho, Delfina Cruz, Anita Guerreiro e Júlio César.

(16 anos)

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

12 anos

De terça a domingo às 18.30 **e às 20.00 horas**
Teatro na hora de ponta com a peça
«**ELA NÃO SABIA SONHAR**»
de Denise Chalem
encenação de Jacinto Ramos
com Fernanda Barasatti e São José Lapa

Sala Garrett

De 3.ª a sábado às 21.30
«O MORGADO DEFAFE EM LISBOA» de Camilo Castelo Branco. Encenação de Ruy de Matos. **12 anos**

S. CARLOS

R. Serpa Pinto — Tel. 36 84 08

Hoje às 20.30

A ópera em 2 actos de
Gioachino Rossini
«**A GATA BORRALHEIRA**», com Manuela Castani, Bruno Pola, Mário Rodrigo, Alfredo Mariotti, Helena Vieira, Lia Alta Villa e José Tardilha.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).

«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 32 00

(De terça a sábado, às 21.30.)

«A NOITE DAS TRÍBADES», de Per Olov Enqvist. Encenação de Fernanda Lapa. Cenários e figurinos de Jasmim com Françoise Ariel, António Capeto, Alexandre Sousa e Margarida Carpinteiro.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Aberto

Praça de Espanha — Tel. 77 09 69

(De quinta a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00)

O ESFINGE GORDA, Textos de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botica, Francisco Pestana e Melim Teixeira. **Novo Grupo.**

Teatro Ibérico

Rua de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

AI QUE SALTOS ME DÁ O CORAÇÃO, de Anton Tchekhov. Encenação: Blanco Gil.

Não dispomos de mais informações sobre este espectáculo que estreou ontem, sexta, na antiga igreja de Xabregas.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Academia Almadense

Grupo de Campolide

Sextas-feiras às 21.30, sábados às 16 e 21.30

«TEMPOS DIFÍCEIS»

Teatro do Século

R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

«**ARTIMANHAS DE SCAPIN**» de MOLIÉRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818

Comuna — Sala Nova

De 3.ª a sábado às 21.30, domingos às 17.
«O ROMANCE DE AMADIS»
Sábados e domingos às 17.00.
«HISTÓRIA DE UMA COZINHA» grupoo «BOBO».

Teatro da Graça

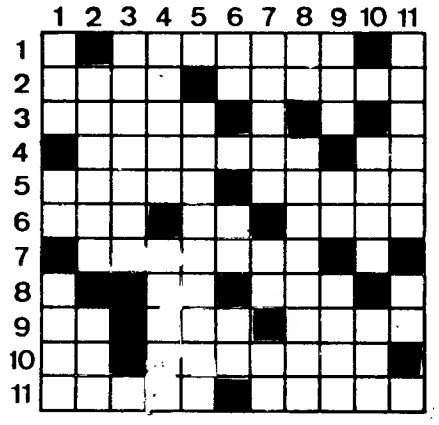
Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 477



HORIZONTAIS:

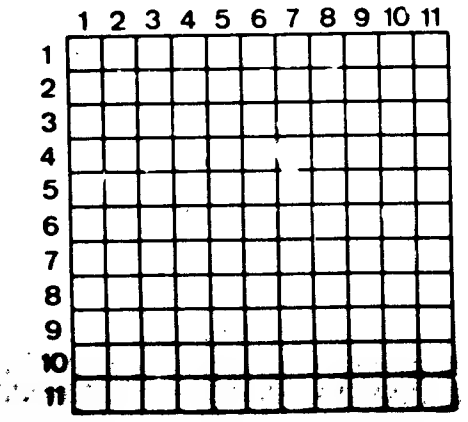
1 Artigo definido. Opulência.
2 Ninhos. Dares mios.
3 Infestar.
4 Atravessaram. Sufixo que designa estado.
5 Tempo do verbo ser. Nome de peixe.
6 Freguesia do concelho de Penafiel. Nome de letra. Ratas.
7 Caluniam.
8 Clima. Mágoa.
9 Rubídio (s.q). Liga. Cabeça (pop).
10 Seguia. Rei da Lídia.
11 Equipas. Peixe do género siluro.

VERTICAIS:

1 Antiga agência telegráfica de Imprensa. Catedral. Educa.
2 Cobiça. Cidade da Ucrânia.
3 Tocaras de leve.
4 Rio da França. Pula.
5 Apagarias.
6 Artigo indefinido. Era cristã. Prefixo de privação.
7 Freguesia do concelho de Coimbra. Preposição latina que designa movimento. Basta!
8 Letra do alfabeto árabe. Pescadas jovens.
9 Anel. Letra grega. Rebolo.
10 Conjunção. Antipatia. Rio de França.
11 Guarneceras de asas. Aqui.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 317



HORIZONTAIS:

1 Post scriptum. Cidade da China.
8 O sono das crianças. Prenderia.
3 Rénio (s.q). Altar cristão. Ecoe.
4 O mesmo que três. Apelido. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
5 O mesmo que uma (ant. e pop). Inércia.
6 Patas. Bolsa.
7 Gritos. Cubro.
8 Duas vogais desiguais. Cidade de Espanha. Une por casamento (inv).
9 Vender a crédito. Punhal usado pelos antigos romanos.
10 Concedias. Preposição e artigo (pl).
11 Investigador. Volto a coser.

VERTICAIS:

1 Natural de Portugal.
2 Costumara. Lantânio (s.q). Cobalto (s.q).
3 Rio de Itália. Bílis.
4 Neste momento. Revestida.
5 Prendes. Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh!
6 Invulgares. Safar.
7 Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca. Ósmio (s.q). Catedral.
8 Nesse lugar. Cobres de nata.
9 Em as. Oportunidade.
10 Alternativa. Escuros.
11 Deseja ardentemente. Poente.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 14 476

HORIZONTAIS:

1 A. AMAR. E. A.
2 Parar.
3 Ovas. Piropo.
4 Lais. Nada.
5 Sam. Grelo.
6 Acuo. Ab.
7 Reparte Cor.
8 Eva. Mel.
9 Zabaia. Erg.
10 Ada. Tosaria.
11 Ror. Ecoar.

VERTICAIS:

1 Apolo. REZAR.
2 Ava. Cevado.
3 Arais. Pagar.
4 Massa.
5 Ar. Marmita.
6 Ct. Ao.
7 NINGUÉM. SE.
8 Raro. AC.
9 PODE. Clero.
10 Palão. Ria.
11 Bo. OBRIGAR.

PROVÉRBIO: A amar e a rezar, ninguém se pode obrigar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 316

HORIZONTAIS:

1 Fábia. Forst.
2 Irão. Cara.
3 Los. Com.
4 Emala. Achar.
5 Alim. Grolo.
6 Sa. Ois.
7 Nora. Oort.
8 Tia. Amo. Sor.
9 Er. Anoto. Lê.
10 Lorpa. Achém.
11 Assa. Oaio.

VERTICAIS:

1 File. Entela.
2 Aroma. Oiros.
3 Basal. Rã. Rs.
4 Io. Lisa. Apã.
5 Cama. Ana.
6 Bo. Imo.
7 Mago. Ota.
8 Oc. Crio. Oco.
9 Ranhosos. Há.
10 Sr. Al. Rolei.
11 Tarro. Tremo.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Informação regional; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.40**: Um solo de cravo; **16.45**: Trechos de óperas; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.30**: Intérpretes portugueses; **18.00**: Poesia, de David Mourão Ferreira; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Música de tecla; **18.55**: Música, de Chopin; **19.30**: A voz da cidade; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: Suite «Música Aquática», de Haendel; **21.00**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: «Missa de Requiem», de Verdi; **23.10**: Grandes intérpretes; **23.45**: Solos instrumentais; **00.25**: Canções; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Peça o que quiser; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RCFM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé-de-vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Nunca mais é sábado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Do dia para a noite; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Som de uma noite de Verão; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entrecampos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 — Tempo dos Mais Novos
As Aventuras de Marco Pólo e Akari
«**As Lontras**»

18.35 — Notícias

18.50 — Barreiras/NATO
Programa da responsabilidade do Departamento de Informação.

19.15 — Pequenas e Médias Empresas
Programa patrocinado pelo IAPMEI.

20.00 — Telejornal
O País e o estrangeiro em notícias da responsabilidade da RTP.

20.27 — Boletim Meteorológico
Tempo, tempo, onde estás tu?

20.30 — Direito de Antena
«Sindicato Nacional dos Delegados e Subdelegados Escolares»

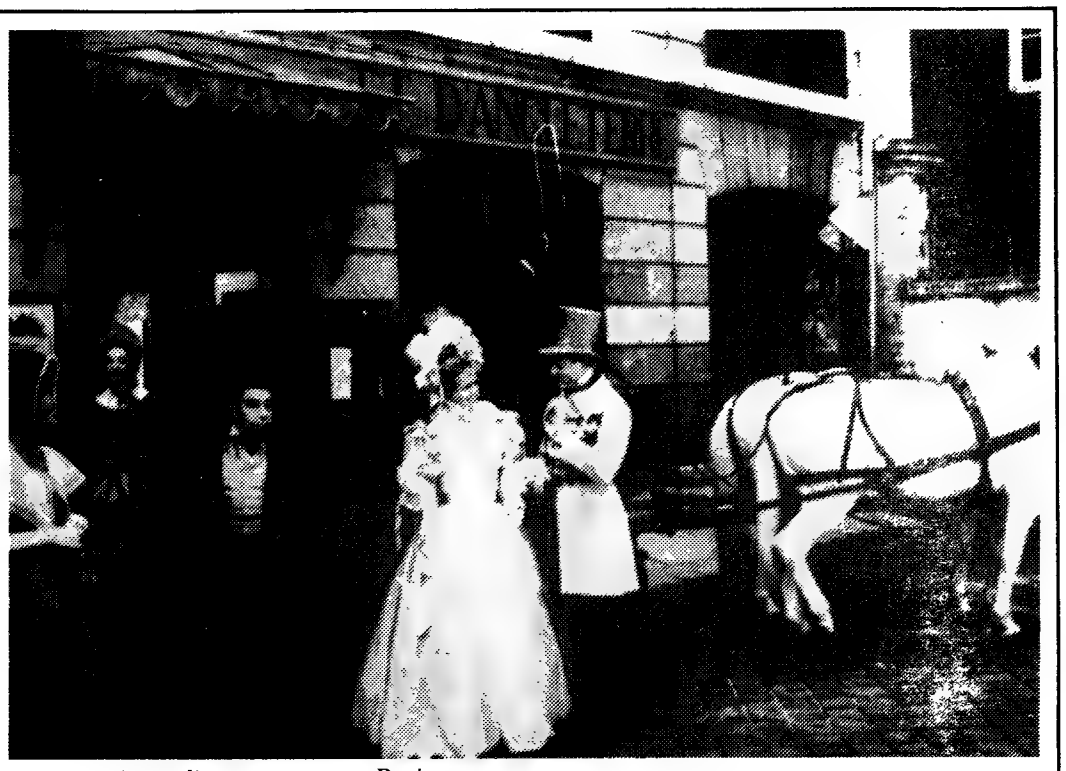
20.35 — Louco Amor
Luís Carlos espera impacientemente que Guilherme o atenda. A oferta de emprego que aquele tem para ele é desencorajante, contudo Luís Carlos aceita-a. Cláudia aguarda também na sala, mas Guilherme manda-a avisar que não a pode receber e que não está interessado na reportagem proposta por ela. André aconselha seu filho Filipe a não basear a sua vida na esperança de vir a ser o herdeiro do tio. Alda tenta distrair Isa e Carla que estão preocupados com a conta do dentista. Patrícia bate à porta do quarto de Isolda e pede-lhe para conversar com ela.

21.20 — Triangular
Um programa da responsabilidade da Direcção de Informação.
Tema em destaque: A Moda.

22.25 — Os Últimos Dias de Pompeia

23.20 — Volta a França em Bicicleta
Resumo da etapa do dia.

23.35 — Último Jornal



«A Vida de Berlioz»: regressa a Paris e...

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
As Aventuras do Super Homem; Charlie Brown; Cinco Minutos Mágicos.

20.10 — Conheça Melhor
«Passeios em Paris».

20.40 — A Vida de Berlioz
Berlioz regressa a Paris e, uma noite, à saída de um teatro, volta a encontrar Harriet Smithson. Casam-se, tendo Liszt como padrinho, instalam-se numa casa modesta e, a 14 de Agosto de 1834 nasce-lhes o primeiro filho. Intérpretes: Daniel Mesguich, Rhonda Bachmann, Noelle Chatelet, Boris Klouev, Peter Trokan. Realização: Jacques Trebouta.

21.35 — Encontros com... Elsa Saque
Entrevista conduzida por Luís Alves. O pianista é Armando Vidal.

22.30 — Jornal da Noite

NATO: regresso à RTP

AMANHÃ

RTP-1

12.05 — Espaço 12/13
12.55 — Vila Faia
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.55 — Retratos em Si
19.20 — O Museu do Ermitage
20.35 — Louco Amor
21.15 — Gala a Favor do Povo da Etiópia
22.30 — Sombras na Escuridão
23.30 — Volta à França em Bicicleta

RTP-2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Recordações
21.00 — Directo/2

«Os Últimos Dias de Pompeia [illegible] o seu segundo episódio

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS TV
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B ● R. de Macau, 8-1.º LISBOA

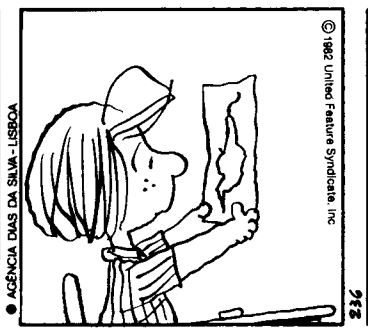
SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU
Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as as 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 22.25 «Os Últimos Dias de Pompeia»
RTP 2 — 19.30 «Desenhos Animados»
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUIZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 Z 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Portaria: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 380 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 119-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.51	**3,10 m**	03.14	**1,70 m**
22.17	**3,20 m**	15.42	**1,80 m**
Dia 12			
10.56	**3,10 m**	04.15	**1,70 m**
23.23	**3,20 m**	16.47	**1,80 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	15º
VIANA DO CASTELO	17º
VILA REAL	18º
PORTO	17º
COIMBRA	18º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	17º
ÉVORA	15º
BEJA	15º
FARO	19º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	20º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo [illegible] nublado durante a madrugada e manhã [illegible] com abertas de bancos de [illegible] Vento [illegible] do quadrante [illegible]

Mãe espanhola dá à luz bebé com mais de 8 quilos

Uma espanhola deu ontem à luz um bebé de mais de oito quilogramas em Jerez de La Frontera, na província espanhola de Cádiz.

O bebé, um rapagão de 8,25 quilos, é o oitavo filho do casal Gertrudes Romero e Rafael Vital, residente em Puerto de Santa Maria, Cádiz. Os irmãos nasceram também robustos.

«Nunca vi nada assim nos meus vinte anos de profissão. Os bebés com excesso de peso costumam ser filhos de mãe diabética mas a Gertrudes é perfeitamente saudável» — comentou o parteiro.

Reagan vai ser operado

O presidente norte-americano Roanald Reagan será operado na sexta-feira para exirpação de um pólipo intestinal benigno, descoberto em Março último — anunciou a Casa Branca.

Larry Speakes, o porta-voz do presidente, disse que Reagan baixa ao Hospital da Marinha em Bethesda, Maryland, nos arredores de Washington, ao meio-dia de sexta-feira e passará ali à noite.

O presidente será ainda submetido a exames radiológicos à coluna e aos intestinos para detectar outros eventuais pólipos — referiu.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO – 53 058 – 54 000 contos
2.º PRÉMIO – 77 638 – 12 000 contos
3.º PRÉMIO – 12 801 – 6 000 contos
A Sorte Grande e o 3.º Prémio foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

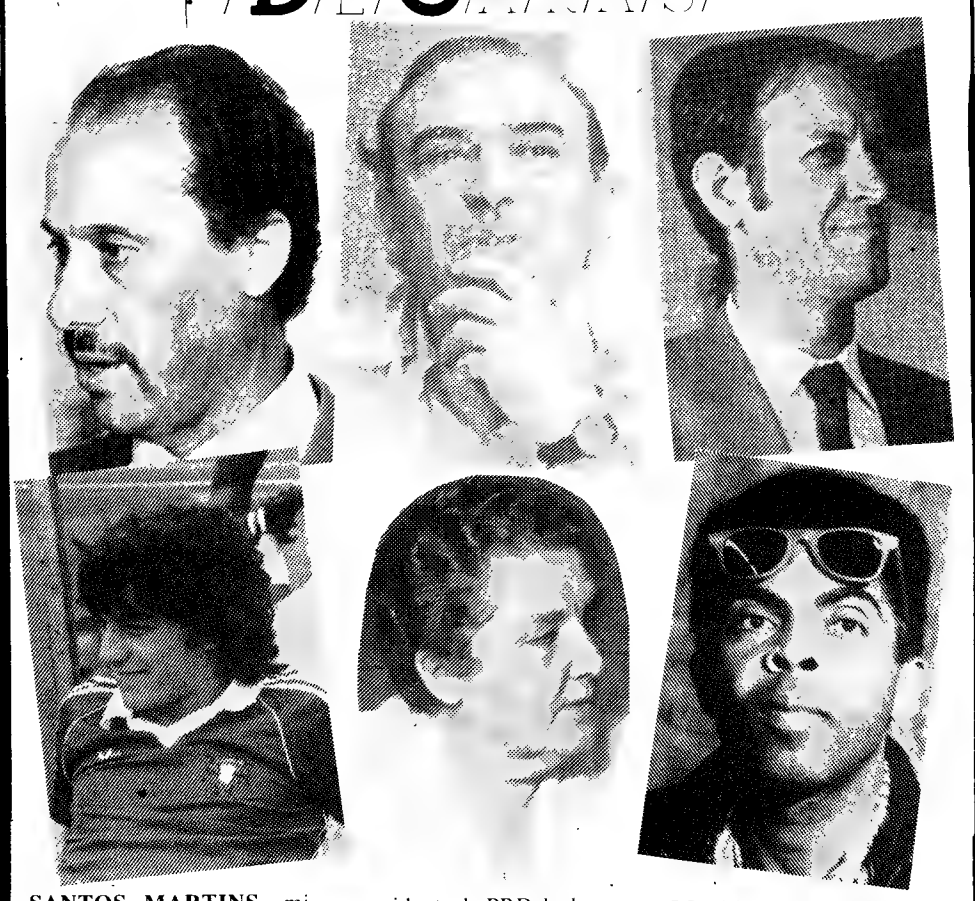
Confronte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – COIMBRA – SETÚBAL – FARO

1.º PRÉMIO
53 058
2.º PRÉMIO
77 638
3.º PRÉMIO
12 801

A CASA VIOLA ACONSELHA:
Jogue na Lotaria.
É mais fácil, tem mais hipóteses e pagamos qualquer prémio no próprio dia.

CASA VIOLA «A sorte que toca»
Lisboa; Braga; Estoril; Viseu

DE CARAS



SANTOS MARTINS, ministro da Indústria do III Governo constitucional (Nobre da Costa), aderiu ao PSD, tendo começado já a trabalhar com Cavaco Silva na redacção de um programa de Governo, informou a agência NP evocando uma fonte partidária não identificada. Santos Martins, que foi também secretário de Estado da Indústria no I Governo constitucional (Mário Soares) e presidente da TAP, está a colaborar com Cavaco Silva na área da indústria, tecnologia e economia do sector secundário.

FERNANDO LOPES, cineasta, anunciou que os realizadores portugueses vão apresentar esta semana na Polícia Judiciária uma queixa-crime contra Nuno Abecasis por «instigação à violência» e «tentativa de atentado contra a liberdade de expressão». O caso refere-se aos incidentes registados na Cinemateca no passado dia 29 quando ali se exibia «Je Vous Salue, Marie», de Jean Luc Godard.

HERMÍNIO MARTINHO, presidente do PRD desloca-se brevemente a Toronto (Canadá) onde vai promover o lançamento do Partido Renovador Democrático — PRD, junto da comunidade portuguesa radicada naquele país. A notícia foi veiculada pelo jornal comunitário «ABC». Desde a Convenção de Tomar o ritmo de trabalho de Hermínio Martinho intensificou-se, agora acrescido pelas constantes solicitações de representantes diplomáticos de países estrangeiros que querem saber o que é o PRD.

FUTRE, o «menino de ouro» do futebol português está (mesmo) no centro da cobiça do Atlético de Madrid, pois o secretário-técnico do clube espanhol anda por estas paragens com uma mala onde viaja um contrato multimilionário. Simplesmente, para além do jogador e do Futebol Clube do Porto também o Sporting (em caso de transferência do esquerdino para o estrangeiro) tem direito a receber uns milhões. Daí que a operação, a rondar os 250 mil contos, esteja no prato da balança.

LUZIA MARIA MARTINS, a fundadora do Teatro Estúdio de Lisboa, foi uma vez mais a encenadora da peça «Jardim de Outono», que esta noite se estreia no Teatro Vasco Santana. «Há muitos anos que pensava apresentar uma peça de Lilian Hellman, uma mulher que assumiu sempre atitudes sérias com uma grande coragem, empenhando-se na luta durante a guerra civil de Espanha». «Jardim de Outono» tem cenografia e montagem de Fernando Midões e conta com a colaboração do actor Mário Pereira, do Teatro D. Maria II.

GILBERTO GIL, chegado a Lisboa ao fim da tarde de ontem, preparado para os dois espectáculos em Portugal: esta noite no Coliseu do Porto, amanhã no Campo Pequeno, em Lisboa. No breve encontro com os jornalistas, falou do «show», definindo-o como «uma postura bonita do palco paara o público». Há quatro anos ausente do nosso país, G. G. explicou ainda a «virada» dos últimos tempos, a adopção do rock-pop.

Só na Grande Lisboa são 15 mil...

Vinte mil excedentários no Ensino Básico e Secundário

Mais de vinte mil alunos do Ensino Básico e Secundário poderão não ter aulas já no próximo ano lectivo por falta de salas – revelou esta manhã a Federação Nacional dos Professores (FENPROF) em reunião com representantes dos órgãos da Comunicação Social.

Na eventualidade do quadro não se alterar decisivamente nos próximos dois meses, ou o mais tardar até à abertura das aulas, pelo menos vinte mil alunos serão já excedentários, o que até agora só acontecia a outros níveis de ensino. A Grande Lisboa será a parte mais duramente atingida por essa limitação, uma vez que nessas condições se encontram mais de quinze mil alunos.

Na Grande Lisboa o eixo Amadora-Sintra será o mais afectado, porquanto desses quinze mil há pelo menos nove mil que habitam nessa área. Aliás, é nele que mais se sente a falta de salas de aula, que na Grande Lisboa, anda à volta de trezentos, segundo o número esta manhã avançado pelos dirigentes da FENPROF.

Redução da carga horária (diminuição do número de horas de aulas) do número de disciplinas são duas hipóteses que têm vindo a ser ventiladas a diversos níveis para solucionar minimamente o problema. Há indícios, foi também esta manhã revelado na conferência de Imprensa, promovida pela Federação Nacional dos Professores, de que o 7.º ano unificado venha a ter menos disciplinas e que desapareça o complemento vocacional (disciplina de opção) do nono ano unificado.

Os restantes cinco mil alunos que correm o risco de não ter aulas no próximo ano lectivo, por serem excedentários face ao pouco número de salas que o Estado oferece, espalham-se um pouco por todo o País.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 212 ● 11 de Julho de 1985

A curiosa singularidade de "Mestre Caeiro"

Eduardo Lourenço

Que uma arte seja **ingénua** *é, por conseguinte, uma contradição; mas, representar a ingenuidade numa pessoa imaginada, é arte possível e bela, embora rara.*
KANT — Crítica do Juízo

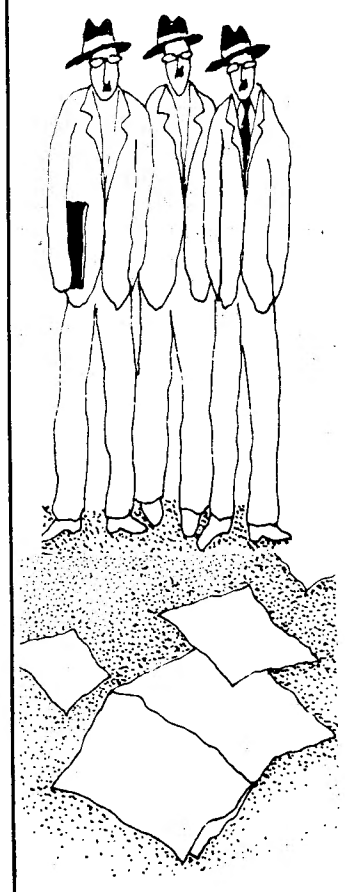
A sua obra é a maior que a alma portuguesa tem feito.
R. REIS

Mas os pastores de Virgílio, coitados, são Virgílio/E a Natureza é bela e antiga.
A. CAEIRO

DO relato de Pessoa uma evidência universal se impôs: a da importância **singular** de Caeiro. Primeiro na ordem da génese, primeiro sobretudo na ordem ontológica fictícia, Caeiro concentrou bem cedo as atenções privilegiadas da crítica*. Não foi por acaso que teve tratamento cuidado e à parte, bem antes dos outros heterónimos. Mas cedo, igualmente, se operou uma osmose fatal entre o **que ele diz** e o que ele é. Mais do que tudo, a evocação que Pessoa (Campos, o que não é a mesma coisa...) lhe consagrou, contribuiu para reduzir o que ele é ao «que diz ser». Recentemente, resumindo num só epíteto, quarenta anos de exegese equivocada, um poeta e um crítico brilhantes, José Augusto Seabra, assimilou Caeiro ao **grau zero de poesia** [1]. Este equívoco de base perturba uma análise estrutural de uma finura extrema. Se fosse necessário demonstrar que a perspectiva da intertextualidade formal, mesmo levada a cabo a partir de uma visão nítida de heteronímia como «jogo» de polaridades e «diferenças» melhor apreendidas que na perspectiva «estilística» magistralmente criticada por José Augusto Seabra, deixa de lado **o segredo efectivo** desse jogo, nenhum exemplo seria mais probante que o do autor de **Alberto Caeiro ou o grau zero de poesia.** Também para J.A. Seabra, e mau grado a sua interessante concepção «galáxica» da heteronímia, Caeiro acaba por ser tratado como **realidade poética** cerrada em si mesma e segundo a função ideal que Pessoa lhe assinala, em particular no célebre «retrato» de Campos, ficção de ficção. A novidade e a eficácia hermenêutica da leitura de J. A. Seabra e que a distingue das anteriores, reside no facto de autojustificar Caeiro, de mostrar a sua **coerência** interna (e não como outros exegetas, de fazer o seu «processo»). É pena que tal «mostração» dependa e seja conexa com a tomada a sério e no mesmo plano do **personagem** Caeiro... que não existe, fora dos poemas. E é, uma vez mais, de uma interpretação que utiliza ao mesmo tempo dois planos (o dos **poemas** e o do fictício criador deles, **o autor** Caeiro) que surge essa conclusão, aparentemente adequada a Caeiro, de designar a sua poesia como de «grau zero». Na verdade o «grau zero de poesia» supõe uma palavra poética o mais próxima possível (ou aquela que mais claramente se anula) do real que visa por não poder sê-lo. Não é o caso de Caeiro. O «que ele diz» (e também o que Pessoa ou Campos dizem que ele diz) é de facto a expressão de uma vontade de «poesia grau zero» ou melhor ainda, de qualquer coisa anterior à própria distinção entre poesia e prosa. Em suma, vontade de **não-poesia**, como J.A. Seabra o sublinha com pertinência. Mas o que ele é, do que vive em cada poema é da **distância** (infinita) que separa consciência e mundo, olhar e coisa vista. Caeiro nasce para a anular, mas é no espaço que separa olhar e realidade, consciência e sensação que o seu verbo (a sua voz) irónica e gravemente se articula. É por isso que, pertinente enquanto definição relativa a essa vontade de «poesia grau zero» manifestada pelo **criador** (Pessoa) a mesma frase aplicada a Caeiro não tem sentido pois Caeiro **não** é o **sujeito** dos seus poemas: «em vez de procurar uma distância, um desvio em relação à prosa, Caeiro procura ao contrário a redução da linguagem poética a uma pura função denotativa ou referencial, de que no limite estaria ausente todo o elemento conotativo[2]. Simplesmente Caeiro não procura nada porque **não existe** não só como «sujeito psicológico» (cela va de soi) mas como «sujeito literário». **Caeiro é o resultado**, simples poesia em segundo grau que pressupõe não só aquele «implícito» que toda a poesia recalca para existir, mas o «explícito» de um outro universo constituído que cumpre determinar. O seu «prosaísmo» nem por analogia longínqua se pode assimilar ao de um Gonçalo de Berceo, cujo «prosaísmo» não dialogava ironicamente com nenhum

Continua na pág. 2

Diário de Lisboa LER ESCREVER



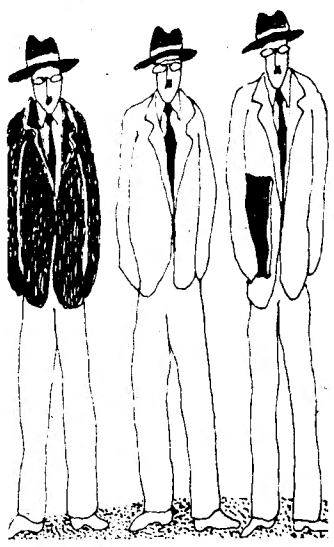
A curiosa singularidade de "Mestre Caeiro"

Continuação da pág. 1

não-prosaísmo como é o caso de Caeiro. Se tivéssemos de empregar uma fórmula de recorte barthiano diríamos, exactamente ao contrário de J. A. Senabra, que Caeiro é o «grau ómega da poesia» de Pessoa. Mas não nos parece indispensável. Basta que relembremos, como mero índice exterior, que a brutal irrupção dos «poemas Caeiro» em Pessoa, já de sobra assinala o carácter de realidade **excessiva** da palavra poética neles presente, e com ele o seu carácter de **resposta** e **solução**, fim e conclusão (precária mas idealmente perfeita) de um conflito — ou de o conflito — inerente à Totalidade da consciência poética antes da misteriosa deflagração criadora de Caeiro. Ora, naturalmente, o que Caeiro **é**, está em relação íntima e intrínseca com o que essa Totalidade **é** concretamente quer dizer, enquanto «realidade poética» cumprida. O perfil dessa Totalidade não constitui mistério para ninguém: é o de uma relação do sujeito com a realidade que só se manifesta pela **consciência da ausência** dessa Totalidade. Por isso mesmo designámos em tempos [3] a aventura poética de Fernando Pessoa de «aventura ontológica negativa», não só porque a julgamos adequada, mas porque assim a pomos em relação analógica com os postulados-chaves da chamada **teologia negativa.** Além disso, também nos pareceu útil e mesmo necessário distinguir a tão específica aventura de Pessoa de outras, igualmente «ontológicas», mas **positivas** como, por exemplo, a de um Jorge Guillén ou de um Francis Ponge. Com efeito, desde a origem (conhecida), a consciência poética de Pessoa glosa o **abismo** que separa consciência e realidade, abismo que vive como insuportável ausência de si a si mesmo e de si mesmo ao mundo. A cura fulgurante para o que não tem cura manifestar-se-á justamente sob a forma Caeiro, pastor sem metafísica nenhuma como por ironia se clama, ceifeira pefeita mas em sonho. Na realidade, é o Pessoa mais distante de si mesmo que foi possível conceber-se, e nessa distância o mais próximo, se o mais próximo é o que nos sonhamos e não o que somos.

Acusou-se, e com razão, até ao extremo de o recusar como Poeta, esse Caeiro-Pessoa, de intelectualista e dialecta, quando não mera e anedoticamente satirista de uma visão do mundo evanescente e simbolista. Salvo os que coerentemente o recusam como poeta [4], aos outros cabe conciliar esses qualificativos que se querem pejorativos com a poesia autêntica que em Caeiro admitem. Não é problema nosso. A «prosa dos seus versos» modula a mais profunda aspiração de Pessoa; não a de unir-se às coisas e ao Universo como panteísmo romântico mas de estar separado e assim unido a si como essas coisas o estão por não serem consciência e desse modo poder sentir-se existente como elas **existem** sem realmente «existir». É a mais intelectual das suas poesias, sem dúvida, mas os exegetas podiam acrescentar que é a mais «maternal», a mais regressiva «à paz das coisas sem gente» e a mais nietzschianamente trágica na sua vontade de aceitação **do que é** que lhe era tão constitucionalmente estranhia. Em poema algum como no VIII do «Guardador de Rebanhos», Pessoa se fez seu pai inexistente e sua mãe para se pegar ao colo e se abrigar dessa mesma chuva dos dias do Destino que com tão virgiliano tom diz aceitar. Com geométrica precisão soube Pessoa mostrar-nos os meandros e os fios condutores que do «universo-Caeiro» partem para Reis e Campos. Mas não soube, não pôde ou não quis explicar-se e explicar-nos senão como **milagre** o surgimento de Caeiro. Ele **viu-se** criando Reis e Campos mas não o **Mestre** deles e seu. É do **exterior** ou do **alto** que a série fulgurante que os **poemas-Caeiro.** são, lhe aparece ou cai. Esta auto-ocultação (que como veremos não foi total) é por de mais significativa da irrepressível necessidade interior que os poemas incarnam sob uma forma brutalmente **censurada,** a pontos de Caeiro se apresentar como o **Outro**. A universal explicação «dramatrúgica» de génese heteronímica, colocada por Pessoa sob o signo claro de Shakespeare, é demasiado larga para o caso-Caeiro. Caeiro não é o Hamlet nem a Lady Macbeth do eu (literário) de Pessoa. É a sua directa manifestação **não reconhecida**. Ao seu nascimento preside qualquer culpa ou transgressão que a consciência clara (no seu caso, hiperlúcida) do seu criador recusa, preferindo ver-se **criado pela sua criatura**. Em nenhum dos seus heterónimos Pessoa se sente (mas sabe?) mais **alienado** que naquele nascido para colmatar a mais indesraizável e original **indecisão** que o caracteriza. Em suma, há uma relação de má-consciência (transfigurada na «recordação» de Campos em máxima boa-consciência) entre Pessoa e o primeiro dos seus heterónimos, primeiro na ordem da aparição, primeiro no lugar que ocupa no cenário inconsciente do seu criador, mas primeiro igualmente **na morte.** Caeiro morre cedo (a bem dizer viveu **um só dia**, o celebrado «dia triunfal») porque Pessoa não podia suportar o peso de uma visão, de uma verdade que não eram suas, senão sob a forma violenta, mágica, de **um momento** inversor do seu mais profundo, constante e único sentimento de si mesmo e da vida: o da total e abissal **irrealidade** de ambos. Se Caeiro arranca a Campos seu biógrafo (em segundo grau) «as lágrimas que não dá a si mesmo nem à vida» é só porque nele se plasma a **impossibilidade extrema** de sentir o real e de usufruir o sentimento da realidade de outra forma que na ficção, através do fictício (e real...) «guardador de rebanhos» nunca guardados.

Não é só apenas porque enquanto resposta Caeiro supõe para a compreensão plena da sua **realidade** o conhecimento daquilo a que responde, que a sua intrínseca natureza é **dialogante**



e de segundo grau. Mesmo abstraindo desse nexo que lhe é co-essencial, é impossível ler os poemas sem apreender o movimento pelo qual eles denunciam esse carácter dialógico e diferido [5]. Na rua realidade, isto é, na textura dos poemas onde somente existe, Caeiro não é essa resposta efectiva, essa **inversão** miraculosa da visão poética anterior a ele, como Pessoa, vitalmente interessado nela, a auto-interpreta. Só o **mito Caeiro** — e em particular na boca de Campos — cumpre essa função real e impossível que o seu criador lhe atribui. **Os poemas** são outra coisa e sem véu algum o proclamam: não o canto da realidade ou mesmo da conciliação entre consciência e realidade com a felicidade suprema de que se acompanha, mas reiterado movimento de uma consciência para se anular enquanto tal e só a esse preço se salvar. A uma consciência incapaz de tocar o mundo ou de ser tocada por ele, como é a que estrutura toda a visão poética de Pessoa **anterior a Caeiro** sucede, aparentemente, a visão oposta de uma omnipresença tão radical do mundo que a consciência se anula ao seu contacto e nessa anulação encontra a solução para a infelicidade original que lhe é inerente:

Gosto que tudo seja real
e tudo esteja certo.

Mas é a apologia mesma desse «gostar», a litania patética na sua ironia triste e na sua tranquilidade de sonho, que dedica à «**espantosa** realidade das coisas» e à exaltação da sua «diferença» (diferença entre cada coisa, e diferença entre «coisa» e «consciência» igualmente reduzida a forma de «diferença» e nada mais) que desenha sob os traços do «poeta da realidade» e da «Natureza» a figura inversa que o remete, com mais nitidez ainda, para o horizonte que desejou desertar. Não é um canto de jubilação, nem sequer aquela alegria não manchada pela sombra cristã que se atribui ao «paganismo» que Caeiro **é** (para Campos), a que brilha nos seus poemas. É uma voz branca, ligeiramente irónica, consciente de si mesma e do carácter hiperbólico da sua apologia da aparência manifesta e por isso mesmo deixando filtrar esse «encolher de ombros» absoluto, essa melancolia irredutível que foi o sol negro de Pessoa. Nascido para pôr termo ideal à consciência de inexistência que o caracterizará sempre, Caeiro elevará ao máximo, sem as superar, as aporias e agonias dessa consciência. Mas em vez da música tantas vezes já tocada de uma interioridade sem cessar debruçada no poço de si mesma, brilha nele a vontade de a suspender na raiz regressando àquele **ponto** anterior à cisão de que a **consciência** é justamente o (para ele) envenenado fruto. Ser como o Sol:

Dourar sem literatura.

Em nenhum dos seus heterónimos se consubstanciou tão fundamentalmente a questão ontológico que tem a Linguagem como centro[6]. A «prosa dos seus versos» é, por fora, a materialização (só simbólica, mas significativa) da consciência que teve Pessoa da **incapacidade radical** da Linguagem para nomear o Real. E só é «poesia» em Caeiro, pela presença nela do visível sofrimento espiritual transfigurado em falso-contentamento pelas «coisas serem o que são» e terem «os nomes» que têm. Queixar-se ou acusar de «intelectualista» a poesia-Caeiro é duplamente pleonástico. Ninguém sabia e o disse com mais precisão que Pessoa mesmo, exegeta incomparável da sua criação. «Nestes poemas aparentemente tão símplices, o crítico, se se dispõe a uma análise cuidada, hora a hora se encontra defronte de elementos cada vez mais inesperados, cada vez mais complexos. Tomando por axiomático aquilo que, desde logo, o impressiona, a naturalidade e espontaneidade dos poema de Caeiro, pasma de verificar que eles são, ao mesmo tempo, rigorosamente unificados por um pensamento filosófico que não só os coordena e concatena, mas que ainda mais, prevê objecções, antevê críticas, explica defeitos por uma integração deles na substância espiritual»[7]. Pessoa (Ricardo Reis) alude ou exemplifica uma perceptível ruptura de **atitude** em relação ao sentido a conferir ao real pelo «poeta-Caeiro» e que de forma aparentemente paródica Pessoa explica pelo facto de o «guardador de rebanhos» **doente** ser já um «outro» e por isso mesmo ter «outra visão» do real. Mas a confissão é mais explícita nas breves linhas da «recordação» de Álvaro de Campos. A «ideia» que organiza o discurso poético de Caeiro é a da **impossibilidade** metafísica de nomear a realidade, porque nem «o nomeador» nem «a coisa nomeada» segundo o seu heraclitianismo devastador **têm permanência**. Se tivéssemos **olhos** para ver isto, em vez de apenas o pensar, diz Caeiro, **seríamos felizes**. Caeiro não **tem** estes olhos, que ninguém tem, e só a Ciência, suprema nomeação sem sujeito nomeante, se esforça por ter. Na ausência de olhar (de acto) que ajuste a nossa realidade (nunca idêntica) às coisas (nunca idênticas) **finjamos** que são só o que parecem e que as conhecemos, aceitando que o nome que lhes damos é o que lhes convém. Assim acreditaremos na sua **existência** e em troca recebemos dessa convicção a consciência de igualmente **existir**:

O que nós vemos das coisas são as coisas.
Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Porque é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?[8]

Continua na pág. 4

CHECOSLOVÁQU

Os direito

1. «CONTA-ME MENTIRAS» é um filme de Peter Brook, realizado durante a agressão ianque contra o Vietname. Esse filme conta também a produção do próprio filme, a meditação sobre o produto em formação.

Numa das suas sequências, assiste-se a um diálogo entre dois montadores, após terem montado uma sequência que mostra imagens de corpos vietnamitas dilacerados, projectadas coincidentemente sobre corpos ingleses sem qualquer arranhadela.

— Achas que o filme será exibido em Hanoi?
— Claro que não.
— E em Nova Iorque?
— Claro que sim.
— O que é que isso prova?

2. A delegação portuguesa a

que pe
Praga p
Antifas
Tenh
duos qu
ção, a
Tudo o
Estab
sobre a
desse d
lavras
mente
nuncian
ter inte
mostra
breposi
referida
cias nã
Abor
tariame
Algu
gunta
perigo
nhum c
um rep
Ora,

Manifestação contra o armamento nu
quia)

ESLOVÁQUIA FICÇÃO - IV

Ramiro S. Osório

...lireitos de autor de uma porca

...MENTI-...e Peter ...rante a ...o Viet-...também ...filme, a ...duto em

...uências. ...go entre ...s terem ...cia que ...pos viet- ...projecta- ...e sobre ...qualquer.

...lme será

...ue?

...prova?

...uguesa a

que pertenço foi recebida em Praga pela União de Resistentes Antifascistas.

Tenho à minha frente indivíduos que conheceram a deportação, a luta armada e a vitória. Tudo o que não conheci.

Estabelece-se um diálogo sobre a paz. Em vários pontos desse diálogo virei a ouvir palavras que suscitam imediatamente palavras que não pronunciarei. Saio da reunião sem ter intervido. Tal como não teria mostrado aos vietnamitas a sobreposição de imagens acima referida. A diferença de vivências não o permite.

Abordarei aqui o que voluntariamente calei.

Alguém começou uma pergunta dizendo: «Se surgisse o perigo fascista no mundo». Nenhum dos antifascistas levantou um reparo a tal formulação.

Ora, o perigo fascista não é uma hipótese mas um facto.

Visitados e visitantes eram pela paz, e entenderam-se perfeitamente através de um diálogo formal, banal, desses em que se fala para dizer coisa nenhuma.

Esperava de indivíduos que conheceram a deportação, a luta armada e a vitória, uma posição perante a paz que não coincidisse tanto com a passividade dos que conheceram a derrota da paz podre salazarista.

Na realidade estas linhas não dizem respeito à Checoslováquia. Elas poderiam ter sido desencadeadas na Brasileira do Chiado.

Ser pela paz. Que paz? À custa de que vítimas?

Não haver guerra não basta. O discurso da paz encerra também o egoísmo característico de qualquer corporativismo. Manter a paz. Onde ela existe. E os outros que se lixem. (1)

Porque a palavra de ordem «manter a paz» exclui à cabeça os que vivem sob as bombas, e exclui todos aqueles que conseguimos matar sem bombas, à fome por exemplo, no terceiro mundo em geral, e nos terceiros particulares do nosso mundo.

Os terceiros mundos são campos de concentração de costas para os quais vivemos tão alheados como os alemães tranquilos que diziam depois não saber o que estava a acontecer.

Ao fim e ao cabo, esta paz que se quer mantida é uma reivindicação de privilegiado. Quem acredita que possa existir um movimento pela paz na Etiópia?

...a o armamento nuclear (na Checoslová-

3. Perto de Bratislava, visitamos uma fazenda estatal.

O salário médio nessa fazenda é de 3150 coroas. (Não interessa saber a quantos escudos equivale essa quantia. Porque as regalias sociais nos dois países não são obviamente as mesmas. E também porque o que pretendo focar é o leque de salários). Nessa fazenda, uma mulher de limpeza ganha 2000 coroas e um tractorista o dobro.

Quis saber se o facto dos salários não serem função exclusiva do horário de trabalho correspondia a um mal necessário ainda não resolvido ou a uma deliberação.

Quis saber se uma das metas que a fazenda estatal espera alcançar é a uniformização dos salários — um salário igual para todos que trabalham um mesmo número de horas, independentemente do tipo de trabalho efectuado.

Não. Não visam essa uniformização. Continuam a considerar que o trabalho deve ser valorizado segundo a natureza da tarefa.

Não percebo como num país em que todo o ensino é gratuito continua a haver pessoas dispostas a dedicarem-se a trabalhos menos interessantes, tanto mais que ao desagrado inerente à produção de um trabalho menos interessante se junta o inconveniente de uma remuneração inferior. A haver uma diferença nos salários, porque não no sentido contrário? Uma compensação em favor dos que produzem trabalhos menos gratificantes.

Quis também saber se existem na fazenda mulheres tractoristas ou homens de limpeza.

Dado que não, permiti-me considerar a existência implícita de uma discriminação salarial sexista.

Alegam-me que a protecção às mulheres proíbe que lhes sejam dados trabalhos pesados, e que além de tudo o mais considerariam injusto dar às mulheres trabalhos que requerem uma maior força.

Respondo: O que a protecção às mulheres deveria proibir é a injustiça de ganharem menos por terem (alegadamente) menos força.

O director da fazenda volta então a falar de hierarquia de tarefas e hierarquias de salários. «Se eu ganhasse menos não queria ser director. Teria menos dores de cabeça.»

O dinheiro como móbil, determinante de carreira.

Digo-lhe sorrindo que aí reside um ponto comum com a sociedade capitalista: aceitar como lógica a inferior remuneração do trabalho de limpar.

Intervém outro trabalhador da fazenda: «Já Lénine afirmou que os valores para o Ocidente são os mesmos.»

Só que essa frase quer dizer que os bons exemplos de Leste são aplicáveis no Oeste, não diz que os maus exemplos do capitalismo devam ser recuperados pelo socialismo. É jesuítico utilizar tal citação para tentar justificar uma injustiça.

4. Honni soit qui mal y pense.

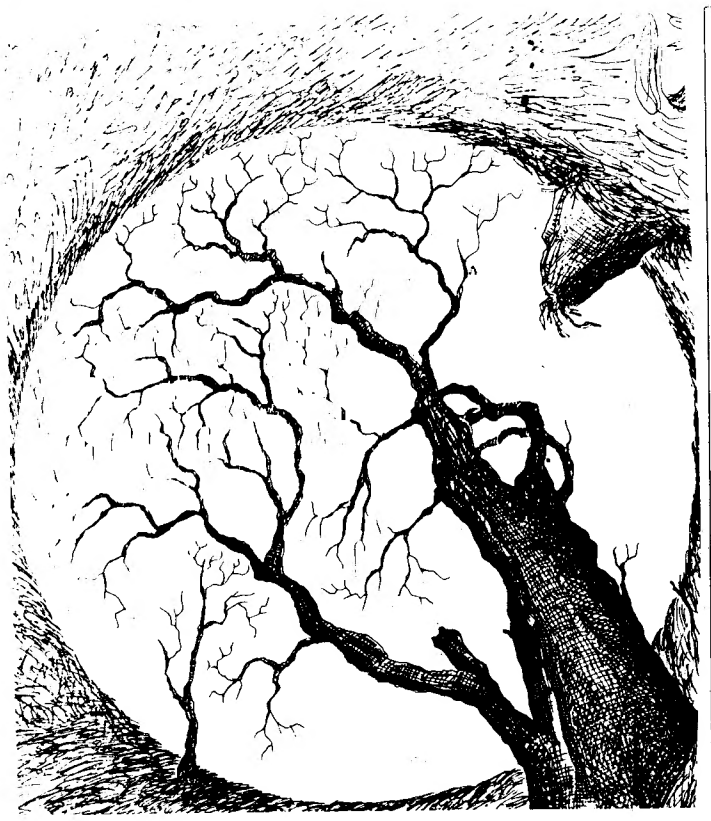
Criticar é fácil. Mas tal facilidade não se pode opor-me como barreira para o fazer.

Que esta crítica seja apenas vista como reflexo de exigência perante alternativas que respeito. Exigência que seria descabido manter face à «nossa» sociedade.

Constrange-me que a reivindicação «salário igual para horário igual» continue a parecer-lhes indevida.

Foi talvez tentando erradamente lisongear a minha costela escritora que me foi dito que na Checoslováquia os artistas são pagos a peso de ouro, sobretudo graças aos direitos de autor. «E é lógico. A obra de arte é algo que continua a trabalhar ao longo dos anos.»

Minha única observação: a porca que o operário fabrica continua também.



PEDRO ALVIM

A esfera dos dias

Ana Paula Portugal

DIZER algo acerca do livro de poesia «A Esfera dos Dias», de Pedro Alvim, é, simultaneamente, um prazer e um desespero. Um prazer porque é a escrita deste livro a harmoniosa e poética reflexão do quotidiano. Aliás, é neste chamar o ser da rotina dos dias que encontro o carácter peculiar desta poética. Assim, todos os pequenos nadas com que, no dia a dia, o poeta (e nós) se defronta são em «A Esfera dos Dias» nomeados. Estou a pensar o poema «Dia 1» onde o autor, com uma elegância geométrica, tematiza um acontecimento doméstico. Estou a pensar a forma objectiva com que no poema «Rua» nos diz o fracasso resultante de um não-compromisso com os dogmas ideológicos que lhe são impostos. Só que se trata de um momento maduro. Feito de sageza. E a impressão que me dá ao lê-lo é precisamente a de que há nele a arguta compreensão do real. Neste caso, de uma parte desagradável do todo-fluir existencial. Passo a citar: «Sempre de perfil / no umbral do mundo, / a porta não entrando / das certezas, / às doutrinas fugia / e suas poses. / E em meu ombro adeus / cerrou-se a porta: / (...).»

Experimenta-se, neste poema, a solidão e o mesmo sucede noutros poemas deste livro. Porém, trata-se de uma solidão que mais é o assumido espaço num englobante contexto que é a mundivivência da palavra adulta. A cosmovisão equilibrada de uma senssibilidade onde a razão é dominante. O factor de equilíbrio positivista. Passo a citar outros poemas que entendo exprimirem estas arritmias dentro da inalterável sinfonia — ser do homem. No primeiro deles, a voz do poeta é o olhar voltado para si mesmo. O encontrar da sua própria identidade. E, nela, a inegável descoberta do isolamento. Assim, escutemo-lo contar-se: «Súbito / um toque / no fundo / de mim. / «Está lá?» / — perguntei. / E logo vieram / nomes sem fim. / Ao telefone / se diria / que eu estava / — mas só de mim / e em mim / a mim me falava.»

No segundo destes poemas, assistimos ao mesmo espelhar da solidão. A solidão do outro e, contudo, com que beleza dela se fala! Detenhamo-nos um pouco neste excelente discurso poético em que a ruptura entre o real e o idealizado é, mais uma vez, equilibradamente revelada: «Sete homens foram presos / quando pela noite / os cabelos puxavam / a uma rapariga. / Algures na cidade / eles só buscavam / o dia sumido. / «Olha ali o sol» / — dissera um / na solidão do Metro. Era / uma cabeça loira / — e mal os raios tocaram acesos / ali se ficaram e foram presos».

A casa, a solidão, a rua (ler o poema «Eléctrico»), o amor (ler o poema «Luz») e o deambular pela noite são momentos que o poeta vive diariamente e nos quais nos reconhecemos talvez sem essa serenidade reflectida pelo autor. De qualquer modo, são momentos em que nos reconhecemos. E isso me parece ser interessante sublinhar neste livro.

Quanto ao desespero, por mim, sentido ao interiorizar «A Esfera dos Dias» tem ele a ver com o desfasamento que há entre a data da sua construção (1982) e a data da sua publicação (1985). Porquê? Porque ele me faz meditar na árdua labuta que é a do escritor, mesmo tratando-se de um poeta conhecido como é o caso de Pedro Alvim, dentro de uma máquina editorial onde o escritor é muito pouco atendido. Porque me faz pensar que na altura em que este livro foi editado (1985), já o autor (não esquecer que foi escrito em 1982) está a trabalhar diferentemente a sua poesia. Sabe-o quem lê os seus deliciosos poemas, regularmente publicados no «Suplemento Literário» do «Diário de Lisboa».

Que relação há entre o poeta de «A Esfera dos Dias» e o poeta de agora? Apenas o equilíbrio. A perfeita apreensão da forma poética que lhe é inerente. Contudo, no presente, ela é-nos dada como se de FORMAS PLATÓNICAS se tratasse.

Chegou-nos tarde, mas chegou este «Esfera dos Dias» (que está dividido em três partes: «SOL», «SOL POSTO» e «LUA»)... O que significa movimento, e também diferença, rompimento com uma totalidade claramente explicitada no terceto final do último soneto: «Quarenta direcções eu saiba e some / e sábio a tudo dê / um só e mesmo nome!»

Nota por escrito

LISBOA tem ido demasiado a caminho da província ou, como gostava de dizer com sua cortante ironia, Manuel Lima, «a chamada província». Já é tempo de «a chamada província» rumar para Lisboa.

Chegam-nos aqui, à capital, ecos preciosos de uma vida cultural intensa, original, palpitante. Foram as jornadas de poesia vividas em Vila Viçosa, são realizações culturais que rodeiam a Feira de S. João, em Évora, são os concursos literários realizados em tantas autarquias, é a descoberta do nosso povo intensamente vivida em concelhos como Seixal (que tem o privilégio de possuir um poeta como presidente da Câmara, e isso, parecendo que não, ajuda muito...) e poderíamos acrescentar aqui uma data de etc.

O silêncio costuma rodear essas iniciativas . E é para não nos tornarmos cúmplices desse silêncio (dessa sabotagem, inadvertida ou propositadamente assumida) que hoje dedico esta nota a uma bela e corajosa iniciativa.

Trata-se da revista, MOVIMENTO CULTURAL, editada pela Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal.

Notemos em primeiro lugar que não se trata de uma revista que trate apenas dos problemas específicos do Poder Local, nas suas várias vertentes políticas, circunstanciais. Ela dá-nos diversos aspectos da cultura local, ou seja, do sedimento de experiências e conhecimentos através dos tempos sem se colocar numa posição, digamos, **regionalista.** A mim, por exemplo, que não estou directamente ligado (por nascimento, por tradição, por interesses imediatos) ao distrito de Setúbal torna-se altamente gratificante, em termos culturais a leitura de trabalhos como os de Eurico da Fonseca, Fernando António Pereira, Michel Giacometti, Alexandre Flores (aos meus camaradas de profissão chamo a atenção para este artigo sobre a imprensa de Almada através dos tempos) Borges Coelho (a pícara história de um quadro em que Nossa Senhora aparece travestida de D. João V...) etc. Importante, igualmente, o levantamento da tradição das cegadas carnavalescas, e essa peça de vida vivida, de História de um povo em forma de reportagem que se chama «Os canastreiros».

Muito, muito mais se poderia dizer deste «Movimento Cultural» cujo primeiro número se publicou em Abril e se projecta tendo na bandeira as palavras de José Saramago: **Uma cultura democratizada não é uma cultura ao alcance de todos, mas uma cultura com a intervenção de todos.**

Diga-se, em resumo, que com esta revista a cultura local sobe à cultura nacional. Merece a atenção de todos.

M.C.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

A curiosa singularidade de "Mestre Caeiro"

Continuação da pág. 2

Todos os fantasmas do idealismo subjectivo se perfilam sob esta mastigação provocante (sobretudo para quem a formula) e secretamente apavorada. **Ser** é «ser percebido», Ser é «ser pensado»? Recusemos radicalmente esse primado da consciência que suporta tais fórmulas aceitando em seu lugar o **materialismo** polémico, agressivo no seu primitivismo voluntário, na realidade já de volta da oposição em que «idealismo-materialismo» têm sentido:

Tristes das almas humanas que
põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de coisa
a coisa,
Que põem letreiros com nomes
nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de
latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente
e mais verde e florida do que
isso![9]

Assim tudo quanto nos cerca não tem **nome** se no nome imaginamos apreender qualquer outra coisa que um mero «designar» de uma opacidade brutal que é **a existência**. Mas nós nascemos ou inventámos uma atmosfera, uma rede de **nomes** através dos quais **magicamente** nos apropriámos o Universo. Apropriação **inane** e pior do que isso, ilusória e fautora de ilusão é essa para quem dela acorda, como Pessoa, através Caeiro, quer acordar. A Linguagem é antes a forma suprema de fazer evaporar a Realidade, de a afastar de nós, de **a perder**, de suspender e desatar o cordão umbilical que a ela nos unira (e une) se conseguíssemos **silenciá-la**. É nesse silêncio **anterior à palavra** que Caeiro deseja repousar. É mesmo nele que diz repousar. Regressar a esse Silêncio não é voltar do mais ou menos, da vida à morte, do dia à noite, mas o contrário, o regresso ao pleno dia da Realidade, **ao puro existir**, que ser-consciente (pensar e falar) turvam em seu princípio. É ser.

. . . o Descobridor da Natureza
. . . o Argonauta das sensações
verdadeiras.

Não é um convite à fusão ou efusão, romanticamente concebidas, na esperança ou na ilusão de uma identificação salvadora com a Natureza a fingir de Deus disfarçado. A Natureza é só o muro nu do **existir**, não tem nada de particularmente acolhedor ou maternal a não ser pelo facto bruto de ser **não-consciência**. Por razões diversas das de Malebranche, Caeiro diria também que a Natureza é uma «quimera».

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.
A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham
E que só eu, porque a não fui achar, achei[10].

É absurdo e bem inútil parcelizar ou fingir que são da ordem da **pura afirmação** estas asserções de Caeiro para em seguida as comparar opondo-as às de outro heterónimo ou dele mesmo. Se o fossem não estaríamos diante de um poema e quem assim as recebe no mesmo momento o anula. Que roçam perigosamente o ponto em que poderiam anulá-lo (e para um Pascoaes, um Régio, Mário Sacramento e em boa parte Jacinto do Prado Coelho e G. Lind o anularam) deve conceder-se, mas a interna interrogação que as acompanha com a temerosa inquietude mal sepultada donde nasce, bastam para a devolver ao mundo ideal da afirmação suspensa e a momento de mais vasta e ambígua arquitectura espiritual, alheia a toda a apropriação de ordem não poética. Esta Natureza que «não tem dentro» já não é a máscara de Deus, mas a fria ou neutra face da sua **não-existência.** Impossível ler no rosto do Universo (nome ainda...) uma finalidade ou um sentido. Em Antero, como em Hegel, e mau grado a sombra de Schopenhauer, a Natureza é espírito inconsciente e nos momentos de efusão panteísta, inconsciência em processo de consciencialização. A escada foi descida por Pessoa-Caeiro até ao fim. A Natureza é **inconsciência sem espírito,** pura superfície nua e vazia. O Universo é uma pluralidade sem nexo de seres e coisas separadas uns dos outros pela sua própria **existência.** O poeta que ressentiu como sua a solidão das estrelas (ou que verteu nessa piedade estelar a que a si mesmo britanicamente se não concedia) é o mesmo que **finge estar contente** (e de algum modo o está, pois «fingir é conhecer-se») com esse dado de solidão, de diferença, de separação, sem o qual nada viria à existência. **A universal solitude,** por assim dizer, **física,** das coisas, consola-o da sua. É assim, negativamente, que Caeiro, poeta da «Natureza sem gente» comunica com o Universo...

O mistério da génese **concreta** de Caeiro, para além de mera possibilidade dialéctica incluída na forma de consciência de Pessoa de onde surgiu, **prende-se sem equívoco possível ao seu encontro com Walt Whitman.** Não convinha ao orgulho (porventura inconsciente em sentido preciso) de Pessoa que o seu **primogénito** saísse com essa máscara colada à cara. Que parece não ter saído é o que se depreende da unânime e óbvia relacionação que todos os críticos fizeram de Campos com Whitman e não com Caeiro[11]. Todavia quando se examina melhor Caeiro salta aos olhos a presença avassaladora, **essencial** e não meramente acidental ou decorativa, de Walt Whitman, cantor, mas à primeira potência (em todos os sentidos) das coisas reais, na sua multiplicidade transbordante e na plenitude da sua **diferença.** A Whitman, Pessoa tirou todos os ossos, todo o apetite e paixão das coisas reais, guardando do choque potente da sua leitura **a nostalgia descarnada** dessa saúde de pioneiro que não era feita para ele. Com ela, e com o que era, **fez-se Caeiro.** Na galeria mais secreta da sua alma estrangulou o Mestre, e quando um dia, em figura de gente e sem lhe pedir licença, lhe apareceu, não o reconheceu. Com aparência de razão: Caeiro **não é** Whitman. Separa-o dele a distância que separa «a realidade» da imaginação dela: Caeiro é um Whitman «imaginário» ou antes, um **Whitman em ideia.** A adesão à realidade estava-lhe vedada (à «realidade» como geralmente se entende, e ele mesmo a entendia) por ele ser quem era, ou porque destino e deuses assim o decidiram, mas não lhe estava vedado o acesso ao **sonho da realidade.** Sob Caeiro o leva a cabo construindo um imaginário refúgio contra o seu sentimento de irrealidade, mas como a ficção o podia consolar tanto ou mais que essa realidade onde nunca pôde descobrir outra coisa que ficção, ele próprio seu criador se tornou seu filho e seu discípulo. É a mais insólita e patética aventura espiritual da nossa Literatura. Mas só no espelho de Campos que a amplia e obriga a revisitá-la, a veremos melhor.

** Ver nota C, no fim do volume.*

1 José Augusto Seabra. Alberto Caeiro ou le degré zero de poésie. Publicado no 1.º Número de Sillages, revista da Secção de Estudos Portugueses e Brasileiros de Poitiers, dirigida pelo prof. R. Lawton. O artigo publicado em 1972, é o único que conhecemos de mais vasto trabalho que serviu de tese ao seu autor em 1971 e ainda não impresso.

2 Ob. ct., pp. 48-49.

3 Presença ou a contra-revolução do modernismo português. Separata da Revista do Livro, Rio de Janeiro. 1961, pág. 69. Publicação anterior no Suplemento Literário de «O Comércio do Porto».

4 Parece ter sido o caso de Teixeira de Pascoaes. Entrevista n' «O Primeiro de Janeiro», de que não conservamos referência, só lembrança. Por volta de 1951, José Régio não estava longe de partilhar a mesma opinião, em relação a Caeiro.

5 Isto mesmo foi sensível à minuciosa análise estrutural a que J. A. Seabra o submeteu. Ver ob. cit., L. S. Picchio igualmente insistiu sobre o carácter «crítico» dos heterónimos.

6 Esta questão foi abordada por nós num ensaio intitulado: Kierkegaard e Pessoa ou a Comunicação Indirecta, de 1954; só parcialmente publicado.

7 O. P., p. 135.

8 O. P., p. 154.

9 O. P., pp. 163-164.

10 O. P., p. 165.

11 Como em tantas outras coisas, João Gaspar Simões «presumiu» esse laço, como escreve J. do Prado Coelho, que igualmente o presume. Mas a hipótese ficou sem consequências hermenêuticas em um e outro.

Nota C

Como é sabido, essa atenção precoce e lúcida concentrada em Caeiro deve-se a Guilherme de Castilho: Alberto Caeiro. Ensaio e compreensão poética, publicado no célebre número de Presença dedicado à memória de Pessoa (p. 13 a 16). O ensaísta destaca o carácter excepcional da obra de Caeiro: «talvez a mais vasta de toda a nossa literatura poética», entenda-se, a mais considerável. «Vasta... porque, na verdade, nessas duas breves colecções de poemas... encontramos nem mais nem menos que as bases essenciais de uma metafísica, de uma estética, de uma teoria do conhecimento e até de uma ética, de uma religião e de uma sociologia».

Este sentimento da importância específica da poesia-Caeiro não encontrará o mesmo eco nos patronos críticos de Presença: Régio e Simões. Mas a análise e os conceitos que G. de C. utiliza para descrever a visão metafísica de Caeiro — de um Caeiro lido na linha das suas afirmações — encontrar-se-á, intacta, em todos os comentadores futuros que o re-utilizam quase palavra a palavra, citando-o ocasionalmente.

(Segundo capítulo do ensaio «Fernando Pessoa Revisitado», de Eduardo Lourenço, Moraes Editores, 2.ª edição, Colecção Margens do Texto).

TÍTULO — O Príncipe Imaginário e Outros Contos Tradicionais Portugueses
AUTOR — Adolfo Simões Müller
ILUSTRADOR — Manuela Machado
EDITOR — Distri Editora

Em 1931 Adolfo Simões Müller estreava-se como autor de literatura para crianças e jovens. Mais de 50 anos dedicados a uma tarefa de tamanha responsabilidade! Pois antes de qualquer apreciação a este seu livro, e para além da existência de possíveis diferentes concepções estéticas (nós sabemos que nem o próprio alqueire vale o mesmo no mesmo país e até na mesma região...), daqui se saúda quem amou um trabalho e o serviu durante mais de 50 anos.

Quem o serviu, vírgula: quem o está servindo e de uma forma que constitui uma espécie de homenagem à própria literatura infantil, ou seja, com uma recolha trabalhada de contos tradicionais.

Nos tempos, aliás não muito longínquos, em que a literatura para crianças ainda não era uma actividade específica, as crianças consumiam principalmente a literatura popular. Trata-se, em muitos casos, de uma literatura para adultos e bem adultos; mas também «as mil e uma noites» o são e de que maneira!) e no entanto sempre se dá um jeito de transformação radical...

Aliás, quem recorda o carácter adulto destas histórias é o próprio Adolfo Simões Muller, no intuito de precaver os leitores para determinadas situações mais melindrosas no aspecto educativo. De facto, em certas histórias como «As Três Cidras do Amor» é iminente o perigo de contaminação racista, e se um adulto pode situar historicamente o conto, para as crianças o caso muda de figura. A mesma situação de desvirtuamento da realidade acontece naquele pequenino conto (aliás de duvidosa origem popular) em que se apresentam como belas as margens do Guadiana, menos belas as do Tejo e de «tristes» as do rio Douro...

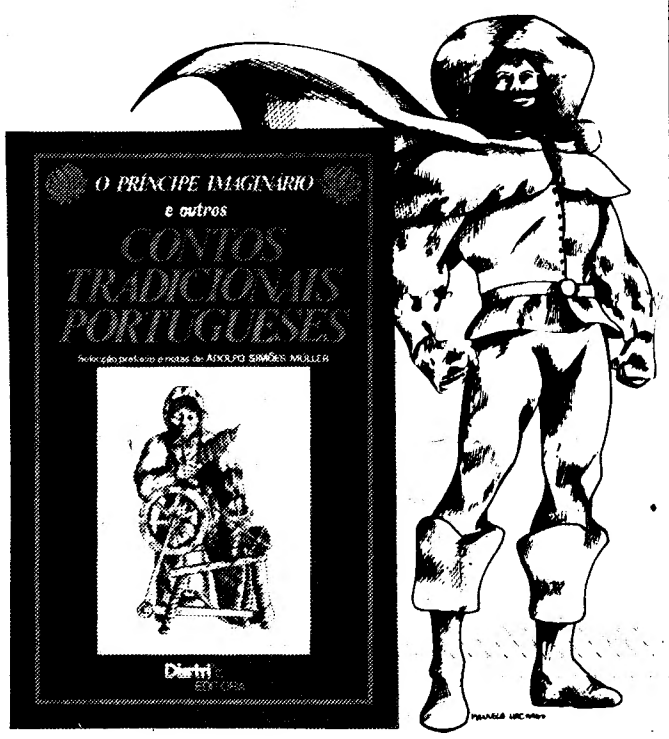
O rio Douro espera que se faça justiça à sua beleza. Muito tempo se demorou a fazer justiça ao encontro, à sabedoria da literatura popular. Estes «Contos Tradicionais Portugueses» de Adolfo Simões Müller são um bom contributo para reforçar o amor e o interesse pela procura das nossas raízes.

Nossas — e não apenas no aspecto da nacionalidae restrita, mas no sentido universal da posse. Procedeu bem Adolfo Simões Muller quando, em nota incluída neste livro, chamou a atenção para dois aspectos relacionados com as raízes da experiência: por um lado, como na história de Frei João Sem Cuidados, a estória que nos deixou Gonçalo Trancoso; por outr lado, a relação, onde exemplos não faltam, com os contos doutros países, doutras culturas.

São de facto misteriosas as ligações entre a arte assinada e a arte popular. Eu, por exemplo, já encontrei numa feira do Norte pratos de barro com uma quadra de António Aleixo, sem o nome doautor. E já havia, ao lado, compradores que se maravilhavam com o génio do nosso povo...

Outro exemplo: o leitor conhece, com certeza famosa quadra popular

Ó águia que vais tão alto
por essas serras além
leva-me ao céu onde eu tenho
a alma da minha mãe.

Pouca gente saberá, no entanto, que ela tem autor. Se o leitor souber quem é (um grande autor português do século passado... mande-mo num postal — terei o prazer de lhe oferecer um exemplar de «Contos tradiconais Portugueses» que Adolfo Simões Muller certamente se dignará autografar.

MÁRIO CASTRIM